

IV GOVERNO BALANÇA NO "ARAME"

PCP vai rejeitar PS faz reservas

• Mota Pinto e Soares avistaram-se ontem

Mário Soares terá transmitido ontem a Mota Pinto as reservas do PS quanto à composição do IV Governo, que amanhã é empossado pelo Presidente da República. O secretário-geral do PS e o novo Primeiro-Ministro avistaram-se ontem à tarde em Catalazete durante pouco mais de uma hora, numa entrevista solicitada pelo segundo. Na origem da convocação do encontro estavam as dúvidas do novo Chefe do Governo quanto ao futuro que a Assembleia da República lhe reserva, quando provavelmente ainda este mês (o mais tardar nos primeiros dias de Dezembro) lhe submeter o seu Programa.

Mota Pinto terá desejado conhecer a posição de voto que irão assumir os deputados socialistas, já que, face à moção de rejeição que os comunistas vão avançar, deles dependerá a passagem do próximo Executivo. A decisão do PCP de apresentar uma moção de rejeição só foi oficialmente anunciada ao fim da tarde de ontem por Álvaro Cunhal, mas quando Mota Pinto convocou Mário Soares já não restavam dúvidas quanto à decisão que os comunistas iriam tomar. Tratou-se, assim, de uma «jogada de antecipação».

Segundo julgamos saber, Mário Soares terá deixado o seu interlocutor na expectativa, não se pronunciando em definitivo e acentuando que, com a actual equipa do MAP, o grupo parlamentar socialista dificilmente poderia deixar passar o Governo. Uma decisão final foi remetida para os órgãos competentes do PS que, por enquanto, ainda não reuniram — incluindo o grupo parlamentar.

Em causa parece estar especialmente o nome do monárquico Ferreira do Amaral, actual secretário de Estado da Estruturação Agrária. Mota Pinto terá acedido a fazer alguns arranjos no MAP, desconhecendo-se, no entanto, quais e em que medida jogam com a presença do militante do PPM. A convicção é a de que o assunto depende mais de Ramalho Eanes do que do próprio Mota Pinto, sabido que Belém tem manifestado o seu apoio a «toda» a actual equipa de Vaz Portugal, mas particularmente a Ferreira do Amaral.

Em que medida terão os tais «arranjos» dado certeza a Mota Pinto? — esta a interrogação que se coloca com particular agudeza, tanto mais quanto o PS até este momento não adiantou publicamente nada que faça prever que poderá ir além da abstenção. De qualquer modo regista-se uma certa agitação no grupo parlamentar socialista, que parece inclinado (talvez maioritariamente) para a rejeição. Uma posição mais clara dos socialistas poderá vir a resultar da próxima reunião do seu Secretariado Nacional, marcada para sexta-feira, não sendo de excluir a convocação da Comissão Nacional.

Entretanto, enquanto Nobre da Costa e o seu Gabinete reúnem hoje pela última vez, Mota Pinto encontrava-se esta manhã a ultimar o discurso que vai proferir amanhã no acto de posse — isto depois de nos últimos dias ter estado empenhado na elaboração do Programa de Governo.



Angola instala Embaixada na Avenida da Liberdade

A chancelaria da Embaixada da República Popular de Angola em Lisboa foi transferida da Avenida das Descobertas, no Restelo, para a Avenida da Liberdade, 259. No mesmo edifício, adquirido pelo Governo angolano ainda antes da instala-

ção da sua representação diplomática em Portugal, passou também a funcionar o Consulado daquele país em Lisboa. A delegação em Lisboa, da TAAG, a transportadora aérea angolana, já funcionava no edifício desde há meses.

Partidos comentam eleições de Évora

As duas organizações políticas que integram a Aliança Povo Unido consideram que os resultados das eleições em Évora vêm não apenas confirmar que a gestão municipal seguida até às demissões dos vereadores era a mais correcta, mas, também, que a votação numericamente maior naquela frente eleitoral significa que a população de Évora, e do Alentejo, por extensão, não apoia particularmente a política agrícola desenvolvida pelo actual Executivo, como pelos anteriores nomeadamente sobre a chamada Lei Barreto. Tanto o PCP como o MDP marcam de optimismo político as conclusões a extrair dos resultados obtidos pelas eleições de domingo.

A vitória da APU «testemunha o apoio à gestão democrática da Câmara e à Reforma Agrária» — dizia ontem o PC, num comunicado. O líder comunista Álvaro Cunhal, numa conferência de imprensa dada ontem em Lisboa, dizia que «as eleições em Évora mostraram que o povo português está disposto a defender as conquistas de Abril», e lamentava a «queda vertical do PS» — «um partido democrático».

Continua na pág. 24



Alguns dos medicamentos à base de estupefacientes apreendidos pela Judiciária

DOZE PRISÕES ANUNCIADAS ESTA MANHÃ Judiciária ganha batalha contra "ratos" de farmácias

A PJ prendeu já doze das três dezenas de pessoas da zona de Setúbal que, devidamente organizadas em grupos de assalto a farmácias e depósitos de medicamentos, percorreram grande parte do país nessa «actividade» (desde Mesão Frio, Régua, e Lamego, no norte, passando por Viseu, Castelo Branco, Luso, Anadia e Almeirim, a Lisboa, Évora, Borba, Portimão e Faro). Dos 60 assaltos levados a cabo, um, até por se tratar da cidade a que pertencem, avulta: o do tribunal distrital.

A Judiciária está praticamente no encalço, de todos os membros do «bando», pois que para além das doze prisões efectuadas identificou outros quinze componentes. Isso, na sequência das atua-

das investigações que desde há meses a Secção Central de Investigações do Tráfico de Estupefacientes vem desenvolvendo, em estreita colaboração, através do seu departamento de Lisboa, com as delegações do Porto, Coimbra e Faro.

Em comunicado esta manhã distribuído acerca do assunto a PJ chama a atenção para «a dificuldade da investigação, que decorria, fundamentalmente, do carácter móvel e organizado da rede de malfetores», e louva a «prestimosa colaboração» de agentes da PSP de Setúbal, com a qual desencadeou várias acções de busca, apreensão e captura, de que resultou a recolha de quantidades várias de estupefacientes e psicotrópicos provenientes de assaltos a farmácias.

PR não deve envolver-se — diz o documento do CC do PCP

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, anunciou ontem que o grupo parlamentar do seu partido vai apresentar, na Assembleia da República, uma moção de rejeição ao Governo de Mota Pinto. Álvaro Cunhal, que falava durante uma conferência de imprensa convocada para divulgar as conclusões da reunião do Comité Central do PCP ontem efectuada, acrescentou que «tendo em conta a sua composição, fórmula, previsível programa e previsível prática, o Governo de Mota Pinto acentuará os traços negativos dos governos anteriores».

Não foi excluída, por outro lado, a hipótese de o Grupo Parlamentar do PCP vir a apoiar uma moção de rejeição apresentada por outro partido. Com efeito, Cunhal frisou que o PCP se limitava, agora, a anunciar a apresentação de uma moção de rejeição, ao passo que durante a discussão do programa do III Governo, afirmara que apenas votaria a sua moção de rejeição.

Comentando os resultados das eleições para o Município de Évora, realizadas no domingo, o secretário-geral do PCP considerou que «a grande vitória da

APU traduz o apoio à gestão democrática da Câmara e à Reforma Agrária».

Cunhal, que definiu a APU como uma frente eleitoral do «PCP e seus aliados», acrescentou, a propósito, que «qualquer Governo democrático terá necessariamente de ter em conta os resultados das eleições de Évora, dado que elas mostram que o povo português está disposto a defender e a construir o Portugal de Abril».

Após lamentar a «queda vertical do PS», o secretário-geral do PCP atribuiu-a ao facto de ser o

PS o partido da Lei Barreto e da grande ofensiva contra a Reforma Agrária».

Considerou, por outro lado, que a descida da UDP nestas eleições «é um bom indicio de que os trabalhadores do Alentejo já não acreditam no pseudo-revolucionarismo».

No final da conferência de imprensa, foi distribuído um comunicado sobre as conclusões da reunião plenária do Comité Central do PCP. Refere-se no documento que o CC examinou quatro problemas principais: Governo Mota Pinto, ofensiva contra a Reforma Agrária, situação das classes trabalhadores e eleições municipais de Évora no dia 19.

Sobre o Governo Mota Pinto, o comunicado afirma que não é efectivamente «partidário»: é um Governo «directamente apoiado pelos partidos reaccionários

Continua na pág. 24

Criticado o estrangulamento das Cooperativas de Habitação

(Pág. 24)



HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

Questões sindicais e problemas na hierarquia chinesa, depois da morte do presidente Mao, constituem um aspecto saliente do «Exclusivo» de hoje, onde se destaca também uma série de artigos acerca da corrida aos armamentos. O nosso suplemento dedicado à vida internacional inclui ainda textos sobre a Catalunha, Brasil, Ciências, Literatura, etc., além das secções habituais.

TRIBUNA LIVRE

Estado de Direito, Faculdade de Direito

Agora é certo! É por isso que dia sim, dia não, alguém bem colocado, e assim empertigado, anuncia e confirma: «Vivemos num Estado de direito!» Aclara-se o presente. Configura-se e rasga-se o futuro português. Nas fábricas e nas searas da nossa terra, nas ilhas e no Alentejo, nas escolas, nas repartições e nos tribunais, nas ruas e em casa repete-se, orgulhosamente: «Vivemos num Estado de direito!»

Esta é a letra e a música do nosso novo hino; é o cabeçalho e a fotografia da primeira página de todos os jornais sérios; é com ela que tranquilamente nos deitamos, dormimos e sonhamos: «Vivemos num Estado de direito!» Não há pleonasmo mais belo!

Os funcionários superiores, o pessoal de chefia, os quadros dirigentes do Estado de direito preparam-se, moldam-se e fabricam-se (como o seu nome indica) na Faculdade de Direito.

A lei que rege o Estado de direito é a mesma que quadrilha a Faculdade de Direito. Aliás, são os homens e algumas mulheres saídos às pazzadas da Faculdade de Direito que também, mais tarde, a fabricam e «dirigem» a sua aplicação. É essa a já rica tradição jurídico-política lusitana: a Faculdade de Direito, se não é a base do Estado de direito, fez e desfaz e goza boa parte do seu miolo.

Na pré-história do Estado de Direito, há muitos anos, o país, sem ter parido ainda as bochechas de de um Estado de direito - então, na terra portuguesa, só luzia uma «democracia orgânica» - já era predominantemente governado pelos Drs. Salazar e Caetano e por outro pessoal menor, docente, discente e indecente da Faculdade de Direito, que entremeeava o austero serviço público com a mais directa e trabalhosa administração, representação ou fiscalização dos monopólios, dos bancos e das grandes empresas.

Hoje, chegados que somos, finalmente, ao Estado de direito, após a queda do Carmo e da Trindade (23 de Abril, 28 de Setembro, 11 de Março), o destino do país e do Estado de direito entrelaçam-se mais e mais com o da Fábrica Alfacinha de Juristas, com o da Faculdade de Direito. Nunca ela foi tão importante! Nunca esteve tão confuso e emaranhado o trânsito jurídico-político no Estado de direito! Nunca foi assunto de tão decisiva importância nacional, até para derrotarmos o «comunismo burocrático», a escolha dos seus encarregados, capatazes e mestres! Sem corporações e sem comando corporativista; sem colónias, nem sequer províncias ultramarinas; sem casas do povo, sem censura, sem Caxias, sem Carneiros nem CDS no poder, e com uma cáfila de comunistas infiltrados, nunca foi tão imperativo e urgente «normalizar» a vida da Faculdade de Direito! E o regresso dos monopólios e do imperialismo, é a vida do próprio capitalismo que o exige!

Bom, mas como «normalizar»? Que caminho seguir para dar vida à velha norma, da velha casa, ao velho mundo?

Para já não parece muito recomendável tentar pôr na rua, de

Pedro Ramos de Almeida

uma assentada, toda a infiltrada cambada comunista e seus acólitos. O seu a seu tempo... Neste campo, é melhor ir só preparando o terreno, ondulando-o, tornando-o mais e mais propício a escorregadelas, tropeções e quedas deste ou daquela, semeando e regando a dúvida e a confusão que precedem e provocam o medo que guarda (juridicamente) a vinha.

Para já, para já, o que há, isso sim, e que cerrar de vez a porta ou a janela por onde essa gente entrou! Com chaves, cadeados, correntes, tranças, tijolos, tudo. Mas fechar.

E para isso não há melhor barreira que uma trincheira fortificada, que um reduto, que um júri para o recrutamento de assistentes e futuros professores composto por amos e senhores de todas as riquezas e ciências sociais, por experimentados servidores da banca, dos monopólios, do capital nacional e estrangeiro, de grandes empresas, da pré-história corporativa do Estado de direito. Assim se pensou e assim se obrou! Veja-se o júri do concurso deste ano para o recrutamento «de assistentes eventuais, assistentes e pessoal equiparado a assistente» da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Quatro dos seus seis membros (Drs. Dias Marques, Marques Guedes, Rui Albuquerque e Pita e Cunha) eram em 1971 (segundo a publicação «Mercado Financeiro», desse ano, do Banco Borges e Irmão) responsáveis e lucrativos membros do Conselho de Administração Conselho Fiscal, ou da Mesa da Assembleia Geral, dos Bancos de Crédito Comercial e Industrial, Fonsecas e Burnay, Ca. de Seguros Comércio e Indústria, Ca. Portuguesa de Pesca, Ca. do Açúcar de Angola, etc.

E isto ainda não é nada! O Conselho Científico da mesma Faculdade, o catedrático Conselho que abriu este aliás dourado concurso, é capitalmente presidido pelo Dr. Fernando Olavo, que há sete anos ou sete séculos, no mesmo ano de 1971, se desdobrava trabalhadoramente pelos corpos gerentes do Banco Nacional Ultramarino, Siderurgia Nacional, Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela, Companhia de Cimentos Tejo, Empresa dos Cimentos de Leiria, Socel, Companhia das Águas de Lisboa, a inevitavelmente doce Companhia do Açúcar de Angola, etc. etc.

Assim se vai (vão eles) no presente, reescrevendo o passado deste Estado de direito - Faculdade de Direito...

Para quando o futuro seguro? Para quando, e por toda a parte, Estado democrático - Universidade democrática?

Isso só, todos nós, gente simpies gente sem capital, povo trabalhador, o podemos dizer. Em português. Na acção. Todos os dias. Que esse é o nosso monopólio. A ver como os nossos lucros vão crescer...

LISBOA ENTRE ASPAS

Diário de Notícias VERGONHOSA APATIA

De uma reportagem assinada por M. V. H. intitulada «Museus, casas de mal usar e pior guardar» - M. V. H. é, como os nossos leitores já compreenderam, Mário Ventura Henriques, recém-regressado ao «Diário de Notícias»:

«Nas últimas décadas, os museus foram parte menor de um património cultural geralmente esquecido ou desprezado, simbolizando bem o primado de uma mentalidade que, vivendo embora no culto do caduco, e obsoleto, contraditoriamente igno-

rava a melhor herança do nosso passado. Tudo contribuiu para ferir quase de morte a imensa maioria das instituições museológicas: ausência de leis que lhes definissem a função e estimulassem o progresso, falta das condições de segurança mais elementares, museus fechados às vezes durante anos, o património à mercê de técnicos em número insuficiente ou mal preparados, remunerações ridículas para quem a profissão é, ou devia ser, uma total entrega a um ignorado trabalho de estudo, amontoar de peças sem qualquer critério ou utilidade para quem quer que fosse - tudo contribuiu para que os museus portugueses, poucos e na generali-

dade pobres, caíssem na mais aberrante e vergonhosa apatia, fechados em si mesmos e completamente esquecidos do grande público.»

«O Diário» VORACIDADE

Um Governo demitido sai, outro entra. Da secção «Registo», aqui vai um recorte sobre a intimação de que a banca nacionalizada foi alvo:

«Amanhã toma posse o Governo do sr. Mota Pinto. Não há atritos, no render da guarda. O Governo que sai e o que entra entendem-se às mil maravilhas. O Nobre da Costa toma iniciativas próprias de quem tenciona governar por muitos anos. Em vez de censuras recebe elogios.

Nessa atmosfera de cordialidade não é de estranhar que, por despacho de 3 de Novembro, o

ministro (demitido) das Finanças e do Plano tenha intimidado onze bancos nacionalizados a entregar ao Estado 500 mil contos «por conta da remuneração dos capitais próprios das instituições de crédito relativamente ao ano de 1978». O prazo acabou no dia 15 do corrente. Os três primeiros da lista são o BESCL, o BPSM e o BPA, com 95 000 contos cada um.

A medida parece estranha. Primeiro porque o exercício de 1978 ainda não terminou e o sr. Nobre da Costa tem as malas feitas. Porquê esta súbita voracidade do Estado? Afinal esses 500 mil contos não chegarão para cobrir um défice orçamental que se aproxima dos 100 milhões de contos. Entretanto, o saque encontrou a banca desprevénida. Em doze dias, os seus gestores tiveram de mobilizar meio milhão de contos para cumprir o ultimato governamental.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

CCT dos Jornalistas: patronato volta a atrasar

Um aparente conflito entre as Associações da Imprensa Diária (AID) e Não-Diária (AIND) incide agora nas negociações do Contrato Colectivo de Trabalho dos Jornalistas, cuja quinta reunião da fase de conciliação decorreu ontem no Ministério do Trabalho.

Segundo elementos da Comissão Negociadora Sindical, a oposição revelada pela AIND face ao despacho normativo do actual Governo no qual se estabelece a distribuição da verba do Orçamento Geral do Estado relativa ao subsídio ao papel dos jornais, «poderá ser mais um motivo a acrescentar aos condicionalismos que têm justificado, na perspectiva das entidades

patronais, o bloqueamento da negociação das matérias económicas do CCT, situação que há longas semanas se arrasta».

De facto, a AIND revelou a sua «discordância frontal» pelos critérios adoptados no despacho normativo que regulamenta a distribuição dos 125 mil contos inscritos no OGE destinados ao referido subsídio.

Como tem sido noticiado, a AID, a mais influente das entidades e associações patronais da Comunicação Social, tem feito depender a negociação das cláusulas económicas do CCT dos jornalistas da concretização de certas medidas oficiais e governamentais de apoio, entre

elas as relativas a subsídios ao papel e de porte postal pago. Quando o primeiro destes aspectos parecia em vias de resolução, anuncia-se o litígio AID-AIND sobre o despacho normativo do actual Governo.

Na perspectiva da Comissão Negociadora Sindical, o CCT dos jornalistas «não pode estar dependente de vontades ou posições de terceiros (dos órgãos governamentais)», por isso «a apreensão da classe aumenta perante o arrastar da situação de impasse».

Para os representantes sindicais, «a actual situação não poderá manter-se, nem ser alimen-

tada por questões inter-patronais», donde que «os jornalistas deverão pronunciar-se, a curto prazo, sobre formas de luta pelo CCT», o qual é considerado «elemento importante na regulamentação das condições de vida dos jornalistas e do exercício da profissão, com compreensível incidência na liberdade de informar».

Entretanto, foi marcada para o próximo dia 27, no Ministério do Trabalho, nova reunião entre as Comissões Sindical e Patronal, uma vez esclarecida a questão do subsídio ao papel.

CI desconsiderado pelo MNE

UNESCO: é aprovado amanhã o texto sobre Informação

O texto de compromisso, conseguido durante o último fim-de-semana na XX Conferência da UNESCO sobre a Declaração dos meios de Comunicação Social deverá ser aprovado sem alterações amanhã, afirmou um informador oficial.

Hoje o projecto, considerado «satisfatório» por todas as tendências representadas na Conferência, foi apresentado pelo director-geral da UNESCO, Amadou Mathar M'bow, abrindo-se assim a fase final das discussões agora mais facilitadas.

O documento parece ser de molde a superar os «obstáculos» de linguagem as diferentes interpretações de cada fracção representada na Conferência: ocidental, capitalista e terceiro mundista.

As principais alterações ao texto original da UNESCO que facilitaram o actual consenso estão contidas no artigo sobre o «Direito de Réplica Internacional» e no que outorga aos Estados poderes para que os órgãos de informação cumpram as resoluções da declaração final desta Conferência.

CI para a RDP

O Conselho de Informação para a RDP decidiu solicitar à RDP «informação sobre os critérios de aceitação ou não de publicidade paga».

No próximo dia 24, o CI reúne-se novamente.

A ordem de trabalhos inclui, entre outros pontos, «uma apreciação sobre o empossamento do Conselho Fiscal da RDP pela Secretaria de Estado da Comunicação Social».

Entretanto, o Conselho de Imprensa deliberou «manifestar a sua estranheza pelo facto de não ter sido informado nem consultado pelo Governo actual ou pelo Governo anterior acerca de matéria sobre a qual deveria ter sido ouvido, pois o Conselho tem, segundo a Lei de Imprensa, de «emitir pareceres sobre a política de Informação» e a votação de Portugal na UNESCO relativamente ao projecto de declaração em causa tem claramente a ver com a política de Informação

«Século» e «Jornal do Comércio» vão ser «resolvidos» - afirma Proença de Carvalho

Proença de Carvalho, ministro da Comunicação Social do Governo Mota Pinto a empossar amanhã, manifestou à ANOP a sua convicção de que o próximo Executivo «une condições para assegurar a resolução de problemas antigos do sector, como os de «O Século» e do «Jornal do Comércio».

Considerando previsível a passagem na «prova da Assembleia» do elenco escolhido por Mota Pinto, afirmou possuir este «características de firmeza, coragem e determinação para enfrentar os problemas» da Comunicação Social como de outros campos.

Escusando-se a emitir a sua perspectiva pessoal sobre as questões postas, com a alegação de que o IV Governo será

nacional, na mais vasta e nobre acepção da expressão».

Deste modo, a CI solicitou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros o ponto urgente da situação, englobando as diversas propostas de alteração aos projectos apresentados pelo director-geral da UNESCO as soluções de compromisso a que se tenha chegado e a posição que a delegação portuguesa tenciona tomar, tendo em conta as diversas hipóteses de votação.

solidário nas soluções que venham a adoptar-se, Proença de Carvalho expenderia o ponto de vista de que os casos dos jornais suspensos têm vindo a ser «dramatizados», pois que, «afectando os formadores da opinião pública», estes são por vezes levados a ampliar-lhes a projecção.

Por sua vez, os trabalhadores da ex-Sociedade Nacional de Tipografia/«O Século» deverão receber hoje parte dos seus salários em atraso.

Os trabalhadores, que continuam a prestar serviço na empresa poderão levantar os salários respeitantes ao mês de Outubro. Os restantes, que não se encontram na empresa, receberão 5 mil escudos por conta dos vencimentos do mês de Julho.



2º salão internacional de agricultura pecuária e alimentação

17 a 26 NOVEMBRO

Feira Internacional de Lisboa

HORARIO

PÚBLICO
DIAS ÚTEIS
DAS 17.00 AS 24.00 HORAS
SABADOS E DOMINGOS
DAS 15.00 AS 24.00 HORAS
PROFISSIONAIS
DIAS 20 A 24
DAS 17.00 AS 20.00 HORAS

Associação Industrial Portuguesa de equipamento de feiras e exposições
Feira Internacional de Lisboa

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

ponto a ponto

O embaixador da República Popular de Moçambique, Armando Panguene foi recebido ontem, no Palácio de Belém, pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes. O encontro inscreve-se, segundo apurámos, no quadro das conversações entre os governos dos dois países com vista ao estabelecimento de uma maior cooperação entre Portugal e Moçambique.



Encontra-se em Lisboa para uma visita de três dias, o vice-almirante Guenter Luther, inspector da Marinha da Alemanha Federal. Este oficial alemão terá uma série de conversações com Loureiro dos Santos, novo ministro da Defesa e visitará várias unidades militares portuguesas. Será ainda recebido pelo general Ramalho Eanes.



A Comissão pró-formação da Associação de Amizade Portugal-Timor-Leste, inicia hoje em Lisboa a semana de solidariedade com o povo daquele território, ocupado pelos invasores indonésios. Constituída por militares e civis ligados a Timor, a comissão anunciou ontem que será entregue, na Assembleia da República, um abaixo-assinado contendo milhares de assinaturas, onde se protesta contra a demissão de responsabilidades das autoridades portuguesas. Hoje é inaugurada uma exposição nas Belas-Artes e amanhã será lançado um disco na «Opinião». Haverá sessões em Coimbra, Aveiro e Porto, e a sessão de encerramento ocorrerá na Voz do Operário em Lisboa. Registe-se que a questão de Timor começa hoje a ser debatida na ONU.



José Manuel Tengarrinha estará presente sexta-feira, dia 24, em Viana do Castelo, onde presidirá a uma sessão de esclarecimento do Movimento Democrático Português (MDP/CDE), a partir das 21 horas.

Numa sessão do MIRN em Cascais, «abrilhantada» pela presença de Kaulza de Arriaga, o sr. Carlos Barata, membro do MIRN, explicou aos presentes que naquele «mesmo lugar D. Afonso Henriques tinha passado a caminho de Guimarães para construir o Condado Portucalense, e, agora, no mesmo local, o MIRN estaria disposto a reconstruir Portugal». Outro orador, Morais Barbosa, disse: «a nossa direita é uma direita virada para o futuro, para o progresso e o desenvolvimento do País...».



Regressou de Itália (Florença), onde tomou parte num seminário sobre os processos de democratização em Espanha e Portugal, organizado pelo Instituto Universitário Europeu, o líder parlamentar do PS, Francisco Salgado Zenha. No mesmo seminário esteve presente o prof. Miguel Quadrado, da Universidade de Madrid.



O Bem e o Mal

Ora vamos supor dois blocos: o do Bem e o do Mal. São dois blocos que se opõem. Essa oposição compreende-se à vista desarmada. Não é necessário uma lupa, não é necessário especular muito, para nos darmos conta de que um e outro bloco têm a sua dinâmica própria. Ambos, pois, se desenvolvem de maneira a afectarem-se mutuamente. Acontece, no entanto, que, nesse processo de desenvolvimento, subsiste, no bloco do Bem, uma força a que adere a nossa razão, pelo que o outro bloco, o do Mal, vai sendo diminuído com o correr do tempo. Daqui resulta que o Bem se vai impondo em zonas até aí dominadas pelo Mal — e isso porque os homens que lhe davam guarida lentamente se foram esclarecendo, abrindo-se para outras noções diferentes daquelas que até ali os haviam dominado.

Imaginemos, agora, que o Bem e o Mal são dois «imperialismos» em confronto. Qual desses «imperialismos», com o correr do tempo, dominará a totalidade dos homens...?

Se acreditarmos na evolução do homem para zonas cada vez mais claras, mais abertas ao entendimento mútuo na concretização da generosidade, dos valores do espírito, do raciocínio geométrico que preside a todas as construções, evidente se torna que o imperialismo co-

notado com o bloco do Bem acabará por abranger o todo constituído pela nossa existência comum. Não se trata, de maneira nenhuma, de uma usurpação vinda do exterior: trata-se, sim, de uma conquista íntima cada vez mais alargada.

Se nos mantivermos frios na análise deste fenómeno, teremos de riscar a palavra «imperialismo», quando relativa ao bloco do Bem, e substituí-la por outra. Qual...? Quer-nos parecer que pela palavra «evolução»,

significando esta palavra o progresso dos nossos sentimentos, da nossa inteligência, da nossa capacidade de apreender a ultrapassagem que continuamente se realiza dentro de nós face às contradições que nos envolvem à semelhança de uma atmosfera que não nos permite uma respiração perfeita. Talvez possamos aqui utilizar uma imagem para melhor compreensão do juízo tão resumidamente exposto: essa «evolução» é ditada pela mesma fatalidade que levou «os animais sempre deitados» (na expressão de Aristóteles) ao homem em pé que nós somos. Ou, então, para mais claros sermos: do macaco ao homem.

Perante essa fatalidade, perante essa evolução, como reagem as forças conotadas com o bloco do Mal...? Não reagem: vão-se consumindo, cumprindo, efectivamente, uma regra impossível de ser alterada. É óbvio que, numa perspectiva temporal, que pode ir de um segundo a um milhão de sé-

PEDRO ALVIM

culos, essas forças se exibem. Não se trata, porém, de uma luta que leve à anulação do progresso, da evolução, da fatalidade do que tem de ser. Assumem, enfim, a sua condição natural, encontrando-se, porém, irremediavelmente condenadas. Elas são, na verdade, aquilo que tem de morrer ou de ser modificado. Quando essas forças reiam em persistir, cegamente retrógradas, mais não são perante as formas que resultaram das forças, cegamente evolutivas, do que meros abortos.

Assim, nesta ordem de ideias, persiste, actuando o bloco do Bem — e todos quantos o denominarem de imperialista, o considerarem como um «imperialismo» em expansão, mostram unicamente que ignoram tudo sobre as leis da evolução humana. E daí, pois, a sua desumanidade inútil: hoje (por exemplo), Nicarágua; amanhã (por exemplo), a mesa da nossa refeição diária.

A ilegalidade a coberto da legalidade

JOÃO DE MONSARVE

A gente portuguesa voltou a ser despertada na sua atenção, durante as últimas semanas, pelos acontecimentos relacionados com a Reforma Agrária. Perante os olhos e os ouvidos de leitores, ouvintes e telespectadores desfilam as reportagens, as comunicações oficiais, os debates. E a tônica incide sobre as palavras, «violência», «legalidade», «desobediência» e outras de sentido aproximado. Tudo se resume, aliás, em saber se está ou não a ser cumprida uma lei, e se essa lei é ou não constitucional.

Que a lei é inconstitucional ou que não está a ser correctamente cumprida, é afirmação que se ouve da boca dos trabalhadores da zona atingida e seus representantes; é a propósito disso que se oferecem algumas observações.

Continua a ser comum vermos encarar como uma heresia ou monstruosidade o facto de se afirmar que uma lei é inconstitucional, quando foi já aprovada pelos legítimos representantes do Povo e, mais que isso, promulgada pelo Presidente da República.

Ora, perante a manutenção desse espanto, não será demasiado lembrar que uma lei aprovada pela Assembleia da República e promulgada pelo Presidente da República pode ser inconstitucional; mais do que isso: só uma lei nessas condições pode ser inconstitucional, precisamente porque todas as leis vigentes (no sentido próprio) foram aprovadas pela Assembleia da República e promulgadas pelo Presidente dos portugueses. Sem esse condicionamento não existe qualquer lei.

E nem o facto de lei ter sido objecto de análise prévia, antes da promulgação, pela Comissão Constitucional, que formulou, como é sabido, um juízo prévio de constitucionalidade, a vacinou contra o vício de violar a Constituição. De facto, foi exercida tão-somente a fiscalização preventiva da constitucionalidade, que de modo algum um posterior juízo em sentido contrário, quando da aplicação da lei. A fiscalização preventiva incide sobre os aspectos genéricos e previsíveis, não considerando, nem podendo obviamente considerar, os aspectos que a

aplicação da lei vier a trazer à consideração dos interessados e dos tribunais.

É pois, perfeitamente lícito, perfeitamente legítimo num Estado de Direito, que uma lei com as características e os antecedentes da Lei de Bases da Reforma Agrária possa ser declarada, na sua aplicação, inconstitucional em algum ou vários dos seus preceitos.

Admitindo, porém, que se

gais estabelecem. Aos tribunais compete fazer cumprir a legalidade, mas não uma legalidade qualquer; a esse respeito, a Constituição fala, sem qualquer dúvida, em «legalidade democrática» (art.º 206), o que sem dúvida aponta, não para um cumprimento meramente textual de preceitos porventura isolados, da lei, mas aplicação de harmonia com os interesses democráticos dos seus destinatários.



trate uma lei de rigorosa constitucionalidade, assim mesmo não se segue que os actos governamentais que pretendem aplicá-la sejam legais. A Administração, aplica a lei por meio de actos genéricos (nomeadamente, no caso, Portarias) e por meio de actos de incidência concreta, actos administrativos. E ninguém duvida que um acto administrativo pode ser ilegal: para apreciar os actos eventualmente ilegais é que existem os tribunais administrativos.

E ao falar da legalidade dos actos de aplicação da lei, é impossível a qualquer jurista ou órgão da Administração esquecer o que os próprios textos le-

rios. Parece que uma das formas mais eficazes de aferir democraticidade numa lei, é observar a sua aceitação por parte daqueles a quem ela especialmente atinge. Como nota Harold Laski, não poderá considerar-se justa uma lei que, por exemplo, prive de voto as mulheres, se essa lei é aplaudida pelos homens mas repudiada pelos elementos do sexo feminino.

Será, talvez, uma consideração desse género que teria determinado a atitude do Ministério da Educação ao consultar individualmente os estudantes de Coimbra sobre a greve anunciada; esse processo não foi, po-

rém, seguido com a Lei da Reforma Agrária que, como lei de âmbito regional que é, nem sequer terá correspondido ao voto dos representantes parlamentares mais votados na região em causa.

Por outro lado, ainda, a legalidade não pode ser apreciada unicamente em face dum texto isolado, que permita formalmente determinada conduta. Se assim é para qualquer tipo de legalidade, por maioria de razão o será dentro dum regime de legalidade democrática a que, segundo a Constituição, estamos submetidos. Poderá dizer-se que o Governo tem o poder discricionário de decidir quando deve entregar reservas e quando deve proceder a expropriações. Se tal afirmação é correcta, também o é a de que o poder discricionário tem de ser exercido dentro de certas regras; nomeadamente, tem de obedecer às finalidades da lei. Assim, se um dos objectivos primeiros (o primeiro a ser mencionado) é o de transferir a posse útil da terra para quem a trabalha, aumentando a produção e dando apoio técnico e financeiro, criando os necessários circuitos, se, por outro lado, a obediência aos fins legais tem de ser apreciada por meio de dados objectivos, duvidoso será que esses fins (consagrados no art.º 96 da Constituição) sejam prosseguidos através duma actuação descompensada de entregas de reservas sem apoio técnico e sem expropriações que, imediatamente, resolvam os problemas criados com a entrega de reservas.

Nem estará rigorosamente dentro dos fins legais solucionar os problemas de desemprego que a entrega de reservas ocasiona, com a criação de subsídios individuais ou o desvio para outras actividades, pois o que resulta da Constituição é que os problemas têm de ser resolvidos no âmbito da própria Reforma Agrária.

Note-se, por último, que as expropriações têm carácter urgente (art.º 45 da Lei de Bases da Reforma Agrária) e é de extrema gravidade que este preceito não tenha sido rigorosamente cumprido.

Trata-se de um caso nítido de duplicidade de critérios.

NOBRE DA COSTA:

Pequena
cirurgia
no OGE

Através do Decreto-Lei n.º 133/78, hoje inserido no «Diário da República», são abertos no Ministério das Finanças e do Plano crédito especiais, no montante de 997.574 contos, destinados a reforçar verbas insuficientemente dotadas e a prover à realização de despesas não previstas no Orçamento Geral do Estado em vigor.

A Guarda Nacional Republicana vê-se com esta medida beneficiada em 36.260 contos (1620 contos para «bens não duradouros» e 34.640 para «maquinaria e equipamento»). Por seu lado, a Direcção-Geral da Emigração, dependente da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, vê-se dotada na sua rubrica «Transferências-Empresas Privadas» de 107.900 contos.

Detalhe significativo: a Comissão de Condição Feminina apenas recebe para estudos a efectuar nos termos acordados com a UNESCO, estudos esses que têm compensação em receita, a quantia de 200.000\$00.

Investigação Científica:

I Congresso Europeu

ROMA, 18 — Portugal figura entre as 29 nações que estão representadas no I Congresso Europeu de Investigação Científica.

A reunião, organizada por um organismo estatal italiano, o Conselho Nacional de Investigações, propõe-se discutir as relações de cooperação a estabelecer entre os distintos países no domínio da investigação científica e estudar problemas de interesse comum.

Participam 42 organismos, públicos e privados, de 29 Nações, que são, além de Portugal e Itália: a Bélgica, Bulgária, Checoslováquia, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Luxemburgo, Malta, Mónaco, Noruega, Polónia, Roménia, RDA, RFA, S. Marino, Vaticano, Suécia, Suíça, Turquia, URSS e Jugoslávia.

Assistem também, como observadores, Sir Brian Flowes, presidente da Fundação Europeia de Ciência, e H.G. Schuster, director-geral da Investigação Científica da CEE.

CDS reúne Conselho Nacional

O Conselho Nacional do CDS reúne no próximo fim-semana, tendo como ordem de trabalhos a análise da situação política e a preparação do Congresso do partido.

O Conselho, de 120 membros, reúne uma semana depois da derrota de toda a direita, e do CDS também, nas eleições municipais de Évora e pouco antes da apresentação e discussão na Assembleia da República do programa do IV Governo Constitucional temas que serão decerto objecto de debate.

Recorde-se que ultimamente se têm levantado na Imprensa rumores sobre possíveis divergências no seio desse partido, prevendo-se nomeadamente queapós o Congresso o actual secretário-geral Basílio Horta, abandone a actividade política.

Para a preparação da reunião da Comissão Nacional estão previstos debates prévios a ser efectuados amanhã (depois da posse de Mota Pinto) no Secretariado Nacional do CDS e no próprio sábado na respectiva Comissão Política.

CDS EM BRAGA

O apoio, por aclamação, à orientação política do partido sob a presidência de Freitas do Amaral, e a recondução da Comissão Executiva Distrital, são pontos

salientados num comunicado divulgado hoje pelo departamento de informação distrital de Braga do CDS.

O comunicado, divulgado na sequência da reunião da assembleia distrital daquela organização política, realizada no último fim-de-semana, refere ainda que foi aprovada por maioria a criação de um conselho consultivo distrital.

A propósito da análise feita à situação política, durante a mencionada reunião, por Basílio Horta, o departamento de informação distrital do CDS diz que o partido aguarda «com expectativa esperanzosa o programa da nova equipa do executivo a apresentar na AR, reservando para esse momento, como é óbvio, a expressão da sua posição oficial e decisiva».

Semana de Solidariedade
com Timor-Leste

Por iniciativa da Comissão Pró-Fundação da Associação de Amizade Portugal-Timor Leste, inicia-se esta noite na Sociedade Nacional de Belas Artes uma Semana de Solidariedade para com o povo da República Democrática de Timor Leste invadida há três anos por mais de 50 mil soldados do exército indonésio.

Numa conferência de Imprensa ontem realizada, a Comissão Pró-Fundação da Associação de Amizade Portugal-Timor Leste, constituída por militares que ali prestaram serviço e por civis ligados à ex-colónia portuguesa, anunciaram que no próximo dia 28, último dia da Semana de Solidariedade, será entregue ao Presidente da República um baixo-assinado, até ao momento com mais de cinco mil assinaturas, onde se protesta contra o facto dos órgãos de soberania persistirem em demitir-se das responsabilidades que lhe incumbem de promover e garantir o direito à autodeterminação de Timor-Leste.

Lembre-se que o artigo 307.º da Constituição da República Portuguesa aponta para que «Portugal continue vinculado às responsabilidades que lhe incumbem de harmonia com o direito internacional, de promover e garantir o direito à independência de Timor-Leste».

No concernente à Semana de Solidariedade, o programa é o seguinte: hoje, pelas 21 horas, na SNBA, exposição sobre aspectos histórico-culturais; amanhã, às 18,30 na Livraria Opinião, lançamento de um disco de cantares populares; no dia 23, às 21 horas, na SNBA, colóquio ilustrado sobre aspectos históricos e culturais de Timor; no dia 24, na SNBA, das 14 às 20 horas, projecção de diaporamas e outros materiais audiovisuais sobre

a cultura do povo maubere; no dia 25, Festa de Solidariedade no Teatro Gil Vicente, em Coimbra, às 15 horas; dia 26 Festa de Solidariedade no Porto e em Aveiro; dia 27, colóquio sobre o Sudeste asiático, na SNBA, às 21 horas; dia 28, encerramento da exposição a decorrer na SNBA, entrega do abaixo-assinado ao Presidente da República, e Festa de Solidariedade, às 21 horas, na Voz do Operário.

Nem com a lição de Évora...

Ofensiva em grande escala
do MAP em Portalegre

Com os seus dias de vida contados, o Governo demitido parece ter entrado em transe, atacando furiosamente a Reforma Agrária, golpeando-a com a entrega sucessiva de «reservas», numa febre que motiva situações de grande tensão. Só a grande serenidade dos trabalhadores a tem permitido conter.

A GNR continua em Montargil, onde o MAP pretende entregar cinco reservas abrangendo 1500 hectares. São as melhores terras da cooperativa local — pomares e terrenos de regadio — que os responsáveis pelo MAP pretendem devolver aos agrários: Aldeia de Sebes, Santo André, Assafroa, Pedrógão e Vale de Porcas. Os contemplados pela «solicitude» da equipa do MAP são a Companhia Agrícola de Aldeia de Sebes, Maria Vitória Pereira, Augusto Rosa Pais de Azevedo e António Moreira da Rocha.

Os trabalhadores, justamente revoltados evitam no entanto responder a provocações. Para balanço dos últimos golpes desferidos contra a Reforma Agrária no distrito de Portalegre, realiza-se hoje, à noite no salão do INATEL uma reunião convocada pelo Secretariado Distrital das UCP's e Cooperativas Agrícolas do distrito.

Estão convidados os Sindicatos, Comissões de Trabalhadores e Moradores e representantes das autarquias, incluindo o próprio governador civil.

Entretanto, GNR, agrários e representantes locais do MAP andam numa roda viva. A guarda esteve ontem no Ervedal para expulsar trabalhadores que procediam à apanha da azeitona na herdade de Fresca, há dias devolvida. Os bastões não funcionaram. Desta vez, a GNR limitou-se a exigir que os trabalhadores se identificassem. Com que objectivos?

FLAGRANTE
ILEGALIDADE

O método não é novo e a ilegalidade é patente. Referimo-nos ao caso da UCP «Resistência», de Ponte de Sôr, que o MAP pretende retalar com a entrega de quatro reservas. Três delas a três irmãos. Uma única exploração agrícola vai ser distribuída por José, Manuel e Laura Marques Adegas. Sublinhe-se que o representante do MAP no conselho de Ponte de Sôr é o filho de Manuel Adegas. Este actua portanto numa dupla qualidade: a de funcionário e a de agrário.

Em flagrante desobediência à

própria Lei Barreto, a UCP da Ribeira do Longomel ficará completamente desmantelada se vierem a ser consumadas as entregas de herdades aos agrários Manuel Machado Cruz Bucho e Luís Souto Bronde de

Carvalho. A fúria reservatória da equipa do MAP (que, desgraçadamente parece ter vindo para ficar no próximo Governo) prevê ainda a entrega de terras da Torrejana e Artur Teles Barradas de

Carvalho. Artur Teles é familiar do agrário José Rosado de Camões e Vasconcelos, ao qual foram devolvidas já as terras pertencentes às cooperativas Valongo do Sul e Alterense.

"Movimento Feminino
Pró-Amnistia no Brasil"

Dois saltos na montagem, alteraram em certa medida, declarações da dra. Theresinha Godoy Zerbine, na entrevista, que, sobre o Movimento Feminino Pró-Amnistia no Brasil, inserimos na edição de ontem do «DL». A rectificação, pois:

As multinacionais estão comendo a Amazônia, Belém, Mato Grosso... Que se veja só isto: um multimilionário norte-americano, de nome Ludwig, adquiriu na Amazônia uma área superior à superfície da Bélgica. Depois, esse mesmo homem comprou uma fábrica de celulose no Japão e fê-la transportar em barcos para a Amazônia, a fim de aí a implantar. Que a mão-de-obra era barata, disse o multimilionário. E nós sabemos o que isto significa: exploração e nada mais. Outro exemplo: também a Volkswagen comprou terra na Amazônia, pegou fogo na floresta, e pôs-se a semear capim, para a criação de gado. Estamos apostando que não é o povo brasileiro que vai comer a carne desse gado, nem agasalhar-se com as suas peles, pois que o negócio é outro e muito outro... Ando tudo ligado com negócios internacionais. Quando a Volkswagen pegou fogo na floresta, tão grande foi esse fogo, e tão demorado, que um satélite americano de observação «de-

tectou» (e veio noticiado) uma «explosão no Brasil... Mas não era uma explosão: era sim, um passo grande na destruição ecológica da minha pátria.»

E ainda: «Perante tudo isto, pois, impõe-se uma amnistia vasta. Uma amnistia que cubra todo o povo brasileiro. Que fique bem claro: 110 milhões de brasileiros têm o direito de escolher o seu destino. Que 30 milhões deixem de ser analfabetos e 55 milhões deixem de ser semi-letrados. Porque só amnistiado (e isso quer dizer também livre organização e livre expressão) o povo brasileiro pode dar passos em direcção à felicidade. Liberdade democrática — esta a aspiração de todos os homens de bem. Nós, Movimento Feminino, com núcleos em muitos Estados (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, S. Paulo, Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Ceará...), entendemos que a amnistia para nós é um imperativo de consciência.»

MOBILIÁRIO METÁLICO E MÁQUINAS

PARA ESCRITÓRIO
MÓVEIS, ESTOFOS, DECORAÇÕES,

MOBÍLIAS, LOIÇAS, VIDROS E UTILIDADES
PARA RESIDÊNCIAS

ELECTRODOMÉSTICOS

FRIGORÍFICOS, TV, ARCAS CONGELADORAS, MAQ. DE LAVAR ROUPA E LOIÇA, ESTEREOFONIAS, ESQUENTADORES, FOGÕES, CALORÍFEROS, ETC.

INDÚSTRIA HOTELEIRA:

ARCA-VITRINE FRIGORÍFICA, BALANÇAS, REGISTADORAS, MAQ. CAFÉ, VULCANIZADORA DE PLÁSTICOS, CORTADORA, ESTANTERIA, CARROS E GONDOLAS DE SUPERMERCADO, GR. QUANTIDADES DE BALCOES-VITRINE E ARMAÇÕES PARA LOJA, ETC.

ARTIGO NOVO — IMPORTANTE

LEILÃO

AMANHÃ E SEQUINTE, DAS 15 AS 19 HORAS

Para venda pela maior oferta e sem base de licitação no nosso salão da

AV. CASAL RIBEIRO, 17-B — LISBOA

Além do acima referido, serão vendidos cerca de 2000 lotes im-possíveis de discriminar mas que estarão

EM EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 10 ÀS 13 HORAS



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Telfs. P.P.C. (8 Linhas)
532920 51478 532446

AFRA-FILHOS, Lda

Casa de Repouso
dos
Motoristas PortuguesesAssembleia Geral Ordinária
CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 1 do Art.º 79.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária para se reunir no Internato da nossa Instituição sito na Rua da Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses n.º 11, em Camarate, no próximo dia 10 do mês de Dezembro de 1978, pelas 14.00 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Apreciação, discussão e votação do Orçamento Ordinário para o ano de 1979.

NOTA — Não estando presente o número legal de associados, a Assembleia reunir-se-á uma hora depois, com qualquer número.

O projecto do orçamento está patente na Secretaria Geral da Instituição onde poderá ser consultado pelos sócios, nas horas de expediente.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) Manuel Abrantes das Neves

Ref. Com.



A SOAGRIVAL levou a efeito no passado dia 17 no Casino Estoril um cocktail em que se apresentou como engarrafadora em Portugal dos uisques escoceses das reconhecidas marcas Mc. DONALD'S (6 anos) SCOTIA ROYALE (12 anos) MAC LAREN (12 anos) HOUSE OF PEERS (de 8 e 20 anos).

Estiveram presentes a esta reunião além dos órgãos de informação, dos clientes e fornecedores, os sócios gerentes sr. Soares, sr. Esteves, sr. Lima e ainda o escocês Fred, figura simpática que nos seus trajes regionais, e em representação de seu pai, o proprietário das referidas marcas, fazia as honras da casa.

Estes uisques são engarrafados em Portugal sob o maior rigor de manutenção da qualidade, existindo para tal nas instalações da SOAGRIVAL um representante da origem fazendo constantes análises do engarrafamento.

O whisky chega a Portugal em pipos de 200 litros com uma graduação de 65º e é desdobrado para a graduação de 43º segundo as mais modernas técnicas.

IV Governo toma posse amanhã

O Presidente Eanes confere posse ao IV Governo amanhã no Palácio da Ajuda. Belém anuncia a cerimónia para as 12 e 30. Assinam compromisso, além de Mota Pinto, chefe escolhido por Eanes para dirigir o novo Executivo, quinze ministros e dois secretários de Estado. Entretanto, Mota Pinto ultima os contactos para a frente das secretarias e subsecretarias de Estado e conclui, com a sua equipa ministerial, a elaboração do programa de Governo que deverá submeter a apreciação e votação no Parlamento a semana que vem. É à volta deste programa e da posição a assumir perante ele por parte das diversas forças partidárias com assento na AR que se situam agora as maiores expectativas.

Algumacoisa já se sabe das diferentes posições dos diversos partidos face ao Governo. A posição de maior identificação com os nomes do elenco e o espírito que estará por trás da sua formação parece ser a do PSD, pelo menos a julgar por declarações de alguns dos seus principais dirigentes, como Meneres Pimentel por exemplo, que ainda recentemente afirmou tratar-se, o IV, do melhor Executivo nas circunstâncias actuais, e esperar apenas que socialistas e comunistas não se oponham a que ele passe na AR com o seu programa. Calcula-se facilmente qual será a posição dos socialistas-democratas quando se tratar de votar na próxima semana.

Os socialistas já se sabe que têm reservas, e não poucas, quanto à composição nominal do Executivo de Mota Pinto. O PS não exprime qualquer oposição ao nome do Primeiro-Ministro escolhido por Eanes, mas manifestou-se pouco a favor, logo que os nomes do elenco ministerial se tornaram conhecidos. Ainda ontem Mário Soares dizia ao vespertino «A Luta» que, «à primeira vista, não pode deixar de se ficar com a impressão de que o elenco já indicado é o mais conservador de todos os governos desde o 25 de Abril incluindo mesmo pessoas que tiveram responsabilidades políticas no regime deposto». Soares diz que se reserva para uma tomada de posição quando o programa do IV Governo estiver em causa, mas adianta que «o PS é partido claramente de oposição» e que, apesar de a posição socialista na AR depender «em grande parte da composição integral e do programa do Governo e ainda do debate que vier a ser realizado», o PS está «bem

consciente das dificuldades da actual conjuntura»: «Acima de tudo (o PS, no dizer de Soares) terá sempre em conta o interesse nacional. Por isso, sempre

Mota Pinto e ministros ultimam programa

tem dito que não se colocará numa posição de mera obstrução». Não se poderia ser muito mais claro quanto à predisposição dos dirigentes do PS. Entre os observadores da vida política nacional parece ter-se criado um consenso quanto à eventualidade de os socialistas absterem-se na votação do programa do Governo Mota Pinto e deixá-lo substituir o Executivo Nobre da Costa que o PS reprovou na AR, como se sabe, menos por razões programáticas do que por questões processuais respeitantes à escolha do primeiro-ministro por Eanes e à consequente formação do Executivo.

Se os socialistas se absterem na votação do programa — e, repetindo, tudo parece indicar que sim — o IV Governo passará o teste parlamentar, com a aprovação do PSD e do CDS. Declarações de dirigentes centristas deixam adivinhar qual vai ser a posição — favorável destes, na altura. Basílio Horta exprimeu, há dois ou três dias, reservas em relação a um nome do elenco (Pereira Magro, a quem Mota Pinto deixou ficar a pasta dos

Assuntos Sociais que Nobre da Costa lhe deu para sobraçar; e Pereira Magro foi, lembra-se, um dos três ministros que mereceram reservas por parte de socialistas-democratas e centristas na devida altura. Mas, mesmo que estas reservas se mantêm e acaso venham a servir ao CDS como aparente razão de reserva crítica em relação ao IV Executivo, tem toda a consistência a perspectiva de que também os votos centristas farão o Governo de Mota Pinto passar. O CDS reúne cúpulas estas tarde para assentar nas posições que deverá assumir.

Assim, apenas a única posição de oposição deverá ser a do PCP, que ainda ontem em conferência de imprensa tornou público que vai apresentar uma moção de rejeição no Parlamento, adiantando ainda que, independentemente da sua própria moção, os comunistas estarão disponíveis quanto a qualquer outra moção de rejeição que outro grupo parlamentar venha a apresentar eventualmente. Esta alusão é pertinente

tes venham também a opor-se à passagem parlamentar do novo Executivo e do seu programa.

No âmbito político-partidário extraparlamentar, a única posição pública de que temos conhecimento é a do MDP, através dum comunicado do seu secretariado nacional e sobre os nomes do elenco que Mota Pinto escolheu e as declarações deste entretanto feitas.

«Tanto a composição do IV Governo como as declarações do primeiro-ministro indigitado evidenciam um desvio relativamente à imagem democrática de outros órgãos de soberania» — diz o MDP, acrescentando que «este Governo não serve Portugal, não serve uma recuperação económica verdadeiramente nacional, não garante a Constituição e põe em risco o diálogo entre os portugueses. O IV Governo é o produto das mesmas concepções que levaram à formação do III Governo, cuja prática recheada de atropelos à ordem democrática e ao texto constitucional, perante o silêncio dos outros órgãos de soberania, já demonstrou que a fórmula de governo de independentes é a máscara sob a qual se esconde um governo de direita, representativo de forças hostis ao interesse nacional».

A propósito de III Governo, diga-se, nem que somente a título de curiosidade, que ele vai reunir ainda hoje e uma última vez os seus ministros em plenário sob a presidência de Nobre

Somente o PC vai propor rejeição

para a expectativa algo fraca, no entanto — de que o PS se disponha a discutir o Governo e o seu programa até às últimas consequências. Parece entretanto desnecessário dizer que se prevê tanto o deputado da UDP como os deputados indepen-

da Costa. Antes da reunião começar — simples curiosidade, de novo — ministros e secretários de Estado juntam-se todos nas escadas da residência oficial do Primeiro-Ministro diante duma objectiva para um retrato; (para a posteridade).

Julgamento de Edmundo Pedro prossegue na próxima segunda-feira

A terceira sessão do julgamento de Edmundo Pedro, marcada para ontem, foi suspensa meia hora depois do início por não ter sido recebido a tempo o depoimento escrito do general Galvão de Figueiredo, chamado a depor na qualidade de vice-chefe do Estado-Maior do Exército ao tempo em que o réu diz ter recebido as armas encontradas em seu poder. O testemunho de Galvão de Figueiredo será apreciado na próxima sessão, que se efectua no dia 27, às 10 horas, e deverá ser a última do julgamento.

Ontem, um dos patronos do réu, o dr. Proença de Carvalho, apresentou a sua despedida, uma vez que foi escolhido por

Mota Pinto para ministro da Comunicação Social. Os curtos momentos tomados pela discussão do pleito, foram preenchidos por perguntas ao tribunal e ao Ministério Público ao réu todas incidentes sobre a maneira como se processavam os seus contactos com os militares não identificados que, no dia 25 de Novembro de 1975, lhe entregaram armamento e, posteriormente, receberam o que ele pôde devolver. Edmundo Pedro disse tratar-se de oficiais do Estado-Maior do Exército que pediram discrição e quiseram que a devolução de armas fosse rodeada do maior sigilo.

O juiz-corregedor, Machado Soares, pediu um esclarecimento acerca do número de armas que devia ser entregue na altura em que o réu foi surpreendido pela Guarda Fiscal dado que havia uma pequena diferença entre o número indicado pelo Estado-Maior do Exército e o apontado por Edmundo Pedro. O acusado lembrou que não assistira à embalagem, pelo que não sabia ao certo quantas armas havia nos caixotes.

BACALHAU Cooperativas de consumo querem garantias

PORTO, 21 — A necessidade de um efectivo apoio governamental às cooperativas de consumo para defesa do poder de compra das classes laboriosas foi defendida durante um encontro de cooperativistas, realizado nas instalações de Ramalhe da FENACOOOP — Federação Nacional de Cooperativas de Consumo do Norte. Num estudo apresentado aos presentes afirma-se que «através do sector cooperativo de consumo, é possível distribuir equitativamente cerca de 12 por cento do bacalhau lançado no consumo e com garantias de comercialização e justo preço». O estudo, que engloba ainda outros produtos essenciais (azeite, óleos, arroz, etc.), sublinha que para as 442 cooperativas de consumo existem 343.434 famílias associadas, que se traduzem numa população de um milhão e duzentas e duas mil pessoas, ou seja cerca de 12 por cento da população. E exactamente um contingente proporcional a esses números que o movimento cooperativo exige da comissão reguladora do bacalhau.

Apontadas novas pistas relativas ao caso General Delgado

Os advogados de acusação do processo Delgado, Abran-ches Ferrão e Luís Salas, iniciaram, ontem, a leitura do processo Delgado que se encontra arquivado no tribunal de Olivença.

De acordo com as informações por eles prestadas, as peças mais importantes do processo espanhol encontram-se já em Portugal apenas ao processo em julgamento. Contudo, o dr. Abran-ches Ferrão declarou que surgiram já alguns elementos novos que podem constituir pistas importantes. O secretário do tribunal de Olivença confirmou que a justiça espanhola poderá fornecer a cópia integral do processo se esta for pedida pelos tribunais portugueses, pelas vias competentes.

Recorde-se que os primeiros acusados no processo espanhol são Mário de Carvalho e Ernesto Bisinho e ainda, os quatro elementos da Pide que utilizaram passaportes falsos e que se sabe hoje serem Rosa Casaco, Ernesto Ramos, Tienza e Casimiro Monteiro. O pido Semedo, do Posto de S. Leonardo, é o último incriminado.

O secretário do tribunal de Olivença declarou também, que o processo espanhol pode ser reaberto em qualquer momento, por diligências da família Delgado, do Governo Português ou do próprio Ministério Público Espanhol, se surgir qualquer elemento novo, como seja, a identificação real dos acusados.

Porém os advogados portugueses afirmaram que a eventualidade de fazer reabrir o processo espanhol ainda não tinha sido definitivamente considerada por eles.

De acordo com o testemunho prestado à ANOP, Aranjay Campos foi vista viva no local onde mais tarde vieram a três

quilómetros da fronteira portuguesa, segundo o depoimento de Oscar Alonso, industrial de calçado, residente em Badajoz.

Segundo as informações prestadas à referida agência noticiosa, ao cair da tarde o industrial estivera a caçar nesse dia de Fevereiro de 1965, numa cousta situada entre Valência de Mompuey e Villa Nueva Del Fresno quando, parando o carro na estrada, à espera de um primo que vinha atrás, viu a cerca de cinquenta metros, num caminho desviado, uma mulher ainda jovem e quatro ou cinco homens que lhe chamaram a atenção. Certo, estava um carro grande dentro do qual parecia estar alguém doente. O local apontado pelo industrial espanhol corresponde àquele em que vieram a ser descobertos os corpos de Humberto Delgado e Aranjay Campos, enterrados num pequeno eucaliptal situado à beira de um caminho que liga a fronteira portuguesa mais precisamente à herdade de Carvalho,

propriedade de Guilherme Gião, e atravessa a quinta do advogado Dom José, então chefe de alfândega do posto de São Leonardo por onde a brigada da Pide passou para Espanha.

A confirmar-se a hipótese levantada pelo testemunho inédito de Oscar Alonso poderá admitir-se que o general Delgado foi ferido ou morto ao encontrar-se com os pides, junto à herdade de Los Almerines à saída de Badajoz ou noutra local e transportado depois para o eucaliptal onde Aranjay deve ter sido abatida e os dois corpos foram enterrados, só sendo descobertos dois meses mais tarde.

Trata-se de uma nova pista aberta com a deslocação a Badajoz dos advogados de acusação do caso Delgado, acompanhados por jornalistas, e que parece invalidar a versão portuguesa apresentada pelos pides segundo os quais a morte do general e de Aranjay se deu praticamente ao mesmo tempo quando do encontro à saída de Badajoz, no local que tem sido até agora aceite como o do crime.

Outra pista igualmente obtida nesta viagem resulta da informação segundo a qual no processo espanhol existem testemunhos de dois empregados do restaurante do Hotel Simancas. Estes teriam declarado que o general, durante a sua estadia em Badajoz, contactou cinco elementos destacados da oposição portuguesa que, no entanto, nunca

foram citados nem ouvidos pela polícia espanhola nem pela Pide. Os enviados da ANOP e da RDP conseguiram localizar essas testemunhas que são Angel Soriano Benavente, também conhecido como Angel de Espanha, cantor amador que trabalha como barman no Dardy's Clube em Badajoz e Luis Gabardino Conejo, empregado na pastelaria Colon.

Ambos confirmaram que o general Delgado chegou ao Hotel Simancas, no dia 12 de Fevereiro de 1965, acompanhado de uma senhora e durante o tempo que ali esteve não falou com ninguém, limitando-se a cumprimentar na sala de jantar um ou outro hóspede da mesa vizinha à sua. A sua aparência era a de um casal que vinha só, mas para Conejo eram «hóspedes vulgares».

Ao que afirmam, o casal não voltou a ser visto depois do dia 13, quando saiu do hotel às 11 e 30 da manhã e não regressou. Os dois empregados do Hotel Simancas foram interrogados e solicitados a identificar fotografias de diversas pessoas tendo Angel declarado não reconhecer nenhuma e Conejo admitido ter reconhecido semelhanças, mas nunca uma identificação segura.

Os depoimentos das duas testemunhas parecem demonstrar por um lado, a colaboração que existiu entre as polícias políticas de Espanha e Portugal, visto que as fotografias apresentadas para identificação eram de conheci-

dos opositoristas muito conhecidos em Portugal. Por outro lado, mostra o propósito não consumado, de inculpar a oposição portuguesa do assassinio de Humberto Delgado numa altura em que a P de inculpava o arquitecto Andrade e o dr. Vilhena de Andrade num processo que agora, em tribunal, Silva Pais e Pereira de Carvalho reconhecem ser inteiramente forjado.

A jornalista da ANOP, Maria António Palla, salienta ainda que o pseudo-encontro do general com «elementos da oposição», não veio a ser considerado no sumário de culpa do processo espanhol e não foi nunca referido no processo português. Com efeito, o processo espanhol aponta como primeiros incriminados da morte do general Delgado e da sua secretária, os informadores Mário de Carvalho e Ernesto Bisinho, e outros quatro indivíduos cujas identidades correspondem a Rosa Casaco, Ernesto Lopes Ramos, Agostinho Tienza e Casimiro Monteiro e ainda o pido Semedo do posto fronteiriço de São Leonardo.

É de admitir que o testemunho de Angel Soriano e de Luis Conejo, venham a ser explorados pelos advogados de defesa do Processo Delgado. Pergunta ainda a jornalista: «serão, aliás, estes os dois testemunhos, as «revelações sensacionais» prometidas para breve pelos advogados de defesa do julgamento que decorre em Santa Clara?



VINIPI

1º salão internacional da vinha e do vinho

17 a 26

NOVEMBRO

Feira Internacional de Lisboa

HORARIO

PÚBLICO
DIAS ÚTEIS
DAS 17.00 AS 24.00 HORAS
SABADOS E DOMINGOS
DAS 15.00 AS 24.00 HORAS
PROFISSIONAIS
DIAS 20 A 24
DAS 17.00 AS 20.00 HORAS

Associação de Vinhos do Alentejo
Associação de Vinhos do Alentejo
Associação de Vinhos do Alentejo

Turismo de Montanha estudado

na Covilhã

COVILHÃ, 21. — Ampliação das estruturas hoteleiras da serra da Estrela, das estradas e caminhos que dão acesso aos seus locais mais aprazíveis e pitorescos e fomento dos desportos que se praticam na área, bem como lançamento de outros, foram algumas das conclusões do I Encontro Sobre Turismo na Montanha, que decorreu, anteontem, nesta cidade.

A análise dos meios que possibilitem o desenvolvimento do sector seria, através daquele e de outros pontos (um outro tema permitiu que fosse proposto o incremento da caça e da pesca, o campismo e o caravanismo, e a construção de um pavilhão polivalente), exaustivamente discutida pelos 35 delegados participantes.

Foi também salientada a importância da realização de festivais de natureza a aliciar turistas e a inclusão da zona da Cova da Beira no perímetro turístico da serra da Estrela. Também foi sugerido que a Comissão Regional de Turismo se passe a chamar «Comissão Regional de Turismo da Serra da Estrela e da Cova da Beira», na sequência da anterior proposta.

DELEGAÇÃO REGRESSOU A GRÉCIA

PASOK impressionado com a Reforma Agrária

A delegação do PASOK (Movimento Socialista Pan-Helénico) que visitou Portugal durante uma semana, a convite da UEDS, regressou no sábado passado à Grécia, tendo, na véspera, no decurso de um debate público, manifestado a sua profunda impressão pela experiência dos trabalhadores da Reforma Agrária e das suas cooperativas de produção.

Os representantes do segundo maior partido grego e principal força da oposição ascendente ao Governo direitista de Caramanlis disseram também que, embora não tenham de momento qualquer pacto ou aliança semelhante à União de Esquerda, não afastam a hipótese de o vir a celebrar, se a evolução da conjuntura grega o justificar.

«Quando das últimas eleições para as autarquias (em que o PASOK somou 30 por cento do total dos votos expressos e conquistou a maioria em mais de 100 municípios, nomeadamente nos grandes centros urbanos de Atenas, Pireu e Salónica) fizemos alianças locais com as forças de esquerda», disse Pericles Niarchou, membro da delegação. «Noutros municípios, isso não foi possível mas nem se põe a questão de colaborarmos, sempre, a nível das iniciativas

de base das populações».

O PASOK, tal como informámos numa das nossas edições, não pertence à Internacional Socialista. É intransigente na recusa da entrada da Grécia na NATO e na CEE e defende uma política de autonomia económica e independência política face aos dois blocos. A propósito da Internacional Socialista, movimento hoje dominado hegemonicamente pela Alemanha Federal, através do Partido Social-Democrata, o PASOK distribuiu um comunicado em que reafirma a sua não integração na IS e explica que a presença de Melina Mercouri em recente reunião da Internacional Socialista (em que apareceu, até, em fotos lado a lado com Mário Soares) tinha sido a título individual, como convidada de François Mitterrand.

O debate com os dois membros da PASOK, Niarchou e Coutuzis, na Casa da Imprensa, foi o seu último contacto com o público português.

Participaram, aliás, como espectadores atentos ou como interlocutores representantes de outras forças de esquerda portuguesa (entre outros viam-se Carlos Carvalhas, deputado do PCP, e Blasco Hugo Fernandes, do MDP/CDE) e elevado número

de dirigentes da UEDS (União de Esquerda para a Democracia Socialista), a organização que convidou o segundo maior partido grego a visitar Portugal e a inteirar-se da realidade política portuguesa.

Do debate resultou, com utilidade prática interna, e entre outros pontos da experiência grega ali divulgados, a tentativa de equilíbrio que o PASOK pretenderá, se for poder, entre a autogestão, que defende e a planificação que o desenvolvimento dos meios de produção hoje exige. Disseram:

«Visitámos os «kolkhoze» na União Soviética, onde a planificação obedece às directivas dos organismos centrais, e tomámos contacto com as cooperativas autogestionárias da Jugoslávia, onde a planificação se faz pela base, e a nível central apenas se coordena. Pela nossa parte não queremos maximizar a teorização destas questões: à medida que a experiência se for levantando, adaptar-nos-emos a elas sempre com a orientação geral de defendermos, em princípio, a autogestão de base».

Um dos resultados da visita dos políticos gregos a Portugal será a participação portuguesa, através das forças políticas que se reclamam do socialismo, na próxima Conferência do Mediterrâneo a organizar em Atenas pelo PASOK.

CRÓNICA À MARGEM

Entre Évora e S. Bento

Gritou-se há dias na rua: «O custo de vida aumenta, o povo não aguenta» e nunca uma palavra de ordem se ajustou tão bem ao concreto, à realidade vivida pela maioria dos portugueses.

Recordemos, ao acaso, alguns preços de 1975 (antes do 25 de Novembro). Naquela época — nada remota — a carne de vaca estava a 100\$00 o quilo e o azeite a 57\$00 o litro; o arroz carolino a 10\$00, o carapau a 30\$00, o goraz a 85\$00 e o café puro a 130\$00; o chouriço a 50\$00 e os ovos a 18\$00 a dúzia; o par de sapatos a 600\$00 e a gasolina super a 12\$50 o litro.

Hoje, como todos sabemos, os custos destes produtos aumentaram brutalmente. A «mesma» carne de vaca está a 220\$00 o «mesmo» azeite a 85\$00, o «mesmo» arroz a 22\$50, o «mesmo» carapau a 110\$00, o «mesmo» goraz a 240\$00, o «mesmo» café a 500\$00, o «mesmo» chouriço a 110\$00, os «mesmos» ovos a 35\$00, o «mesmo» par de sapatos a 1.300\$00, a «mesma» gasolina a 31\$00. E para além destes exemplos, tudo subiu em idêntica proporção: géneros alimentícios e vestuário, água e luz, gás e telefone, calçado, livros, bilhetes de teatro e de cinema, transportes, até o futebol...

E os vencimentos dos trabalhadores?...

...Bom, nós sabemos como se têm processado (de 1976 para cá) as negociações para

os contratos de trabalho, nós temos sofrido os efeitos das famigeradas leis dos 15 e dos 20 por cento (quando não do congelamento), nós constatamos diariamente a degradação do nosso «poder» de compra...

Enquanto isto, o povo interroga-se e os governos sucedem-se. Na rua comenta-se. Nos cafés conspira-se. Nos transportes públicos dizem-se as últimas.

Quatro anos depois de Abril, dois anos depois da Constituição mais progressista do Ocidente, a maioria deste povo aperta o cinto e aguarda o prometido. Só que... aguardar não basta nem resolve. Como não adianta comentar, conspirar e dizer as últimas...

A maioria deste povo tem é que saber distinguir quem o defende de quem o trai. Mesmo continuando a «não perceber» nada de Política nem de Economia, ainda que demasiado dependentes do binómio escudo-estômago, os portugueses não-de lá chegar.

As ilações a tirar de dois acontecimentos recentes (confirmação da esquerda em Évora e inflexão à direita do IV Governo Constitucional) serão elementos a ter em conta por quantos queiram entender o porquê das coisas.

Quem quer continuar a ser (apenas) carne para canhão? Não, por certo, o «povo que não aguenta».

Rodrigues Borges

Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

LISBOA — ALGARVE VIA SADO
LISBOA — ALENTEJO — ALGARVE
VIA SUL

Previnem-se os Srs. Passageiros de que a partir de 27 de Outubro são estabelecidas as novas circulações seguintes:

LISBOA (Terreiro do Paço)	P.	a) 18-05
Barreiro	C.	18-35
Pinhal Novo	P.	18-40
Vendas Novas		19-01
Torre da Gadanha		19-33
Casa Branca		19-49
Vila Nova da Baronia		20-06
Cuba		20-24
Beja		20-40
Santa Victória-Ervidel		20-57
Castro Verde-Almodôvar		21-12
Ourique		21-34
		21-49
FUNCHEIRA	C.	22-00

a) Só se efectua às sextas-feiras, excepto quando estas coincidam com feriado oficial, passando neste caso, a efectuar-se no dia anterior.

b) 18-20	P.	LISBOA (Terreiro do Paço)	C.	21-05
18-50	C.		C.	20-35 (a)
18-55	P.			20-37(a)
19-11		Barreiro-		20-33
19-23		Barreiro-A		20-21
20-30		Pinhal Novo		20-08
21-23		Setúbal		19-18
21-52		Alcacer do Sal		18-59
		Grândola		18-35
22-36		Enxarias-Sado		18-08
22-42		Funcheira		17-45
22-48		Luzianes		17-34
22-56		Santa Clara-Sabóia		17-14
23-11		São Marcos		17-02
23-15		Messines-Alte		16-52
		Tunes		16-40
23-11		Algoz		16-35
23-13		Alcantarilha		16-25
		Povo Barreto		16-16
		Silves		16-10
		Estombar		16-05
		Portimão		15-59
		Alvor		15-50
		Mexilhoeira Grande	P.	
		LAGOS		

a) Aguarda o comboio até 10 minutos de atraso.
b) Só se efectua às sextas-feiras.

Admitem-se 3 pessoas part-time — 12.000\$00

Empresa nacional precisa de 3 pessoas, de ambos os sexos, com boa apresentação, curso complementar dos liceus como mínimo e idade entre 18 e 35 anos, para trabalhar 3 horas diárias.
Contactar pessoalmente na Av. Duque de Palmela, 30 — 5.º andar, letra B, somente amanhã (4.ª feira) das 9 às 12 e 30 horas.

AVISO DESCIDA DE PREÇOS

VISITE JÁ O SALÃO DE EXPOSIÇÃO
DA FÁBRICA DE MÓVEIS
CONFIANÇA E DARTY.
AGORA COM VENDA DIRECTA AO PÚBLICO.

VEJA PARA ACREDITAR

Quarto de casal moderno..... 11 950\$00
Quarto de casal moderno..... 12 950\$00
Quarto de criança completo 10 500\$00
Quarto Século XVII desde 20 950\$00
Jogos de mapas de luxo desde 7 750\$00

MUITOS MAIS CONJUNTOS DE MOBÍLIAS
A PREÇOS NUNCA VISTOS.

ABERTOS À HORA DO ALMOÇO E ATÉ AS 21 HORAS

R. LUCIANO CORDEIRO, 18-A · LISBOA · TEL. 41384

R. CONGEIÇÃO SAMEIRO ANTUNES, 13-B

COVA DA PIEDADE · (Junto ao Pão de Açúcar)

R. DE S. JOSÉ, LOTE 1 · SACAVÉM · TEL. 251 2291

TRIBUNAL DE POLÍCIA

Da jeitosa "Minabela" aos vómitos na sanita...

Juiz: «Mas o senhor tinha bebido?». Diamantino, vinte anos, pedreiro, bastante magro, alto, barba imberbe e hirsuta: «Tinha bebido uns copos jeitosos». Juiz: «Mas uns copos jeitosos, o quê?». Diamantino: «Uns três bagaços jeitosos e depois bebi mais umas cervejas jeitosas na Minabela». Juiz: «Minabela jeitosa, mas o que é isso de Minabela? Cervejas jeitosas, bagaços jeitosos...». Diamantino: «Isso foi depois de ter estado no trabalho. Bebi vinho. E depois mais dois bagaços jeitosos. Na Minabela, que é um café, bebi mais umas cervejas jeitosas». Juiz: «Não me interessam se eram jeitosas ou não. O que me interessa saber é se estava embriagado, se estava bem bebido». Diamantino: «Bem, no trabalho eu já tinha bebido uns copos de vinho jeitosos...». Juiz: «Mas você pedreiro, beber assim no trabalho... e não vê que lhe podia cair uma pedra em cima da cabeça... que podia cair das escadas abaixo». Diamantino: «Mas isso de beber foi já depois de ter acabado o trabalho...». Juiz: «Está bem, você é que o diz. Mas agora outra coisa: porque razão é que

queria ser preso à viva força?». Diamantino: «Saibam o senhor doutor que eu já tinha bebido uns copos jeitosos... com uns amigos... e não me lembro já de nada do que se passou». Juiz: «Está bem, pronto, venha lá o guarda». Entra o guarda. Juiz: «Então diga lá o que se passou... mas resumidamente». Guarda (da PSP): «Eu estava de serviço na Avenida Gago Coutinho, na Amadora, e vai daí o réu sem mais nem menos chegou-se ao pé de mim e disse-me: «Sabe quem eu sou? Pois quero que me prenda. Que me leve para a esquadra e já». Eu nunca o tinha visto e tentei fazer-lhe ver que não tinha nada que o levar preso. E como o réu estava com uns colegas (dois rapazes e uma rapariga) aconselhei-o a tomar um táxi e a ir para casa. Ele não me obedeceu e inopinadamente mandou-me uma bofetada». Juiz: «Mas espere aí senhor guarda. O senhor aqui no auto não diz que o réu lhe mandou uma bofetada, mas sim que, inopinadamente, lhe pareceu que ele o queria atingir, não o tendo conseguido porque o senhor entretanto se esquivou, apenas lhe havendo ati-

rado com o boné para o chão». Guarda: «Sim, de facto o réu não me chegou a atingir. Só que depois foi ele quem não me quis acompanhar à esquadra». Juiz: «Quer dizer que primeiro era ele que queria ser preso e o senhor não o queria prender. E depois era você que o queria prender e ele que não queria ser preso». Guarda: «Exactamente, senhor doutor. Mas por fim lá se decidiu. E já na esquadra, exaltado, deupancada na secretária». Juiz: «Deu pancada na secretária?». Guarda: «Na secretária, mesa, senhor doutor». Juiz: «Ah, na mesa... é que já pensava... e o réu proferiu expressões injuriosas!». Guarda: «Bem injuriosas propriamente não... só nervos». Juiz: «E estava embriagado?». Guarda: «Se estava embriagado ou não, não poderei dizer. Mas normal não estava». Um segundo guarda (também da PSP): «Eu estava aí a uns cinquenta metros, de sentinela à porta da esquadra, e vi o réu de braços no ar... e o boné do meu colega a saltar». Juiz: «E seriam gestos para bater?». O segundo guarda: «Não sei se eram para bater, se eram para se libertar... fui

apanhar o boné... e ele gesticulava... bem normal, normal, não estava... e vendo-o no outro dia já nem me parecia o mesmo...».

Juiz: «E isto é para terminar: o senhor estava ou não estava embriagado? Lembre-se que só tem vantagens em falar verdade». Diamantino: «Não me lembro... só sei que bebi uns copos jeitosos... e no outro dia a sanita da cela estava toda vomitada...».

Dez minutos para o juiz meditar. Depois a sentença: pena (trinta dias de prisão e demais impostos) suspensa por dois anos. Comentário de um dos muitos assistentes, já em pleno corredor, a marcar bem o lado (sadiamente) irónico que marcou este julgamento, bem longe do (pesado) de outras situações (audiências) ali vividas em parcialidade, num ambiente de (sumária) excepção: «O que ainda ajudou o Diamantino foi a secretária ser uma mesa. Porque se fosse jeitosa e se chamasse Minabela, nem a prova do vomitado na sanita da cela o safava».

MANUEL GERALDO

GUIMARÃES DIAS HOMENAGEADO

"A Polícia não lhe deu aquilo que ele esperava"

PORTO, 21 — O juiz Guimarães Dias, que durante três anos e meio assumiu a responsabilidade máxima da PJ do Porto foi, ontem à tarde, alvo de uma inesperada homenagem de despedida por parte dos funcionários daquela Polícia, que lhe ofereceram duas salvas de prata. Numa delas, dada por «aqueles que mais que subordinados foram amigos», realça-se o «carácter, coragem e sentido da humanidade» do ex-director, agora colocado no 5.º Juízo Correccional.

Na oportunidade, o actual director adjunto interino, dr. Paulo Paredes, salientou existir agora uma «lacuna muito difícil de preencher», e António Garcia, em nome do grupo de agentes que foram alunos do homenageado, apontou aquilo que, no fundo, está na origem do pedido de demissão apresentado pelo dr. Guimarães Dias: a polícia «não lhe deu» aquilo que ele «esperava». Frise-se que, tal como ontem noticiámos, para o ex-director não foram tomadas a nível central, as medidas impe-

riosas que se impunham para a dignificação da PJ, tudo parecendo «apontar para soluções que podem vir a ser dramáticas».

Por sua vez, o dr. Guimarães Dias, manifestando a sua surpresa com a homenagem, sublinhou que foi sempre o ideal da democracia que infundou a sua actividade.

Recorde-se que foi precisamente sob a direcção do dr. Guimarães Dias que a PJ do Porto teve um papel preponderante no combate ao terrorismo.

PRESO VAI SER PAI GRAÇAS A INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Uma jovem francesa, deverá dar à luz em Fevereiro, graças à inseminação artificial, um bebé cujo pai cumpre há cinco anos uma pena de prisão, afirmam vários jornais parisienses.

Segundo a imprensa, o recluso não beneficiaria de nenhuma saída temporária que teria permitido à sua apaixonada conceber de maneira mais «na-

tural». Para obviar esta situação, um médico deslocava-se todos os meses à cadeia, na altura da ovulação para recolher o espermatozóide que era transportado para um «banco» especializado. A fecundação foi bem sucedida ao cabo de 7 tentativas.

A direcção da penitenciária declarou, entretanto, não estar ao corrente do que se passava.

Antonio Carloto
TECIDOS, ESTOFOS E DECORAÇÕES

MÓVEIS
EM TODOS OS ESTILOS

CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS

Rua Serpa Pinto, 43 e 45. Tel. 2072448
Rua Miguel Bombarda, 1 e 222/222-A

BARREIRO

10.º JUÍZO CIVIL DA COMARCA DE LISBOA

PROC. 5353-3.ª Sec.

ANÚNCIO

— Participação

FAZ-SE SABER QUE nos autos de execução de sentença sumária que corre seus termos pela 3.ª Secção deste Juízo movida pela exequente METALÚRGICA DUARTE FERREIRA, SARL, correm éditos de TRINTA DIAS que começarão a contar-se da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os executados, FRANCISCO LOURENÇO DA CRUZ GOIS e mulher MARIANA DA CONCEIÇÃO SALGUEIRO CORREIA CRUZ GOIS, com última residência conhecida na Rua Eng.º Arantes e Oliveira, N.º 14, em Beja, e ora ausentes em parte incerta, para no prazo de CINCO DIAS, findo

que seja o dos éditos pagarem à exequente, acima indicada, a quantia de 100.156\$00 e juros vencidos até integral reembolso ou, no mesmo prazo, usarem do direito de nomearem bens à penhora suficientes para garantia e pagamento daquela quantia e acréscimos legais, sob pena de esse direito se devolver à mesma exequente.

Lisboa, 13 de Novembro de 1978
O Juiz de Direito,

Zeferino David Faria
O Escrivão
António Rodrigues da Silva

MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO E CULTURA
ESCOLA PREPARATÓRIA
DE LUIS ANTONIO VERNEY

Em cumprimento do ponto 2.1 do despacho n.º 51/78, torna-se público que se encontram vagos os seguintes horários:

Grupo 01 — 1 horário completo
Grupo 04 — 2 horários completos
Grupo 46 — Ed. Física Feminina — 1 horário completo.

Mais se comunica que o prazo para a recepção de candidaturas termina 3 dias após a publicação do presente aviso, inclusive.

O Presidente do Conselho Directivo
Maria Georgina Palma

Ministério da Habitação Urbanismo e Construção

Secretaria de Estado
da Habitação e Urbanismo

FUNDO DE FOMENTO
DA HABITAÇÃO
ANÚNCIO

1 — Faz-se público que se encontra aberto concurso para a realização da empreitada n.º 19/DHC/78 de «CONSTRUÇÃO DE 168 FOGOS EM CRESTELO — SEIA».

FASE A — 40 FOGOS:

Preço Base 20.445.566\$00
Caução 511.139\$20
Prazo de Execução 480 dias

FASE B — 64 FOGOS:

Preço Base 30.686.247\$00
Caução Provisória 767.156\$20
Prazo de Execução 480 dias

FASE C — 64 FOGOS:

Preço Base 35.104.573\$00
Caução Provisória 877.614\$30
Prazo de Execução 480 dias

2 — Será condição para admissão ao concurso o ser possuidor dos alvarás da 1.ª subcategoria da categoria I para os empreiteiros de Obras Públicas e da categoria única para os industriais de Construção Civil e da classe e subclasse correspondentes ao valor da proposta apresentada.

3 — O processo de concurso pode ser consultado todos os dias úteis às horas normais de expediente na Direcção de Habitação do Centro — Av. Emídio Navarro, n.º 81 - 2.º — Coimbra, na Delegação de Aveiro — Direcção de Habitação do Centro, Rua Mário Sacramento, 28 — Aveiro e na Câmara Municipal de SEIA.

4 — O acto público do concurso realiza-se pelas 15 horas do dia 21 de Dezembro de 1978, na Direcção de Habitação do Centro — Coimbra.

5 — As propostas deverão dar entrada na Secção de Expediente Técnico da Direcção de Habitação do Centro, até às 17 horas do dia anterior ao da realização do concurso pelos concorrentes ou seus representantes, contra recibo, ou remetidas pelo correio sob registo e com aviso de recepção por forma a dar entrada na D.H.C. até à mesma hora, podendo os interessados obter cópias de todos os processos de concurso, através do sector de heliografia da D.H.C., sendo da inteira responsabilidade dos interessados a verificação e comparação das cópias com os elementos patenteados.

Coimbra, em 16 de Novembro, de 1978

O RESPONSÁVEL PELA D.H.C.

(Manuel dos Santos Pato)
Eng.º Chefe

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria
de Carnes dos Distritos de Setúbal e Santarém

Aos trabalhadores:
A população em geral

Associação patronal boicota
fornecimento de carne

A Associação Nacional dos Industriais de Carnes (ANIC), em conferência de imprensa realizada no dia 16/11/78, anunciou o corte de abastecimento de carne de porco a partir de 2.ª feira, dia 20, se entretanto o Governo não cedesse às suas exigências.

Esta atitude para além de atingir gravemente os interesses do público consumidor, visa ao fim e ao cabo monopolizar ainda mais o sector, por parte do grande patronato.

É sabido que as principais empresas da indústria possuem sistema de auto-abastecimento em carne e mesmo em rações que lhes permite aguentar por muito tempo a produção sem abate, utilizando carne congelada.

O mesmo não se passa com os pequenos e médios industriais, que em grande medida dependem do fornecimento do grande patronato.

Assim chegar-se-ia a uma situação em que por dificuldades financeiras daqueles que possuem um poder económico mais fraco, os maiores iriam ficando cada vez maiores, manipulando a indústria a seu belo prazer.

Num momento em que o custo de vida sobe de forma assustadora, atingindo os bens de primeira necessidade, em que é praticamente impossível chegar às carnes do bovino, ovino e caprino, vem a ANIC assumir uma posição que agravaria ainda mais o poder de compra dos trabalhadores e do povo em geral.

A resolução dos problemas do sector não se pode de forma nenhuma entregar nas mãos daqueles que pretendem exclusivamente a obtenção do lucro fácil, seja à custa de quem for, ela passa por uma maior intervenção do Estado que garanta sobretudo, o combate à especulação e simultaneamente o abastecimento.

Os trabalhadores, através do seu movimento sindical unitário, têm apresentado propostas concretas, tendentes a fazer sair o País da situação de crise económica em que se encontra, não podem por isso aceitar as manobras que vão no sentido de os envolver em processos desencadeados pelo grande patronato.

A chantagem, de que estão ameaçados os postos de trabalho, há que responder com firmeza e unidade em torno da nossa organização de classe, O SINDICATO.

Todos os trabalhadores se devem apresentar, como normalmente, nas suas empresas.

EM DEFESA DO CONSUMIDOR: NÃO AO BOICOTE!

UNIDOS VENCEREMOS

A DIRECÇÃO

Médico francês processa por difamação a União Federal dos Consumidores

A União Federal dos Consumidores Franceses (UFC), ao testar, no seu número de Fevereiro último, as reacções de onze médicos perante uma angina banal, tinha o objectivo principal de permitir às pessoas um melhor diálogo com os médicos. A julgar pelos debates ocorridos no dia 14 de Novembro, no Tribunal correcional de Paris, a intenção era ambiciosa. De um lado estiveram os magistrados e os advogados, do outro os professores de medicina. Tratava-se de um processo por difamação intentado contra a UFC por um dos médicos testados, o doutor Albert Cohen.

Há um ou vários tratamentos para uma doença como as anginas? A utilização de antibióticos de espectro bastante amplo será recomendada para uma angina viral?

Um interrogatório bem feito poderá na verdade dar inrotações sobre os antecedentes alérgicos do interessado? Dever-se-á observar o baço antes de receitar um antibiótico? Outras tantas questões bastante técnicas que levaram o presidente do tribunal a vincar que aquilo era direito e não medicina.

É certo que as normas escolhidas pela revista foram julgadas como «um modelo teórico aceitável», mesmo pelas testemunhas do doutor Cohen, professores Milliez e Modal. Mas o problema mantinha-se depois de quatro horas de debate. O julgamento bastante desfavorável feito ao exame clínico a partir de normas ideais, o interrogatório e o tratamento do doutor Cohen apresentam um carácter difamatório?

Outro argumento dos advogados de acusação: o processo in-

tentado ao sistema de saúde actual no artigo que precede o teste dos onze médicos prejudicaria, segundo eles, todos os médicos citados. Isso foi contestado pelo advogado de defesa. O doutor Benveniste afirmou: «As condições em que a profissão médica é exercida é que explicam a maior parte das deficiências individuais».

Em todo o caso, o processo intentado ao sistema de saúde pelos consumidores foi retomado, pelo menos em parte, pelas próprias testemunhas de acusação. Assim, o professor Milliez foi muito crítico para com o sistema actual de formação, a ausência de diálogo entre a medicina hospitalar e a medicina particular, ou a empresa dos laboratórios farmacêuticos sobre a formação permanente dos médicos. «Os abusos de honorários ou de clientela, e certas faltas graves», declarou ele, constituiriam causas melhores para o consumidor do que o tratamento de uma angina, no qual a parte subjectiva tem muita importância.

Macrobióticos marcam seminário para o Porto

LONDRES, 21 — (ANOP) — Os delegados ao I Congresso Europeu de Macrobiótica, que decorreu em Londres escolheram a cidade do Porto para efectuar, em Março do próximo ano, um seminário para médicos.

Segundo afirmaram à ANOP os organizadores, trata-se de uma iniciativa destinada a sensibilizar a classe médica para a macrobiótica, a «ciência e filosofia» que mais conhecida no aspecto alimentar por preconizar o equilíbrio entre os alimentos expansivos e contrativos.

No congresso efectuado na capital inglesa estiveram presentes dez portugueses, alguns a título individual e outros representando organizações como a Cooperativa Unimave, proprietária de três restaurantes macrobióticos dos onze que já existem em Lisboa.

Também se fizeram representar estruturas de praticamente todos os países europeus, e, como observadores, do Japão, Estados Unidos, Canadá e América do Sul.

Ministros da Saúde dos Nove decidem tentar reduzir "superconsumo" de medicamentos

Numa reunião inserida no quadro da CEE, os ministros de Saúde dos «nove» chegaram em Bruxelas, a acordo no que respeita à necessidade de se reduzir, nos países do Mercado Comum, os custos em crescimento da Saúde, que registaram um acréscimo bastante rápido nos últimos anos.

Na reunião verificou-se que os países membros deviam desenvolver programas de economias dos custos da Saúde, assentes em melhor informação dos médicos e dos consumidores. Por outro lado, chegou-se à conclusão de que em quase todos os países europeus houve um «superconsumo» de produtos farmacêuticos, o qual duplicou ao longo da última década.

Neste aspecto é de salientar que o custo dos remédios repre-

senta 34 por cento das despesas de Saúde em Itália, 26,1 por cento no Luxemburgo, 21 por cento em França, 13,3 na RFA e 10,5 no Reino Unido.

Por outro lado, um estudo levado a cabo pelos serviços da comissão europeia constata igualmente que nem todos os medicamentos prescritos pelos médicos são tomados pelos doentes, embora a comissão não encontre qualquer solução política susceptível de controlar a prescrição de remédios pelos médicos.

Os ministros, chegaram também a acordo quanto ao desenvolvimento, nos nove países da CEE, de campanhas antitabágicas, aliás já em curso.

A este respeito, um estudo da comissão da CEE demonstra que as campanhas não têm sido

eficazes, excepto em França e nos Estados Unidos, onde o consumo diminuiu respectivamente de 3 por cento e de 10 por cento, ao contrário dos restantes países europeus, onde se não registou qualquer diminuição de consumo.

Os ministros verificaram que a propaganda do tabaco está a desaparecer progressivamente dos ecrãs de TV, mas continua presente no cinema, pelo que os «nove» se mostram decididos a estudar, à escala da Europa, os seus diversos pontos de vista sobre a eficácia das campanhas antitabágicas e os motivos do seu êxito ou malogro relativo.

Por último, os ministros reconheceram a necessidade e interesse da luta contra o «doping» no desporto, nos diversos países da CEE.

Prémios Lasker repartidos por americanos e ingleses

Seis americanos e dois ingleses foram designados, terça-feira, em Nova Iorque como laureados dos prémios Albert Lasker, a mais alta distinção dos Estados Unidos em medicina.

O prémio Albert Lasker, de investigação aplicada, foi atribuído a três cientistas americanos, devido aos respectivos trabalhos sobre vacinas que permitem tratar anualmente meio milhão de infecções por pneumococos e mais de 20 mil meningites. Trata-se dos drs. Robert Austrian, Emil Gotschlich e Michael Heidelberger.

Foram também galardoados os ingleses Hans Kosterlitz director dos serviços de investigação sobre estupefacientes na Universidade de Aberdeen, e John Hughes, professor de farmacologia do «Imperial College of Science and Technology».

A SAÚDE DOS ESTUDANTES FRANCESES

Informações úteis e perguntas inúteis

Pais de alunos do colégio Guillaume Apollinaire, de Paris, hesitam em preencher uma ficha nacional de orientação médica que acaba de lhes ser dirigida e que tem o objectivo de estabelecer «um balanço das capacidades físicas do adolescente em vista uma procura de condições de trabalho que lhe convenham mais». Uma tal desconfiança é, ao que parece, motivada pela campanha contra o dossier escolar, o sistema GAMIN (Gestão automatizada da medicina infantil) e o projecto AUDASS (Automatização dos assuntos sanitários e sociais).

A ficha de orientação médica existe, no entanto, há mais de vinte anos. «95% dos pais da região parisiense estavam habituados a responder a essa ficha», explica o doutor Delmas, presidente da sociedade médica de orientação profissional, mas agora o receio de ficar «fichado» incita-os a achar indiscreto esse questionário.

O interesse da criança e o carácter estritamente confidencial da ficha não bastam para inspirar confiança.

O que contam ela? Ao lado de informações úteis sobre doenças crónicas da criança — se não distingue as cores mais vale não ser orientada para carreiras ligadas à electrónica — há outras perguntas que, na verdade, não parecem de interesse médico. Qual a idade da mãe? A profissão do pai, do padrasto ou do tutor? O adolescente é colérico, alegre, triste, calmo, agitado, vivo ou lento? Tem bom feitio?

É PRECISO SABER TUDO SOBRE A CRIANÇA

Embora dê as suas razões, Delmas reconhece que o questionário deve ser revisto. «Nunca damos contra-indicações formais, embora o nosso papel seja tanto o de defender a sociedade como o de evitar demasiados erros de orientação». «Em princípio o questionário dirige-se aos pais dos alunos. E uma conselheira pedagógica do centro de informação e orientação do 15.º bairro declara: «Só enviamos a ficha àqueles que se destinam ao contrato de aprendizagem ou ao ensino tecnológico». Os «bons» estabelecimentos não a recebem. O doutor Delmas reconhece: As respostas denotam muitas vezes um baixo nível social e cultural. Nós limitamo-nos a aconselhar. Mas os conselhos dos médicos não tomarão por vezes um carácter mais constrangedor nos meios mais desfavorecidos?

Para esses adolescentes que depressa vão trabalhar compreende-se bem o sentido desta ou daquela pergunta sobre a asma ou as varizes ou até sobre o bom ou mau feitio. É preciso saber tudo sobre a criança, no seu interesse, diz a senhora Claude Bouchet, médica orientadora. Se uma criança adormece na aula devemos poder explicar ao professor porque é que isso acontece. De qualquer modo só retemos o que é positivo.

Os médicos desesperam de uma cura? Como orientar em função de uma doença ou simplesmente de uma perturbação passageira, se se acredita na eficácia de uma terapia? A cólera, a lentidão, a tristeza de um adolescente, seriam sem remissão? A criança suporta bem o frio? far-se-ia dela um vendedor de gelados e ei-la alguns anos depois a amar o calor.

Para que servem todas estas informações? Será necessário, para bem das crianças, abrir um novo «dossier» para nele meter mais uma ficha? Não há nada a reaar, assegura a senhora Bouchet. O questionário é estritamente confidencial. Nada a reaar?

(Serviço Exclusivo «DL»/«Le MONDE»)

NA ÍNDIA

Encefalite viral mata 935 pessoas

O balanço oficial não definitivo da epidemia de encefalite viral que se regista na Índia, há sete semanas, atingiu agora os 935 mortos.

Contudo, segundo fontes não oficiais, o número real de mortos poderá ser duas vezes mais elevado dado que inúmeros doentes não são internados nos hospitais governamentais.

PUB.

SINDICATO LIVRE DO NORTE DOS TRABALHADORES DE ARMAZÉM

Rua de Camões, 219-6.º — PORTO

REAL COMPANHIA VELHA REAL VINICOLA A LUTA CONTINUA

A situação na Real Companhia Velha/Real Vinicola começa a tornar-se verdadeiramente insustentável, pois a repressão, o terror e a perseguição aumentam de dia para dia.

Os despedimentos sem justa causa, as sanções arbitrárias, o corte de regalias conquistadas pelos trabalhadores, as despromoções e baixas de vencimentos, o «policiamento» da Companhia, são situações que se mantêm.

Surge agora a contratação de 6 (seis) ex-comandos, que, como autênticos «policiais», vigiam dentro da Companhia todos os movimentos de certos trabalhadores. Aliás, mesmo para além das horas de serviço, tal como fazia a antiga PIDE, seguem certos trabalhadores com atitudes intimidatórias.

Estes «policiais de ordem», contratados e promovidos a encarregados pelo «chefe» Silva Reis, são uma afronta a todos os trabalhadores, e sobretudo à honra e dignidade dos encarregados e ajudantes de encarregado, a quem foi retirado a chefia. De certeza que estes não querem ver-se confundidos com a «policia privada» do Silva Reis.

Pelo «estado-maior policial privado» também as organizações de trabalhadores começam a ser atacadas e a realizar-se fantochadas, para os quais são arregimentados trabalhadores menos esclarecidos, a maior parte dos quais estranhos à Companhia.

Na última investida provocatória às instalações de Vila Nova de Gaia, apenas 40 a 50 trabalhadores são efectivos destas instalações, além de 25 a 30 do Douro, 5 de Monção e 10 de Lisboa num total de cerca de 100 trabalhadores compareceram à reunião.

Não tem também o Governo tomado as atitudes e medidas que se impunham, antes, com o seu silêncio cúmplice, tem dado cobertura total a estas situações de prepotência e ilegalidade que se vivem na empresa, protegendo os interesses do sabotador Silva Reis, contra os legítimos direitos dos trabalhadores.

Por estas razões, sumariamente expostas, os trabalhadores da Real Companhia Velha/Real Vinicola, reunidos em plenário no dia 19 para análise à situação,

DECIDEM:

- 1 — Dar um voto de confiança às organizações legítimas representantes dos trabalhadores, Comissões de Trabalhadores, Delegados Sindicais e Sindicatos.
- 2 — Apoiar todos os trabalhadores do Douro, que lutam por melhores condições de vida e de dignidade, sendo certo que sempre foram dos mais explorados pelo «chefe» Silva Reis.
- 3 — Marcar uma grande jornada de luta para a próxima sexta-feira, dia 24 de Novembro, com greve geral e total, todo o dia.
- 4 — Efectuar novo plenário em data e local a marcar oportunamente.

Porto, 19 de Novembro de 1978

CONTRA A REPRESSÃO PATRONAL — CONTRA O DESEMPREGO E OS DESPEDIMENTOS — CONTRA A DESINTERVENÇÃO ILEGAL DA REAL COMPANHIA VELHA/REAL VINICOLA — PELO DIREITO AO TRABALHO E AO PÃO — REFORÇAR A UNIDADE E LUTA DOS TRABALHADORES — UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS — A LUTA CONTINUA.

(APROVADO POR UNANIMIDADE E ACLAMAÇÃO)

O PLENÁRIO DE TRABALHADORES OS SINDICATOS

Atenção moradores da Cruz de Pau, Barreiro e arredores ESTEJAM ALERTA!

Não hesite, venha já visitar-nos, oferecemos bons preços, boa assistência e boa qualidade de compra do seu mobiliário, sinta o prazer de ser bem servido.

Visite a nossa sensacional campanha de preços em mobiliário, agora da fábrica directamente ao público.

PREÇOS DE SENSAÇÃO

	ERA	É
Quarto casal moderno	21.000\$00	11 950\$00
Quarto criança moderno	15.000\$00	8 500\$00
Jogos de mapas (desde)	7.000\$00	4 500\$00
Quartos Século XVII — Mogno	29.000\$00	20 850\$00
Salas Século XVII — Mogno	38.000\$00	27 500\$00
Mesas de refeição tampo vidro	8.000\$00	4 950\$00
Cadeiras cromadas	2.200\$00	1 580\$00

GARANTIMOS TOTAL ASSISTÊNCIA

SOCIEDADE REVENDEDORA DE MÓVEIS, LDA.

Telefones: 86 19 65 - 87 40 07 - 87 33 60

Rua das Beiras, N.º 8-B — Cruz de Pau
Rua Professor João Prates, N.º 1-B — Barreiro

Apresente este anúncio e receberá a oferta surpresa

ABERTO ATÉ ÀS 21 HORAS E NA HORA DO ALMOÇO E SÁBADOS ATÉ ÀS 19 HORAS



CONTRA O MAP E A VIDA CARA

Milhares de pessoas nas ruas de Coruche

CORUCHE, 21 — Mais de quatro mil pessoas desfilarão ontem pelas artérias desta vila em gritos de protesto e repúdio pela política do MAP (Vaz Portugal/Ferreira do Amaral), e concomitantes ataques à Reforma Agrária e aos trabalhadores alentejanos e ribatejanos, bem como contra o agravamento do custo de vida.

O Governo demitido de Nobre da Costa, que dentro de dias será rendido por um outro ainda mais à direita, sempre «impediu a aplicação de medidas concretas que o Movimento Sindical impõe», disse no final da manifestação um dirigente da União dos Sindicatos de Santarém. «Os trabalhadores das UCP's e Cooperativas não estão sós», garantiu noutro passo, depois de sublinhar que «a solidariedade para com a Reforma Agrária tem sido expressa com grande força e calor».

«O custo de vida aumenta e o

povo não aguenta», «CGTP, unidade sindical» e «Avante, avante, pela Reforma Agrária» foram as palavras de ordem gritadas pelos milhares de manifestantes, que no final da «manif» ouviram que «é hoje ainda mais evidente o sentido das responsabilidades e elevada consciência de classe de que os trabalhadores e as suas organizações têm dado provas, contrariando as intenções das forças desestabilizadoras e reacçãoárias que procuram aproveitar o seu descontentamento e legítima apreensão provocados pela aplica-

ção de uma política contrária aos seus interesses e aos do país» — palavras do representante da União dos Sindicatos de Santarém.

PONTE DE SOR ESTA TARDE

Contra a ofensiva do MAP (equipa Vaz Portugal/Ferreira do Amaral e seus servos regionais) nos campos da Reforma Agrária, e concretamente em relação a Portalegre, área nos últimos dias extremamente flagelada pela sanha daquela dupla e seus subordinados regionais (com o apoio da GNR) se manifestam esta tarde, à hora a que o «DL» sai das máquinas, os trabalhadores de Ponte de Sor.

Entretanto, estão previstas para os próximos dias entregas de reservas em cinco UCP's em Ponte de Sor (concelho), operação que ontem arrancou na UCP «12 de Maio», em Montargil, com intervenção da Guarda Nacional Republicana.

Em Torres Novas e Portalegre, pelas mesmas razões e a esperança de que a paz volte aos campos do Ribatejo e do Alentejo, a toda a área da Reforma Agrária, os trabalhadores daqueles dois concelhos manifestar-se-ão nas suas ruas, convocados por sindicatos e secretariado das UCP's e cooperativas da zona.

Concurso de Escanções

A medalha de ouro do III Concurso Mundial de Escanções, equivalente ao título de «melhor chefe de vinhos de mesa do Mundo», coube ao italiano Giuseppe Vaccarini. Prata e bronze foram respectivamente para o francês Jean-Claude Jambon e para o português Arménio de Jesus Fernandes.

O concurso decorreu no Estoril, reunindo, entre escanções, técnicos, jornalistas e importadores, qualquer coisa como duas centenas de pessoas. Duas organizações estrangeiras apoiaram a Associação dos Escanções de Portugal, promotora directa do evento.

Uma coisa é certa: o vinho sobe de preço na Latidade, mas é esta quem melhor o serve à mesa.

Poderoso movimento nacional em defesa da Reforma Agrária lançado ontem em sessão pública

Um amplo e poderoso movimento de opinião pública em defesa da Reforma Agrária foi ontem acordado numa sessão realizada no Teatro Vasco Santana, que reuniu centenas de pessoas de diferentes tendências políticas, nomeadamente do PCP, PS, MDP e independentes de esquerda.

Na mesa que presidiu à sessão estiveram Martins Mendes, Augusto Abelaira, Riço Calado, Gualter Basílio, Oliveira Batista, Luso Soares, Blasco Hugo Fernandes, Goucha Soares, Custódio Gingão, Piteira Santos, Vítor Louro, Moura de Carvalho, Ramon La Faria e Carlos do Carmo.

Foi aprovada a criação de uma comissão nacional, de juristas e de outros cidadãos de reconhecida honrabilidade e prestígio público, que deverá fazer o levantamento das ilegalidades cometidas pelos responsáveis do MAP no tocante à recente vaga de devoluções de terras e denunciar ainda, interna e internacionalmente, as violências cometidas contra os trabalhadores, como atentórias dos mais

elementares direitos humanos.

Outras iniciativas, tais como visitas a UCP's, intervenções na Rádio, exposições documentais, sessões de esclarecimento sobre a Reforma Agrária, etc., foram igualmente consideradas, incluindo a entrega, em audiência a solicitar a Belém, do abaixo-assinado em marcha (com centenas de milhares de assinaturas já) e outras conclusões.

Usaram da palavra na sessão, entre outros, Luso Soares, Rogério Paulo, Piteira Santos, Vítor Louro e o trabalhador alentejano Moisés Calado. Este último narrou algumas das muitas cenas de violência da GNR a que assistiu, e de que foram vítimas homens, mulheres, velhos e crianças.

Na assistência avultaram numerosas personalidades, designadamente membros do CR (Vasco Lourenço, Pizarat Correia e Vítor Crespo), e muitos nomes conhecidos da cultura portuguesa. Presente igualmente o general Vasco Gonçalves um dos responsáveis, como Primeiro-Ministro, pela legislação que em 1975 legitimou a conquista da terra pelos camponeses alentejanos.

Para evitar fraudes no azeite

Governo publica lei que exige maior rapidez nas análises de recurso

Atento ao desenvolvimento e proliferação de fraudes na preparação, confeção e tratamento do azeite dos óleos, e dada a importância dos dois produtos, directamente comestíveis no padrão do consumo alimentar dos portugueses, o Governo fez publicar no «Diário da República» um Decreto-Lei do Ministério do Comércio e Turismo no qual se indicam as normas a observar relativas à análise de recurso para o azeite e os óleos alimentares.

Isso como também refere o diploma, com o fim de assegurar a genuinidade daqueles dois produtos, salvaguardando assim a saúde pública. Preside ao diploma, que estabelece normas — repetimos — relativas à análise de recurso, a intenção de remover tudo o que possa impedir a rápida verificação de fraudes e a respectiva punição.

Nesse sentido se alerta a legislação existente no que respeita à obtenção dos resultados das análises de recurso, cuja morosidade não se harmoniza com o imperativo de uma acção pronta

para dissuadir os candonqueiros daquelas fraudes.

Uma das disposições do diploma é taxativa: «Em relação ao azeite e óleos directamente comestíveis, a análise de recurso a que se refere o artigo 16.º do Decreto n.º 19615, de 13 de Abril de 1931, será sempre efectuada no laboratório do Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos, mediante requerimento a dirigir, no prazo legal, à Direcção-Geral de Fiscalização Económica, mesmo que a primeira análise não tenha sido realizada naquele laboratório».

PELO MENOS ATÉ 31 DE DEZEMBRO

Mantém-se o preço da carne de porco

O Governo prepara-se para subsidiar com uma verba de cerca de 150 mil contos o preço da carne de porco, logo no abate. Esse propósito visa, de acordo com o que o «DL» apurou esta manhã, manter inalterável a actual tabela de preços, pelo menos até 31 de Dezembro próximo.

Problemas relacionados com aquele tipo de carne, designadamente o motivo por que os industriais a têm fornecido aos talhos a preços superiores ao tabelado, assim como a forma como o comerciante «entra no bolso» do consumidor (e porque razão), e a hipótese de resolver a questão de uma vez por todas, aumentando o seu preço, são esta tarde debatidos num plenário de comerciantes do concelho de Lisboa.

De há muito que os industriais, os homens que manipulam o circuito como semi-intermediários, meios produtores (ou as duas coisas juntas) vêm reclamando o aumento das tarifas precárias da carne de porco. Até ao momento não foram atendidos pela JNPP, pelo que o Governo, para «asfiar» a tentativa daqueles até 31 de Dezembro, vai subsidiar o abate. Mas os comerciantes, esta tarde (a partir das 17 horas), no plenário acima aludido, tam-

bém vão discutir, ventilando todos os problemas relativos à classe e sua dependência, qual a posição que o sector deverá observar no caso de a tabela de preços de venda ao comerciante não sofrer alterações.

Recorda-se uma vez mais que as tabelas ora em vigor têm sido pulverizadas pelos industriais, que, fazendo chegar a carne, sobretudo as lombadas, a 130 escudos ao comerciante, obrigam este a «entrar nos bolsos» do consumidor, já que, ao preço da tabela, uma «peça» daquelas

deveria custar 117\$00. Este preço foi feito com base no preço de 61\$00 à produção. Todavia, os industriais têm-na adquirido, nos últimos meses, a 75\$00, e como não se contentam com um lucro intermediário, e também porque não há, neste país, nem coragem nem interesse (bem pelo contrário) em reduzir significativamente a capacidade de intervenção e sabotagem dos intermediários em todo o circuito comercial deste e de outros produtos, pagamos a carne de porco e muita coisa mais por preços que meia dúzia de pessoas querem.

Mas não é só a carne de porco cujos preços vêm a ser desrespeitados por quem detém as rédeas do circuito de distribuição: acontece o mesmo em relação ao bovino, que está a 140 escudos para a aquisição por parte dos comerciantes, quando a tabela marca 120 escudos. Assim, perguntam estes: como é que nós (e quem trabalha para nós) vamos sobreviver?.

ITM

EXPOSIÇÃO NOCTURNA

VENHA TOMAR O SEU CAFÉ

NO NOSSO STAND, E,

APROVEITE PARA VER OS

NOVOS MODELOS QUE TEMOS

PARA si até às 23h

Moveis ITM - Av. Padre Cruz

LUMIAR - LISBOA - 794822

FEIRA DO MOVEL

FABRICANTES

CONCURSO

Departamento estatal angolano abre concurso para fornecimento de:

Ferro de engomar (carvão)

Frigoríficos a petróleo médios

Candeeiros a petróleo e petromax

100.000 unidades de cada

As propostas devem ser enviadas até ao dia 30 de Novembro para a Embaixada da República Popular de Angola, Av. das Descobertas, n.º 13 em LISBOA.

RABOR — 3 ANOS SOB INTERVENÇÃO

Da gestão ruínosa (ITT) à recuperação exemplar

Com a intervenção, a sabotagem económica foi combatida, a Rabor reencontrou o caminho do desenvolvimento autónomo, a empresa foi recuperada, o rendimento do trabalho melhorou, a produção aumentou. Dados comprovativos destas afirmações foram dados a conhecer no Domingo a todos quantos visitaram aquela empresa de motores eléctricos, instalada em Ovar. Eram diversos gráficos bem demonstrativos da diferença abismal entre a situação da empresa até 1975, altura em que a ITT abandonou a gestão e a progressiva recuperação que tem vindo a fazer-se nestes três anos.

As centenas de pessoas (número que cresce em cada ano que passa) que pelas várias secções procuraram aperceber-se da obra meritória que tem sido feita, terão notado com certeza o ambiente de Abril que rodeia quantos ali laboram. São cartazes, colantes, disticos em defesa das conquistas da Revolução.

E viram também como está montada a segurança contra acidentes de trabalho. Para além dos dispositivos montados nas prensas onde durante a gestão imperialista várias mãos foram trituradas, há esquemas de despoluição atmosférica e acústica. Mais: há até botas especiais com biqueira metálica para proteger de eventuais quedas de peças sobre os pés.

No jornal de parede que tem sido ao longo destes três anos, um instrumento de unidade e de



Liberta das cadeias da ITT, a Rabor, progrediu e recuperou graças ao esforço dos seus trabalhadores.

formação ideológica, vários gráficos, artigos da Constituição e uma frase elucidativa: «com os trabalhadores a recuperação económica».

Promovida pelas várias estruturas organizativas dos trabalhadores da empresa, a «jornada de luta e unidade» promovida foi uma prova e uma exigência. Prova de que a recuperação económica das empresas se faz com os trabalhadores e não contra eles e exigência de que seja encontrada uma solução no quadro da legislação em vigor, com a participação dos trabalhadores. Isto é: seria um crime monstruoso desintervencionar a Rabor à revelia dos trabalhadores que são os verdadeiros res-

pensáveis pela transformação verificada desde 1975, a todos os níveis. Apenas um exemplo: enquanto naquele ano os prejuízos ascendiam a 50.000 contos, em 1977 o lucro foi de 62.482 contos e no 1.º semestre deste ano as contas assinalavam já um saldo positivo de 33.351 contos.

Apesar destes números teme-se que, a exemplo do que tem acontecido noutras empresas o Governo decida abrir as portas à conspirativa ITT que, para além da gestão ruínosa, ficou a dever 6000 contos de retroactivos aos trabalhadores. Teme-se, mas a acontecer, seria um crime contra a economia nacional. A única solução compatível com a situação actual da

empresa é a sua transformação numa sociedade de capitais públicos conforme proposta da anterior comissão de gestão.

Registe-se que a actual comissão de gestão que na «jornada de luta e unidade» primou pela ausência, foi imposta, em Julho último «duma forma antidemocrática e sem o acordo dos trabalhadores».

Este facto e a perspectiva política nacional deixa naturalmente os trabalhadores intranquitos. Daí que um membro da comissão, de iniciativa dos trabalhadores, tivesse afirmado durante a jornada: «Estamos plenamente conscientes das dificuldades que nos esperam no futuro para se encontrar uma solução jurídica para a Rabor dentro do quadro constitucional pois sentimos, a todo o momento, os efeitos de uma política antinacional subordinada a centros de decisão internacionais e à ofensiva generalizada que se verifica na devolução das empresas recuperadas ao patronato que as sabotou e abandonou».

Estes ventos ameaçadores talvez tenham uma justificação nos tempos que correm: é que é difícil, melhor impossível, sair da Rabor sem vitoriar Abril. A empresa é, de facto, um símbolo do 25 de Abril que se deveria ter estendido a todo o País. É uma espinha cravada na garganta dos saudosistas. Uma lança espetada no imperialismo.

L.H.

O que nasce torto...

O que nasce torto nunca se endireita, há diz o outro. Mas a CDT acha que a UGT, apesar de torta, sempre há-de ter conserto, o que naturalmente há-de suceder pelas suas (dela CDT) mãos. Deste modo se anuncia a já esperada integração da CDT na UGT.

Criada para favorecer o reforço das posições mais reacconárias no seio dos «sindicalistas» que se empenham na luta contra o Movimento Sindical Unitário, a CDT nunca passou de uma «central sindical» imaginária,

nascida no notário com todo o ar de defunta.

Junta agora os trapinhos à UGT, criticando o PS «pela forma errada como neste caso actuou» e dando voz às reservas formuladas pelas «tendências» PPD e «democrata-cristã».

No dizer do CDT, são estas as forças que há-de «endireitar» a UGT. Para as bandas da Rua da Emenda, sindicalistas há que vão pondo as barbas de molho. Mas sempre são estes os «endireitas» que Gonnelha escolheu.

Entram divisas

Evidentemente que para tudo, nestas coisas de divisionismo, existem ou inventam-se razões políticas. Mas existem razões práticas que também são políticas.

Assim, o divisionismo, sendo em si mesmo político, é de encerrar sob o ponto de vista prático, podendo vir, se resultasse, a revelar-se pleno de consequências políticas.

Por exemplo, se resultasse, traria todas as vantagens a todos aqueles que ainda continuam a ver, e com razão, nos trabalhadores, um dos principais obstáculos aos seus objectivos de regresso ao passado.

Porém, certamente haverá razões mais terra-a-terra (ironizamos, claro): sabido

como é que o País, melhor, os tais políticos, fazem tudo para arranjar umas divisas (dólares, marcos, francos, etc.), não admira que estimulem o divisionismo sindical.

E porque? É que a proliferação de paralelos, nomeadamente de «centrais», está ligada à entrada de divisas. Tal já foi denunciado com números, para diversos casos.

Se a vantagem não é ainda para os trabalhadores (e contrário àquilo que preconizam, ou seja a sua participação efectiva na recuperação económica do País), isto deve, contudo, servir de estímulo (e consolação) aos políticos que estão na onda da divisão, para se afundarem na rebentação da política...

APROVEITE

Rádios de casa c/ colunas de 40 W. e outros. Rádios e gravadores portáteis, a preços de revenda até ao fim do ano.
PROCURE A NOSSA CASA
Praça da Figueira, 11-3.º Dt.º — LISBOA

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA
DEPART. DE CONFECÇÕES
Av. João XXI 5-D - R. Infanteria 16, 55-C - LISBOA

EVA, LDA



CABELEIREIRO
EM
PLENA ACTIVIDADE

MARQUÊS DE POMBAL, 1
R. C. CASTELO BRANCO, 23



SINDICATO DOS TRABALHADORES
DA FUNÇÃO PÚBLICA
DA ZONA SUL

Rua Rodrigues Sampaio, 138-3.º - Lisboa-2 - Tel. 576 222/347/372

ASSEMBLEIA GERAL (SESSÃO EXTRAORDINÁRIA) CONVOCATÓRIA

A pedido da Direcção e de harmonia com o deliberado pela Assembleia de Delegados quanto ao modo de funcionamento, convoco, no abrigo dos artigos 33.º, n.º 3 e 37.º, alínea a), todos os sícios no pleno gozo dos seus direitos sindicais para a reunião da Assembleia Geral que, em sessão extraordinária, se realizará na «Voz do Operário», sita na Rua Voz do Operário, no dia 22 de Novembro corrente pelas 20.30 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

I — Informações

II — Discussão e votação da Proposta Reivindicativa dos sindicatos representativos dos Trabalhadores da Função Pública da Administração Central, Regional e Local.

Lisboa, 16 de Novembro de 1978

Pe'l O Presidente da MAG em exercício
Maria de Aires Aleluia

NOTA:

I — A AG iniciará os seus trabalhos pelas 20.30 horas, tendo, por condicionalismos impostos pela «Voz do Operário», que terminará pelas 24h.

II — A entrada na AG far-se-á mediante a apresentação do cartão de sócio com a quota de Agosto nele colada.

III — A Secretaria encerra às 12h do dia 21-11 para recebimento de quotização, mantendo-se os restantes serviços até às 12h de 22-11 Na «Voz do Operário» entre as 19h e as 22h funcionará um serviço de recebimento apenas de quotização individual.

5.ª FEIRA, 23 NOV.

ÀS 14,30 HORAS
NO CINEMA VALE FORMOSO

PORTO
PLENÁRIO DISTRICTAL
DE DIRIGENTES E
DELEGADOS SINDICAIS
NÃO FALTES!

DE ACORDO COM O PLENÁRIO DE SINDICATOS DO PORTO DE 15/11/78, CONVOCAM-SE TODOS OS DELEGADOS SINDICAIS PARA UM PLENÁRIO DISTRICTAL A REALIZAR NO CINEMA VALE FORMOSO, NA PRÓXIMA 5.ª FEIRA, 23 DE NOVEMBRO, ÀS 14,30 HORAS, COM A SEGUINTE

ORDEM DE TRABALHOS

1. Análise da situação político-social e Manifestações de 1 Dezembro
2. Tarefas imediatas do Movimento Sindical:
 - a) Conferência de Organização
 - b) Campanha de Fundos para a Escola de Sindicalismo.

PORTO, 17/11/78

OS SINDICATOS E USP/CGTP-IN

COMPRA AGORA... ...E PAGUE ATÉ 12 MESES

TELEVISORES, FRIGORÍFICOS, ARCAS CONGELADORAS, MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA, FOGÕES, MAPLES, MOBÍLIAS, ALCATIFAS, ETC.

RÁDIO PRIMAVERA Rua Gomes Freire, 9-B
Lisboa - T. 549406 574042

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo desta Comarca, correm editos de vinte dias, contados da 2.ª publicação deste anúncio, dando conhecimento do executado Manuel Gonçalves Bastos, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, reclamar o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tem garantia real, na Execução movida do J.º J.º 1.ª Limitada

Oeiras, 6 de Novembro de 1978.

O JUIZ DE DIREITO
(Francisco Rosa de Costa Raposo)
O AJUDANTE DE ESCRIVÃO
(Jose Francisco)

CURSOS

PERFURAÇÃO-VERIFICAÇÃO
Sistemas IBM-UNIVAC
Em cartão de 80 colunas
Informação ao computador
Início dos cursos: 22.11.78

DACTILOGRAFIA
Início: Todos os dias
Informações e inscrições no

GRAVAÇÃO-VERIFICAÇÃO
MÁQUINAS IBM 3741/42
(DISKETTES)

O mais moderno sistema de informação ao computador
Início dos cursos: 23.11.78

EXTERNATO CONTINENTAL

Rua do Arsenal, 100. 1.º
Telef. 32 56 52 LISBOA

Trabalhadores de escritório querem assembleia

Trabalhadores de escritório continuam a procurar discutir o papel da auto-empresada direcção do Sindicato do Distrito de Lisboa na constituição da propaganda União Geral dos Trabalhadores (à qual cedeu uma sala, na Rua do Alecrim).

Para esse efeito reuniram-se, os trabalhadores contestatários da política prosseguida pelos auto-empresados, visando convocar uma assembleia geral, motivo por que nomearam uma comissão dinamizadora.

Estas diligências dos trabalhadores resultam da recusa do elemento que está a «presidir» à Mesa da Assembleia Geral do Sindicato de convocar uma assembleia, já requerida nos termos estatutários.

Um pedido de convocação foi, de facto, entregue, subscrito por 273 associados, quando os estatutos prevêem que bastam 200 para o legitimar. No entanto, o «presidente da AG» diz que o pedido não está «devidamente fundamentado».

Segundo um vespertino que defende a actuação dos auto-empresados, a actuação daqueles sócios impediria a livre discussão e decisão, quanto aos novos estatutos e ao sim ou não à UGT. No cúmulo da democracia, pois a decisão já foi tomada e o Sindicato tem estado às ordens da UGT.

Desemprego em Portugal afecta 300 mil jovens

O desemprego juvenil constitui o tema da campanha de sensibilização da opinião pública que decorre durante esta semana, por iniciativa dos departamentos de juventude das uniões sindicais dos distritos de Lisboa e Setúbal.

A população juvenil portuguesa constitui 32 por cento dos portugueses activos, mas sofre neste momento as consequências do desemprego, que atinge 300 mil jovens, dos quais 200 mil procuram um primeiro emprego. Estes os números divulgados pelos promotores da iniciativa, no decurso de uma conferência de imprensa.

«Esta situação, que instabiliza a vida diária dos homens de amanhã e dificulta o desenvolvimento regular e pleno das suas capacidades intelectuais, prejudica o País no presente e compromete o futuro», afirmam os departamentos de juventude. Situação que se reflecte no quotidiano dos jovens desempregados, recheado de «sobressaltos e incertezas», limitado por laços de dependência familiar que «acarretam conflitos de várias ordens», humilhação até.

Cria-se deste modo um clima propício à «sementeira de vícios e degeneração», que leva muitos jovens a abstrair «das suas responsabilidades sociais na vida democrática, arredando-os pela alienação dos seus reais problemas». De facto, «não é por

acaso que o aumento do desemprego é acompanhado por uma elevação acentuada dos índices de consumo de droga, da criminalidade e da delinquência juvenil».

Os departamentos de juventude dos sindicatos têm inteira consciência destes problemas, das suas causas, e das soluções desejáveis. Condenam por isso a actuação dos últimos governos, que contribuiu para aumentar o desemprego, através da liberalização dos despedimentos, da ofensiva contra a Reforma Agrária, da política de «recuperação capitalista e restituição do poder aos monopólios».

Ora, «a juventude portuguesa quer participar activamente na recuperação económica do País, exige trabalho e o prosseguimento do projecto constitucional de construção de uma sociedade melhor».

E, para isso, exige a proibição dos despedimentos sem justa causa, a revogação dos decretos-lei sobre despedimentos, o termo da política de devolução de empresas interencionadas e da ofensiva contra a Reforma Agrária, e a revogação do diploma sobre contratos a prazo.

Os departamentos de juventude entendem ainda que é necessária uma política de emprego que crie novos postos de trabalho, a extensão do subsídio de desemprego a todos os jovens despedidos, o fim das discriminações.

Lutar pelo direito ao trabalho e por estas aspirações é o objectivo dos sindicatos.

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES

A greve "cresceu" o público apoiou

A greve de ontem nos CTT contou com uma percentagem global de adesão superior à paralisação da passada quarta-feira, rondando os 82,3% (antes: 81), segundo informações de fonte sindical.

A nível distrital essas percentagens situaram-se entre os 56%, em Aveiro, e os 91,5%, em Vila Real. Nalguns pontos a adesão foi inferior à verificada no dia 15, mas de um modo geral estiveram em greve mais trabalhadores do que anteriormente (caso de Braga, Bragança, Castelo Branco, Faro, Funchal, Guarda, Portalegre, Vila Real e Viseu).

Estes números são contes-

tados pela administração dos CTT, que afirma «em termos globais registou-se uma ausência ao serviço da ordem dos 70% percentagem que, no dia 15 foi de 75%». Mas não adianta mais dados.

De salientar o comportamento do público durante a greve de ontem, que muito sensibilizou os trabalhadores. Foi patente o apoio e a compreensão das razões que levaram a esta forma de luta, em estreita solidariedade com os seus objectivos.

Está prevista para amanhã nova reunião entre os sindicatos e a administração, mas esta, de momento parece irreduzível.



O novo Secretariado da Federação dos Sindicatos do Comércio ao tomar posse, após a sua eleição

Federação do Comércio tem novo secretariado

O novo secretariado da Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio foi eleito no dia 19 e tomou posse logo de seguida, num acto que contou com a presença de várias Federações sindicais e de representantes da CGTP-Intersindical Nacional.

O novo secretariado, que foi eleito para um período de três anos, conta com elementos dos Sindicatos do Comércio de Viseu, Porto, Lisboa, Braga, Évora, Coimbra, Portalegre, Santarém e Setúbal.

José Manuel Barros, do Sindicato de Lisboa destacou como uma das grandes primeiras tarefas do órgão agora eleito, «a preparação e realização do I Grande Encontro Nacional dos Trabalhadores do Comércio, apurado para o 1.º semestre do próximo ano».

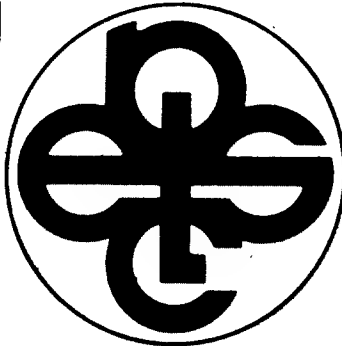
O mesmo elemento havia salientado as quatro grandes responsabilidades do novo secretariado: «dotar a Federação de um âmbito marcadamente nacional, servir os sindicatos federados com as medidas ajustadas ao reforço da sua própria organiza-

ção; defender, designadamente através da contratação colectiva, os interesses directos dos trabalhadores do comércio lutando contra a recuperação capitalista e dos monopólios; desenvolver todas as acções conducentes ao reforço da unidade, desenvolvendo o trabalho democrático e respondendo às necessidades concretas dos trabalhadores e dos sindicatos».

«A Federação irá honrar o movimento sindical a que pertence, unitário, revolucionário, democrático e de massas, e que irá contribuir para o seu crescente prestígio, implantação e capacidade de manobra», afirmou a terminar.

As quatro federações sindicais presentes — metalúrgicas, ferroviárias, rodoviárias e químicas — manifestaram o seu apoio e solidariedade ao secretariado recém-aberto.

Por seu turno, José Ernesto Cartaxo, representando a CGTP-IN, salientou a importância do reforço da unidade e organização que esta nova etapa na vida da organização sindical representa.



BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

INDEMNIZAÇÕES DE ACÇÕES DE EMPRESAS NACIONALIZADAS

1. — A Portaria n.º 359/78, publicada no Diário da República, 1.ª Série, n.º 154, de 7 de Julho, estabelecia que a entrega de **Relações de Valores** e de **Declarações de Titularidade**, a que se refere o n.º 1, do Art.º 4º da Lei 80/77 — Lei das Indemnizações —, deveria ser feita no prazo de 120 dias a contar da data da publicação da mesma, ou seja, **até ao dia 3 do corrente mês**.
2. — Entretanto, a Portaria n.º 663/78, publicada no Diário da República, 1.ª Série, n.º 263, de 15/11/78, **prorrogou o prazo daquela entrega para 30 do corrente**.
3. — O BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA vem chamar a atenção dos seus clientes para esta prorrogação, e lembrar que a referida entrega pode ser feita:

Para os clientes da Sede

na **Av.ª da Liberdade, n.º 230-A**, em Lisboa (perto da estação da Rotunda, do Metropolitano), onde se encontra instalado o **serviço especial de apoio** criado para o efeito;

Para os clientes das Filiais, Agências e Dependências

nos balcões onde tiverem abertas as suas contas ou, se o preferirem, naquele serviço de apoio.

CONTACTE-NOS

ESTAMOS ONDE VOCÊ ESTÁ

Associação do Comércio Automóvel alerta a opinião pública para a crise da motomecanização

Alertar as entidades oficiais e o público em geral para a gravíssima crise de desenvolvimento que a motomecanização agrícola atravessa no presente momento, foi o objectivo do colóquio que ontem decorreu na FIL, promovido pela Associação do Comércio Automóvel em Portugal (ACAP).

Verificando-se actualmente um decréscimo nos investimentos em equipamento «a ACAP» aponta como causas para esta situação a insuficiência do rendimento disponível dos agricultores, as condições proibitivas no recurso ao crédito e a inexistência de atractivos para o investimento no sector rural.

Por outro lado, o agricultor cada vez compra os produtos mais caros (veja-se os aumentos ultimamente registados nos preços da maquinaria agrícola e adubos), para além de uma má utilização dos meios de exploração de que dispõe.

Foi referido ainda o facto de os preços ao produtor serem

bastante influenciados pelos preços de intervenção dos organismos estatais ou para-estatais e que a falta de armazenagem destes organismos faz com que para a grande maioria dos produtos, o agricultor seja forçado a vender a intermediários a preços significativamente reduzidos ou a deitar fora os

produtos.

Depois de inventariada toda uma série de carências de estruturas de apoio ao agricultor e que vão desde a não existência de um plano nacional de fomento agrícola, preparação técnica, foi debatido o problema do crédito agrícola.

Neste capítulo, foi apresentada uma proposta de bonificação de 10,5% às taxas actualmente praticadas.

Paralelamente foi apontada a necessidade de concessão de margens de comercialização que permitam a sobrevivência das empresas de comércio de máquinas agrícolas. As margens actualmente em vigor estabelecem como margem mi-

nima para o agente revendedor 20% de venda ao público (da maquinaria importada).

Estão programadas margens de comercialização que variam entre 13,8% e 25,08% do preço de venda ao público, no que se refere a bens que exijam menos assistência técnica, valores esses manifestamente inferiores aos praticados nos países da CEE (entre 20,79% e 25,08%).

Para a ACAP, as margens de comercialização previstas representam um grave retrocesso relativamente à legislação anterior.

Durante o colóquio, foram apresentados filmes e «slides» versando temas de produtividade e mecanização agrícola.

600 mil dos 10 milhões de emigrantes na Europa são ilegais

ATENAS, 21 — O número de trabalhadores emigrantes na Europa ascende actualmente a 10 milhões, dos quais mais de 600 mil se encontram em situação ilegal.

Estes números foram revelados durante a conferência sobre problemas de emigração euro-mediterrânica, organizada na Grécia pela Confederação Europeia de Sindicatos (CES), presidida pelo ministro grego do Trabalho. Nos debates participou também a central sindical portuguesa — CGTP-IN —, embora não seja membro da CES.

Nas conclusões da conferência, a CES exige uma maior participação dos sindicatos na política laboral e social da Comunidade Económica Europeia e uma «concentração em matéria de política de emprego e de movimentos emigratórios».

Outro dos problemas debatidos na conferência foi o desemprego que afecta a Europa da CEE e que hoje se cifra em 6 milhões no conjunto dos nove países membros.

A CES e os sindicatos que participaram na conferência em representações de países afectados tanto pela emigração como pela imigração, foram unânimes em que a crise de emprego não pode resolver-se pelo regresso (voluntário ou compulsivo) dos emigrantes aos seus países de origem. O regresso massivo só contribuiria para agravar a situação.

Outros temas considerados pelos sindicalistas como dos que mais afectam os trabalhadores emigrantes: segurança de emprego e segurança social, protecção dos trabalhadores contra as discriminações raciais, habitação, educação dos filhos, formação profissional, e medidas para salvaguardar os direitos adquiridos, em caso de regresso.

Concretamente sobre o regresso ao país de origem, a conferência entende que

deve ser sempre voluntário e exige garantias de emprego e segurança social.

Sobre a ampliação da comunidade a três novos membros (Espanha, Portugal e Grécia) a CES exige a consulta e participação das centrais sindicais nas negociações entre a CEE e os Governos dos países referidos e «refusa toda a discriminação em matéria de livre circulação e direitos sociais assegurados a todos os países pelo Tratado de Roma».

A conferência insurgiu-se ainda contra as medidas adoptadas por alguns países europeus que afectam trabalhadores da América Latina emigrados por razões políticas.

Nesta conferência sobre emigração participaram representantes da Alemanha Federal, Dinamarca, Espanha, França, Grã-Bretanha, Islândia, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Suíça, Áustria, Grécia, Noruega, Suécia e ainda de Portugal, Marrocos, Argélia, Líbano, Jugoslávia, Turquia e Egipto.

A UGT da Tunísia não foi convidada por estarem actualmente presos os seus dirigentes democraticamente eleitos. Os participantes na conferência enviaram uma mensagem de solidariedade ao líder da UGT e simultaneamente um protesto ao Governo de Tunes.

Missão económica austríaca trabalha no Sheraton

A missão económica da Áustria, cuja chegada a Lisboa está prevista para o fim da tarde de hoje, iniciará o seu programa de trabalhos amanhã no Hotel Sheraton, tendo nesse dia e no dia 24 conversações com empresários portugueses e ainda no dia 24 estará no Porto também para conversações, no clube residencial da Boavista. No dia 25, a missão, de novo em Lisboa, prestará esclarecimentos aos empresários portugueses e partirá às 17 horas para Madrid.

Segundo a Embaixada da Áustria, as exportações austríacas para Portugal têm decrescido sensivelmente desde 1974, em virtude de aquele país ter sido tradicionalmente um fornecedor de bens de consumo e de, nestes últimos anos, Portugal ter diminuído as importações deste tipo. Por isso, a Áustria está a esforçar-se por converter as

suas exportações para Portugal para bens de investimento, e já conseguiu uma estabilização das suas exportações tanto em 1977 como no ano corrente.

Assim, segundo as estatísticas austríacas, de Janeiro a Setembro de 1978 a Áustria exportou para Portugal o equivalente a 1,85 milhões de contos (554 milhões de xelins), ou seja, mais

quatro por cento do que no mesmo período de 1977. As exportações portuguesas para a Áustria atingiram no mesmo período cerca de 1,16 milhões de contos (348 milhões de xelins). Deste modo, o «deficit» comercial de Portugal com a Áustria no referido período ascendeu a cerca de 690 mil contos.

Por outro lado, e segundo as estatísticas portuguesas, no próximo semestre deste ano, o nosso défice comercial com a Áustria atingiu 361 mil contos, enquanto que em todo o ano de 1977 o «deficit» havia sido de 531 mil contos.

As exportações austríacas para Portugal são principalmente constituídas por produtos de ferro e aço, têxteis, maquinaria e produtos químicos, enquanto Portugal exporta para a Áustria sobretudo vestuário, peixe e conservas de peixe, cortiça e produtos de madeira, tecidos, televisores e rádios.

Victor Constâncio na reunião da EFTA

O MNE informa que se vão realizar nos dias 23 e 24 do corrente, em Genebra, a reunião ministerial da EFTA, nesta altura presidida pela Finlândia. A delegação de Portugal é presidida pelo dr. Victor Constâncio, presidente da Comissão de Integração Europeia, que partiu hoje, ao princípio da tarde e incluirá funcionários de vários departamentos do Estado, directamente envolvidos nos assuntos em discussão.

A véspera da reunião, amanhã, será dedicada a um encontro entre os representantes dos países da Associação Europeia de Comércio Livre que apreciarão os recentes desenvolvimentos e perspectivas das relações entre os países da EFTA e das comunidades europeias, bem como reflexos que para a EFTA terá o futuro alargamento do Mercado Comum de 9 para 12 membros.

Chineses querem investimentos da Peugeot-Citroen e Pechiney

PARIS, 21 — O jornal de comércio francês «Le Nouveau Journal», atribuiu a François Giscard d'Estaing, irmão do presidente e chefe da delegação de companhias francesas de visita a Pequim, a afirmação de que a China oficialmente «propõe que a companhia Peugeot-Citroen e o grupo químico Pechiney-Ugine Kuhlmann investisse directamente no seu território».

O jornal acrescentou que as autoridades chinesas propuseram 49 por cento de participação

das duas firmas aos empreendimentos conjuntos, com as empresas estatais locais.

François Giscard d'Estaing, cabeça do Banco Estatal de Comércio Externo, ao regressar a Paris, não fez quaisquer considerações acerca do assunto. Contudo um porta-voz da Peugeot-Citroen confirmou que as conversações da companhia em Pequim, tinham conhecido a possibilidade de investimentos directos, acrescentando no entanto que seria prematuro entrar em detalhes.

Apreendidos 14 mil contos de tabaco

Forças da 1.ª Companhia do Batalhão n.º 1 da Guarda Fiscal apreenderam na manhã da passada quinta-feira, na doca de Alcântara-Mar, 680 caixas de tabaco tipo americano no valor de 13.600 contos — diz um comunicado do chefe do Estado-Maior daquela corporação. O tabaco

estava a ser baldeado do barco «Margit» para uma fragata sem a devida autorização.

Dias antes, refere também o comunicado, forças do Batalhão n.º 3 haviam apreendido na foz do rio Minho outra partida de tabaco de contrabando: 13 mil maços no valor de 510 contos.

BENS NACIONALIZADOS

Prorrogado o prazo de declaração

Foi prorrogado o prazo da portaria de 7 de Julho último, que aprovou os modelos de declaração de titularidade de valores para efeitos de indemnização sobre bens nacionalizados ou expropriados, a que se refere o diploma n.º 80 de 26 de Outubro do ano findo, no qual se estabelecia um prazo máximo de quatro meses para entrega nas instituições de crédito das declarações

em causa.

De acordo com uma portaria hoje inserta na folha oficial, mostrou-se conveniente protelar esse prazo de entrega por um segundo adicional, pelo que o Governo mandou publicar, por intermédio do Ministério das Finanças e do Plano, o diploma a que agora fazemos referência, que transfere para 30 do corrente a data limite da operação em questão.

Gigantesca massa de peixe

diante do Chile, Equador e Peru

LIMA, 21 — Uma enorme massa biológica de dezasseis milhões de toneladas composta por sardinhas e outras espécies concentrou-se na orla marítima do Chile, Equador e Peru, segundo informou o secretário-geral do Comité de Acção de Produtos do Mar e Água Doce, Juan José Cardenas, acrescentando que essa formação ictiológica substitui a de Anchova que há anos deixou o Pacífico Sul-Oriental.

Cardenas incitou os governos da região a explorar de maneira eficiente e rápida o grande recurso alimentar que se encontra frente às suas costas antes que se produzam variações de ciclos ou migrações.

Disse ainda que, além da sardinha existe uma quantidade apreciável de cavala e várias espécies de consumo humano directo.

Cardenas fez estas declarações à sua chegada a esta capital onde se realizará a segunda reunião ordinária latino-americana do Comité que secre-

taria. Antes esteve no México, Costa Rica, Panamá, Honduras e Equador, onde procedeu a coordenações para a cimeira de Lima, na qual será feita uma ampla exposição sobre a criação de frutas em viveiros flutuantes no lago Titicaca, situado na fronteira do Peru com Bolívia. Essa exploração — disse — chegará a produzir cinquenta mil toneladas anuais daquele peixe de água doce, que beneficiará a população que vive nas proximidades do lago mais alto do mundo, como alimento de baixo custo e alto potencial proteico.

CD

COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS E EQUIPAMENTOS AGRO-PECUÁRIOS, S. A. R. L.

Rua Braancamp, 66, 1.º - Dto. - Lisboa - Tel. 574447/574522/44590

Presente com uma variada gama de maquinaria para agricultura e pecuária

FILAGRO / 78

PAVILHÃO-C Exterior

SEIS TRABALHADORES SUSPENSOS NA ECA

"Caça às bruxas" já começou em Alvalade-Sado

A suspensão de seis trabalhadores da ECA (Empresa de Concentrados de Tomate) de Alvalade-Sado, recentemente entregue ao patronato pelo Governo demitido de Nobre da Costa, motivou a realização de um plenário que teve lugar no último sábado, na Casa do Povo daquela localidade.

Nele participaram os trabalhadores suspensos, um elemento do Sindicato das Indústrias Alimentares, um representante da União dos Sindicatos de Setúbal, um membro da Comissão de Trabalhadores da ECA e o presidente da Junta de Freguesia de Alvalade-Sado.

Após o regresso de Glória Pereira, presidente da antiga administração da empresa implantou-se de novo a política do chicote, da perseguição política e da discriminação entre os trabalhadores do campo e da fábrica. Com base num despacho datado de 2 de Julho de 1976 assinado pelos então ministros da Agricultura, Finanças e Trabalho, respectivamente Lopes Cardoso, Salgado Zenha e Tomás Rosa, instauraram-se notas de culpa aos trabalhadores em causa, sendo cinco deles da primeira Comissão de Trabalhadores que houve na empresa a seguir à intervenção e o outro da actual.

Esse inquérito, no entanto, nunca chegou a fazer-se. De facto a questão residia apenas num problema ideológico. Era preciso — porque o Partido Socialista tinha o poder — punir aqueles que pautavam as suas acções por outra orientação política. Aliás na mesma altura, foi, também, «suspensão» o técnico agrícola Rogério Brito, que exercia funções no CRR de Alcacer do Sal — por iguais razões.

A propósito nas notas de culpa recebidas pelos trabalhadores suspensos afirma-se que «provocaram conflitos com outros companheiros de trabalho: exigindo deles o cumprimento de ordens ilegítimas sob ameaça física e moral com vista ao domínio da fábrica em proveito partidário». Alegando o Artigo 10.º da Lei dos Despedimentos a administração da ECA declara a suspensão preventiva dos trabalhadores Carlos Furtado, Deolinda Baia, António Pereira Joaquim da Silva Galapez, João Palma Guerreiro e José Soares Fidalgo.

Os trabalhadores visados exigem a conclusão do inquérito instaurado contra eles desde «que se julguem os factos e não as pessoas em si».

Carlos Furtado diria: «Não reaceamos o inquérito pois sabemos que o único crime que cometemos foi colocar a fábrica ao serviço dos trabalhadores agrícolas e fabris dos seareiros e dos pequenos e médios agricultores.»

A jogada do patronato parece apontar para outros objectivos que não apenas, a suspensão dos seis trabalhadores. Talvez os despedimentos não só dos

acusados mas ainda de 150 trabalhadores dos 309 existentes, na fábrica. Sobretudo, dos rurais que ao fim de grandes lutas conseguiram o direito de serem considerados trabalhadores efectivos da ECA. Contra esta vitória se insurgiram os lacaios do patronato os ministros do PS e agora o sr. Glória Pereira. Aliás na proposta que este fez ao Governo sublinhava que os trabalhadores agrícolas «não deveriam sequer entrar na fábrica...»

MANOBRAS

Também no despacho de 2 de Julho de 1976, se afirma que «a actual Comissão de Trabalhadores da ECA impunha decisões dos trabalhadores camponeses da mesma e de indivíduos que lhe são estranhos...»

Deolinda Baia, trabalhadora do campo, uma das suspensas: «Dizem nas notas de culpa, que violámos os direitos dos outros trabalhadores. Não é verdade. Agora até impedem os trabalhadores do campo de irem buscar água às torneiras da fábrica. E já não querem que as mulheres cantem nos ranchos. Não será uma forma de repressão?»

A entrega da ECA ao patronato inscreve-se na ofensiva que este Governo está a desencadear contra a Reforma Agrária pois a fábrica desempenhava um papel fundamental no escamoteio de tomate das Cooperativas Agrícolas e UCP's da região. O regresso de Glória Pereira e dos outros accionistas da ECA, entre os quais se destaca o agrário expropriado Passanha Maldonado, funciona como uma medida de recuperação capitalista que visa anular o poder dos trabalhadores.

Em matéria de reconversão da empresa o patronato não apresenta qualquer alternativa. Fala, sim de um eventual encerramento da fábrica, atribuindo as culpas aos trabalhadores se isso se vier a verificar. Pode-se ainda, acrescentar que o patronato reclama do Governo a quantia de 250 mil contos (paga durante 20 anos) amortizável a partir dos 10 anos e com juros de 4,5 por cento...

LUTA

Ao plenário de sábado assistiram umas largas centenas de trabalhadores (não só da fábrica mas também do campo) que repudiaram a desintervenção da empresa e ainda «os processos disciplinares instaurados contra os antigos e actuais membros da Comissão de Trabalhadores». Numa moção aprovada essa atitude foi considerada como «provocatória e tendente a agravar a situação social da empresa».

No uso da palavra um membro da Comissão de Trabalhadores da ECA salientou que «as pro-



Carlos Furtado, em nome dos suspensos



Sertório Herrera, da União dos Sindicatos de Setúbal

postas apresentadas ao Governo não foram discutidas» e que este «está a fazer uma política que não interessa nem aos trabalhadores nem à economia do País».

Em nome dos trabalhadores suspensos, Carlos Furtado, disse que «todos estes ataques não acontecem por acaso». Depois de chamar a atenção para a importância da ECA na zona, Carlos Furtado acentuou que era possível «gerir a fábrica sem patrões» — o que já se verificou (e os resultados obtidos atestam-no) em 1975. E acrescentou: «Alopostas apresentadas ao Governo não foram discutidas» e que este «está a fazer uma política que não interessa nem aos trabalhadores nem à economia do País».

Em nome dos trabalhadores suspensos, Carlos Furtado, Vasco Gonçalves não era pela

pessoa em si... Atacavam a Revolução. Isto, no fundo, trata-se de uma luta de classes. Entre os patrões e os trabalhadores há um profundo antagonismo... Quer nos despeçam ou não a luta vai continuar...

Centenas de vozes gritaram na sala: «A Luta Continua...» — foi esta a palavra de ordem que se ouviu em Alvalade-Sado.

De acordo com o elemento do Sindicato da Indústria Alimentar «as suspensões enquadram-se na ofensiva dos despedimentos colectivos». Na sua intervenção referiu que a recuperação económica só se fará com os trabalhadores, e não contra estes.

Foi, esta, também, a tónica do discurso proferido por Sertório Herrera da Comissão Executiva da União dos Sindicatos de Setúbal, que, em certa altura destacou «a maneira clara e inequívoca como os trabalhadores têm repudiado as medidas antipopulares do governo demitido de Nobre da Costa». E numa referência ao ataque desencadeado contra a Reforma Agrária disse: «Basta de política terrorista, dos «fora da lei» do MAP, senhores Vaz de Portugal e Ferreira do Amaral! Já chega de repressão, violência e revanchismo».

Debruçando-se sobre a política do Governo de Nobre da Costa, afirmou que «enquanto os Contratos Colectivos de Trabalho continuam a ser objecto por parte do patronato e o Governo não toma as medidas necessárias para a sua resolução, enquanto se permite e facilita a especulação e o aumento do custo de vida, enquanto se continuam a impedir a tomada de medidas concretas que o movimento sindical propôs para desbloquear a acção judicial do trabalho... o Governo dá, no entanto, provas no sentido do reacção e retrogrado da sua actuação, favorecendo aos sabotadores, aos agrários e aos grandes capitalistas».

Aquele porta-voz do Movi-

mento Sindical referiu, ainda, as entregas de empresas intervenções «que os trabalhadores tinham salvo da falência», nomeadamente os casos da Real Vinícola, Ecril, Consol e ECA, onde posteriormente, se «veio a criar um clima de perseguição e terror». Provam-no as suspensões dos seis trabalhadores «aos quais a administração mandou instaurar processos disciplinares, com base num despacho de 2/7/76, caducado por antiguidade».

Segundo o dirigente sindical esta manobra de intimidação «não visa mais do que criar condições para fazer despedimentos em massa na empresa» culminando com a falência desta porque entretanto o patronato «já tem interesses noutra lado» — e os milhares de contos que o Governo lhe entregará para o saneamento financeiro da empresa, serão transferidos para a Suíça, com manifesto prejuízo para todos os trabalhadores da ECA, para o povo de Alvalade-Sado, para a economia nacional.

A propósito de certas forças acusarem os trabalhadores agrícolas «de não acatarem a Lei da Reforma Agrária», Sertório Herrera salienta que «quando as leis não têm o acordo popular, temos o direito e o dever de resistir à sua aplicação, utilizando as formas de luta ao nosso alcance e garantidas na Constituição».

O elemento da União dos Sindicatos de Setúbal terminou a sua intervenção manifestando convictamente, qual é a disposição dos trabalhadores: «Não nos vergaremos às ameaças. Não nos intimidaremos com a chantagem, a força bruta e a violência...»

Durante o plenário chegaram à mesa duas saudações: uma delas da Associação de Rendeiros a insurgir-se «contra a entrega da ECA ao patronato sabotador» e outra da União de Cooperativas Seara Vermelha «a solidarizar-se com a justa luta dos trabalhadores suspensos».

A opinião dos trabalhadores agrícolas das UCP's e Cooperativas da zona seria, contudo, expressa na intervenção de um representante da Cooperativa «Fidel de Castro» que, a propósito das suspensões, sublinhou que «ou os trabalhadores se vão empenhar na luta, a sério, ou serão mesmo despedidos». Disse, ainda, que «a miséria estava a aproximar-se: não uma miséria de barriga vazia... mas com a alta de custo de vida já por aqui anda muita fome».

Um outro trabalhador perguntou qual a forma de luta que os suspensos da ECA iriam travar.

Foi então o plenário esclarecido, através de um membro da Comissão de Trabalhadores da ECA, que se iria exigir o cumprimento do Artigo 52.º da Constituição que proíbe os despedimentos por razões políticas e do despacho sobre a intervenção da empresa. E se necessário: «levar a questão para tribunal onde serão julgados».

L. F.



Aspecto do plenário

70000???

NOVOS LIVROS

Portugal em vésperas de Oliveira Salazar

«18 DE JANEIRO» E ANTECEDENTES

Outra edição da Regra do Jogo recentemente posta nas livrarias: «O 18 de Janeiro e alguns antecedentes». Trata-se de um depoimento colectivo e por ele se responsabilizam seis nomes: Acácio Tomás de Aquino, Américo Martins, Custódio da Costa, José Francisco, Marcelino Mesquita e Emídio Santana. A colecção, melhor, a montagem, dos depoimentos, foi feita por Emídio Santana.

Emboa não se trate de historiografia, ou talvez por isso mesmo — por tratar-se de apenas um «depoimento colectivo» como desde logo a capa nos avisa —, o livro propõe-se a uma leitura interessada e sugere uma reflexão muito pertinente sobre a actual situação portuguesa.

Assinale-se apenas uma passagem onde os participantes da jornada de luta de 18 de Janeiro de 1934 inflectem a sua experiência sobre a situação actual e dizem: «Quarenta anos depois, no 25 de Abril de 1974, quando o Poder que havia imposto a sujeição sindical ao Estado caía ignominiosamente, deposto pelas forças que o tinham entronizado, lógico seria que os sindicatos não se limitassem a aplaudir uma libertação formal mas que saudassem, mais que a obediência, as próprias grilhetas orgânicas que continuavam, todavia. Tal não aconteceu. (...) O 25 de Abril não correspondeu à recuperação autónoma e viva do sindicalismo. O que temos presente, estes sindicatos sem conteúdo, sofrendo o alheamento das próprias populações sindicais ou

deserção, mostraram à evidência que os objectivos do 18 de Janeiro, vencidos na altura, protelados durante anos, e adulterados agora, têm a mesma actualidade».

Para os autores, enfim, «o 18 de Janeiro está por vencer. Talvez leve tempo. A corrida será entre o agravamento das condições económicas e sociais dos trabalhadores e as condições de produção dum capitalismo que ainda não sabe qual é a sua trajectória».

Fernando Medeiros — A SOCIEDADE E A ECONOMIA PORTUGUESAS NAS ORIGENS DO SALAZARISMO — Biblioteca de História — A Regra do Jogo

Como o próprio título deste livro indica, trata-se aqui da situação em Portugal os anos antes de Oliveira Salazar aparecer na cena da história, e designadamente das condições que no estado de coisas (social e económico) dessa situação favoreciam o aparecimento da figura em questão e dos caracteres que lhe apareceram activamente associados.

O estudo de Fernando Medeiros não trata da figura em questão mas das condições que lhe favoreceram o aparecimento principalmente como doutrina económica e social pretensamente redentora, antes de ser a doutrina política que depois se tornou. Este estudo parte da formação económica portuguesa a seguir a primeira guerra, passa pelo movimento operário entre 17 e 25 e termina com a análise da crise económica que caracterizava a situação portuguesa quando a I República caiu. Especialmente interessado no movimento operário e no seu papel na cena viva da história, o autor detem-se pormenorizadamente nas estratégias e nas tácticas que o envolveram e aniquilaram.

As proporções deste trabalho fazem dele certamente uma das melhores peças da bibliografia que há sobre o assunto em questão.

“A Evolução Psicológica da Criança” de Henri Wallon

«Persona», assim se designa a mais recente colecção de livros de pedagogia e psicologia em português e em Portugal. A chancela é de Edições 70 e três títulos já estão há algumas semanas nas livrarias: «A Unidade da Psicologia», de Daniel Lagache, «A Evolução Psicológica da Criança», de Henri Wallon, e «A Terapia Sexual», de Patrícia e Richard Gillan. O mais importante destes três textos pode considerar-se «A Evolução Psicológica da Criança», de Henri Wallon.

Trata-se de um clássico (o texto) dum clássico (o autor). «Para apreciar a obra de Henri Wallon, o que ela tem de original, de inovador, seria necessário poder situá-lo na história da Psicologia e compará-la com as obras dos seus contemporâneos, outros eminentes psicólogos da infância», diz, do autor, René Zazzo, num prefácio a esta obra. Zazzo coloca Wallon ao lado de Gesell e de Piaget, distinguindo-os, «Wallon não é um autor de sistemas como Piaget, Wallon não é um coleccionador de factos como Gesell foi, aliás, de forma magistral, Wallon é um observador, um clínico, um homem de intuição, tanto ou mais que um experimentador, mas também um filósofo no sentido mais profundo e mais válido do termo — quer dizer, um homem que sabe reflectir nas tomadas de posição do espírito face à realidade — e que sabe fazer uma crítica, modificar estas tomadas de posição, para se desprender das ideologias e estreitar o real, cada vez com mais veracidade e eficácia. Assim, Wallon surge, mais que nenhum outro, como um inovador como um criador da Psicologia, porque as suas contribuições científicas não são apenas uma pedra mais, um novo brilho para o edifício comum, na medida em que provocam neste edifício uma reorganização, ou melhor, a aber-

tura de perspectivas insuspeitas».

«Wallon já não está entre nós, mas o seu pensamento e a sua obra continuam mais vivos que nunca» — diz ainda Zazzo, no seu prefácio. E, resumindo a herança, o legado deixado pelo autor em questão, nas suas investigações, nos seus escritos: «Ele deixa uma nova concepção de motricidade de emotividade, de inteligência da génese humana e sobretudo, em tudo isto, uma maneira original de pensar a Psicologia e de reformular os seus problemas. Na verdade, o método de que nos dá aplicações magistrais não é novo. É o materialismo dialéctico, ao qual ele consagrou numerosos comentários. Mas ele é o primeiro autor desta força, desta envergadura, que aplicou este método ao domínio da Psicologia (se se colocar de lado a obra de Pavlov). Wallon mostrou-nos, com toda a honestidade de científica, como os princípios do método marxista deviam ser aplicados. Não procedeu de forma dedutiva a partir de um dogma, de uma ideologia. E é por isso mesmo que ele criou. E é por isso que o seu pensamento se impõe e se imporá sempre cada vez mais, mesmo aqueles que não são marxistas. Não são os argumentos de autoridade que valem, mas os factos devidamente estabelecidos».

Com reservas: supomos ser «A Evolução Psicológica da Criança» a primeira obra de Henri Wallon que se publica em português e em Portugal. Entretanto — e isto pode interessar a leitores já mais iniciados, educadores, por exemplo —, assinala-se que no ano passado saiu em português e em Portugal um estudo sobre Henri Wallon, de Alberto L. Merani publicado pela Editorial Notícias: «Psicologia e Pedagogia — As Ideias Pedagógicas de Henri Wallon».

Vega: as diferenças e Virgínia Wolf

No decurso do ano que está para findar, a Editorial Vega lançou no mercado, entre outras iniciativas mais ou menos interessantes, três novas colecções: **Fecunditas**, **O Direito à Diferença** e **Estigma**. Se tivermos em conta o primeiro texto da primeira (**Um Quarto que Seja Seu**, de Virgínia Wolf), o segundo da segunda (**O Direito de Viver Doutra Maneira**, de Catherine Valabregue), e o primeiro da terceira (**O Novo Rosto da Prostituição**, de Dominique Dallayrac), verificamos que pelo menos estes títulos correspondem a textos de notável interesse, o impõem-nos, portanto, a obrigação de os referir com a expectativa de outros bons textos que venham a sair futuramente numa ou noutras colecções.

Isto não significa que **O Novo Rosto da Prostituição**, de Dominique Dallayrac não seja um livro extremamente interessante. Certamente que é, mas o texto dele, as suas proporções, não excedem muito os limites próprios do jornalismo, mesmo muito bom, do inquérito jornalístico, por mais bem empreendido e realizado. Sobre a colecção **Estigma**: «Por mais livres e democráticas que se pretendam, todas as sociedades reprimem aquilo que não entendem ou que as assusta. Esta colecção pretende dar voz a todos aqueles a quem a palavra é recusada, a todos aqueles que foram estigmatizados de «marginais» ou «malditos» para descanço e alívio dos chamados «normais» e «honestos». Daí o seu nome» — lê-se, na frente, como indicação programática.

Pode-se dizer que **O Direito de Viver Doutra Maneira**, segundo volume da colecção **O Direito à Diferença**, não excede em muito as proporções do livro anterior. Isto, tratando-se, embora, de um estudo pelo menos aparentemente mais denso, complexo e elaborado. Mas, de qualquer modo, uma certa facilidade magazinesca, por assim dizer, de uma certa, magazinesca correntiza expositiva de casos, situações, perspectivas, pontos de vista, etc., etc., constitui, por outro lado, se não um dos motivos de interesse maior deste livro, pelo menos uma indicação de que este livro, se lido na base dum mínimo interesse por estas questões (e quem não tem esse mínimo interesse?), pode proporcionar uma leitura muito solicitada e atraída.

A coacção **O Direito à Diferença** é dirigida por Conceição Gomes da Silva. É este mesmo nome que aparece responsável pela melhor das três colecções desta vaga de lançamento da Editorial Vega: **Fecunditas**. Já saíram dois livros, vimos o segundo nas livrarias; o primeiro é este **Um Quarto que Seja Seu**. Trata-se dum original de Virgínia Wolf. O livro é prefaciado por Maria Isabel Barreno e o texto da autora de «Orlando», «Mrs. Dalloway» e outros títulos, é uma dissertação sobre as mulheres e a literatura que elas fazem, com implicações numa infinidade de referências subsidiárias e temas do mesmo âmbito de interesse. A edição, em inglês data de 1929.

Jorge de Sena: poesia, estudos, etc.

Um dos últimos títulos da colecção Círculo de Poesia da Moraes, e o volume «Poesia III», de Jorge de Sena. O livro reúne a produção poética do autor que tinha saído anteriormente em «Peregrinação ad Loca Infecta» (69), «Exorcismos» (72), «Camões Dirige-se aos Seus Contemporâneos» (73), «Conheço o Sal» e «Outros Poemas» (74) e «Sobre Esta Praia — Oito Meditações à Beira do Pacífico» (1977). Do aparato consta um prefácio e notas a alguns poemas.

«Poesia III» é, como o título indica, o terceiro volume da obra poética completa do autor, em publicação sob chancela da editora do Círculo. Espaçados pelo tempo de alguns meses, os dois primeiros volumes já tinham saído antes: o segundo, numa edição primeira, e o primeiro numa reedição do livro que já tinha saído na colecção do ano distante de 1961. A título informativo, recorde-se que o primeiro volume de poesia incluía os livros «Perseguição» (42), «Coroa da Terra» (46), «Pedra Filosofal» (50), «As Evidências» (55) e o inédito «Post-Scriptum». Em «Poesia II» figuravam «Fidelidade» (58), «Metamorfoses» (63) e «Arte da Música» (68).

Aparentemente, com a publicação de «Poesia III» teríamos a obra poética completa do autor integralmente publicada. Mas não, e é o próprio autor que o diz, num prefácio datado de Santa Bárbara em Julho de 77, dizendo, a concluir, que «voltaremos brevemente a encontrar-nos na leitura de «Poesia IV ou Quarenta Anos de Servidão», em que reunirei dispersos e inéditos dos quarenta anos de publicação poética que se cumprem em 1978». E, num reinício a propósito: «Que hei-de eu fazer senão comemorar-me a mim mesmo, se não sirvo para as comemorações de ninguém, e às vezes até estrago algumas?».

«DIALÉCTICAS APLICADAS NA LITERATURA»

Embora a edição de «Poesia III» date de Maio e Jorge de Sena tenha morrido nos primeiros dias de Junho, o livro da Moraes só apareceu nas livrarias algum tempo depois da morte do autor, dadas as pressões de tempo, com arranjos finais e distribuição do livro. O mesmo no entanto já não sucedeu com «Dialécticas aplicadas na Literatura», (Edições 70, colecção Signós) que saiu para o mercado ainda

Sena estava vivo.

O volume reúne oito estudos dispersos e um inédito, que constituem aplicação prática da metodologia crítica dialéctica estruturalista que venho pessoalmente desenvolvendo, de público, há quase trinta anos — segundo indicação do próprio Sena, num prefácio. Os estudos são «A Sextina e a Sextina de Bernardim Ribeiro», «A Poesia de António Gedeão — Esboço de Análise Objectiva», «O Sangue de Atis», com, em apêndice, os «Textos Originais dos Poemas de Mauriac», «Sobre Hélder Macedo», «Observações sobre as Mãos e os Frutos», de Eugénio de Andrade, «Do Conceito de Modernidade na Poesia Portuguesa Contemporânea», «A Terra dos Pais e dos Outros, ou Breve Introdução a um Livro de Alexandre Pinheiro Torres», «Camões: Novas Observações Acerca da Sua Epopeia e do Seu Pensamento» e «Ruben Dario — La Dulzura del Angelus».

Tratando-se de trabalhos de Jorge de Sena, desnecessário dizer o interesse de que se revestem. Desnecessário ainda falar do interesse dos prefácios e das notas aos textos — onde, além do mais, o leitor curioso de pormenores de bastidores da vida intelectual portuguesa encontra sempre informação complementar e suplementar da informação que os estudos lhe proporcionam.

«O REINO DA ESTUPIDEZ»

«O Reino da Estupidez — II», outro livro, já póstumo do autor, que a Moraes inclui (para alguma surpresa nossa) na sua colecção Círculo de Prosa (onde habitualmente saem livros de ficção).

O que o livro é, pode ler-se sob o título, na frente: «Coligida reincidência do autor do mesmo título, em Primeira Parte publicada em 1961, ou nova colecção muito mais amplamente instrutiva e divertida, de ensaios e outros textos de notabilíssima qualidade cultural, altíssimo valor educativo, e palpitantíssima actualidade, interessando igualmente a homens, mulheres, soldados e crianças (como dizia o avô do autor ao enumerar o género humano) e ele tinha três filhos na tropa, todos filhos de todos os partidos, e interesses em mais de um país do supracitado Reino, independentemente do próprio propriamente dito. Sem nenhuma das licenças necessárias à impressão e distribuição de tão oportunos desaforos».

PUB



**FEDERAÇÃO NACIONAL
DOS SINDICATOS METALÚRGICOS**



CONVOCATÓRIA

O SECRETARIADO DA FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS METALÚRGICOS, nos termos do n.º 5 do art. 45.º dos actuais Estatutos da Federação, vem convocar o Congresso, que se realizará nos dias 8, 9 e 10 de Dezembro de 1978, nas instalações do Pavilhão da Siderurgia Nacional, em Palo Pires — Seixal, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

DIA 8 DE DEZEMBRO DE 1978

- Relatório das actividades da FNSM
- Relatório da Comissão Promotora do Congresso
- Discussão dos Estatutos, na generalidade
- Votação dos Estatutos, na generalidade
- Discussão dos Estatutos, na especialidade
- Votação dos Estatutos, na especialidade
- Discussão e votação do Regulamento Eleitoral

DIA 9 DE DEZEMBRO DE 1978

- Discussão do Programa da Acção, na generalidade
- Votação do Programa de Acção, na generalidade
- Discussão do Programa de Acção, na especialidade
- Votação do Programa de Acção, na especialidade

DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1978

- Eleição dos Órgãos da Federação
- Votação de Moções
- Sessão de Encerramento do Congresso

LISBOA, 20 DE NOVEMBRO DE 1978

O SECRETARIADO

EUROPA

O "MINIGOLPE" EM ESPANHA

Detidos são a ponta do "iceberg"

MADRID, 21 (dos nossos correspondentes Fernando Jáuregui e José Luis López) — Está totalmente controlada a situação nos quartéis espanhóis. Os planos de um reduzido número de militares para se assenhorearem da sede da Presidência do Governo foram oficiosamente qualificados como «obra de meia dúzia de loucos sem qualquer

apoio».

No entanto a situação em Espanha não deixa de revelar uma certa intranquilidade, intranquilidade que só começará a diminuir quando for aprovada a Constituição no próximo dia 6 de Dezembro.

Soube-se hoje em Madrid que os planos do «minigolpe» tinham sido abortados na passada

sexta-feira, 17, horas antes de Juan Carlos voar para o México. Segundo versões que têm a sua origem no Governo, oficialmente só há dois detidos: um tenente-coronel da Guarda Civil com amplo historial «ultra» e um capitão da Polícia Armada. Estas duas corporações formam, juntamente com a Polícia Secreta, as Forças de Ordem Pública.

Apesar da desinformação oficial crê-se que os «golpistas» poderiam ter tido outros apoios, sobretudo na fase dos contactos. O tenente-coronel da Guarda Civil Manuel Tejero fez cerca de quatrocentas entrevistas antes de ser detido.

Segundo parece estas entrevistas foram feitas entre as Forças de Ordem Pública, que continuam a ser alvo preferido do terrorismo (mais dois mortos ontem). A partir daí a ideia contou com mais entusiasmos. Mas foi precisamente um alto comando da Guarda Civil quem alertou sobre os planos que estavam a preparar-se.

É cada vez mais visível nos últimos meses que a extrema-direita (num leque que começa nos partidos extraparlamentares, muitos de ideologia claramente fascista) anima quantos dão ouvidos à hipótese de um «golpe» militar. Anteontem, domingo, na Plaza de Oriente, em Madrid, comemorou-se o terceiro aniversário da morte do general Franco: os oradores apresentaram a situação como caótica e das tribunas foi lançada a palavra de ordem de restaurar o velho regime «com a força da razão ou com a razão da força». Assistiram umas 150 mil pessoas, bastantes mais que no ano passado, e numa manifestação posterior gritou-se com dureza contra o Governo e pediu-se a libertação dos militares detidos. Também houve críticas a Juan Carlos I.

Com o assassinio, no dia 16, do juiz mais representativo da repressão no regime franquista, começou a contagem decrescente do nervosismo até que seja aprovada a Constituição.

Os acontecimentos destes últimos dias, sustentam sectores democráticos do Exército, foram uma medição de pulso para avaliar a correlação de forças e do peso específico de quem, no Exército, está contra o processo constitucional. Nesse sentido os membros das Forças de Ordem Pública viram-se bombardeados com uma publicidade em regra apontando o sistema democrático como causador dos actos terroristas que a organização basca ETA multiplica em datas recentes.

contra sob detenção domiciliária em relação com a referida intenção.

Ontem ao princípio da noite, milhares de pessoas (as estimativas variam entre as 6 mil e as 30 mil) assistiram na Basílica de Vale de Los Caidos e uma missa, os oficiais do exército presentes foram demoradamente aplaudidos aos gritos de «Exército para o Poder» enquanto os nomes de Suarez e Juan Carlos eram vaiados. Em muitas cidades de Espanha foram celebradas missas por Franco e em diversos edifícios militares as bandeiras estavam a meia haste. Houve também cerimónias religiosas nos quartéis.

Referindo-se aos últimos acontecimentos, o dirigente do PCE, Santiago Carrillo, afirmou que a escalada terrorista tinha atingido um dos objectivos que se propusera: criar uma atmosfera de descontentamento e levar a uma reacção violenta em certos meios militares. Carrillo declarou ainda que, se houvesse um verdadeiro golpe militar, o seu partido e sem dúvida os socialistas e os sindicatos decretariam uma greve geral.

Enquanto isto, os soberanos espanhóis prosseguem a sua viagem pelo México, onde assistiram ontem às comemorações que assinalam o 68.º aniversário da revolução.

DOIS POLÍCIAS MORTOS E 11 FERIDOS

ETA reivindica atentado em Basauri

A ETA reivindicou o atentado ocorrido ontem no quartel de Basauri (arredores de Bilbao), no qual foram mortos dois polícias e que causou ferimentos em mais onze, três dos quais se encontram em estado grave. Três horas após o atentado, a ETA (que costuma demorar, pelo menos, um dia a reivindicar os seus actos terroristas) anunciou a autoria deste, considerando o mais grave da presente ofensiva terrorista, que visa perturbar o próximo referendo constitucional.

Segundo a polícia, quatro atacantes, que se deslocavam em três automóveis, atingiram com rajadas de metralhadora os polícias quando estes jogavam futebol. O alvo foi muito bem escolhido pelos terroristas: com efeito, este quartel fora palco de uma rebelião, em virtude da qual 500 polícias foram transferidos daquela região e 57, presos. A polícia de Bilbao esteve toda a

noite de vela aos dois colegas mortos cujo funeral se efectua hoje, estando proibida a presença de quaisquer civis. Um amplo leque de forças políticas de região condenou veementemente o atentado.

Este atentado e a conjura descoberta no passado fim-de-semana (à qual se refere o artigo do nosso correspondente em Madrid) foram tema de um encontro ontem havido entre o ministro da Defesa, general Gutiérrez Mellado, e o ministro do Interior Martin Villa (o segundo encontro dos dois desde domingo).

A tensão política agudiza-se cada vez mais: a notícia da conspiração teve repercussões nos comandos militares de Burgos, Valladolid e Valência. Nesta última cidade mil pessoas manifestaram-se a favor do general Atares Pena, que se en-

Julgamento de Jeremy Thorpe: um sórdido caso de costumes

«O escândalo Jeremy Thorpe» tornou-se ontem, durante uma audiência perante a Câmara de acusação de Minehead (Somerset) num sórdido caso de costumes, ultrapassando tudo quanto a Inglaterra poderia imaginar.

A principal testemunha de acusação, Peter Bessel, antigo deputado liberal de Bodmin (Cornualha), de 1964 a 1970, e «amigo de longa data» de Jeremy Thorpe, antigo líder liberal, desmantelou, golpe após golpe a fleuma dos jornalistas e do público com as suas revelações inesperadas.

Assim em 1965, segundo ele, Jeremy Thorpe disse-lhe que tivera, há alguns anos, uma ligação homossexual com o antigo

manequim, Norman Scott. A pedido de Thorpe, Peter Bessel, teria ajudado financeiramente Norman Scott para evitar que ele falasse do caso. Estas revelações poderão ser desastrosas para Jeremy Thorpe, que negou sempre ter tido esta ligação com Norman Scott.

O antigo líder liberal teria desviado também, segundo Bessel, dez mil libras para pagar a um homem de mão encarregado de eliminar fisicamente Norman Scott, que, entretanto, se mostrara muito falador. A operação teria sido urdida na própria Câmara dos Comuns: «não era pior do que abater um cão doente», retorquiu Thorpe a Bessel quando este lhe sublinhou que tal plano era «diabólico».

Recuo da DC no Trentino

Recuaram nitidamente os partidos da actual maioria parlamentar italiana, com excepção do comunista, nas eleições regionais do Trentino/Alto Adige, província com estatuto de autonomia.

A derrota mais severa foi sofrida pelo partido do Governo, a democracia-cristã, que perdeu em relação às regionais de 1973, mais de 5% dos votos e quatro lugares: o Partido Socialista perdeu dois e o PC ganhou um.

Os grandes vencedores da eleição são o Partido Popular Sul-Tirolês, que passa de 20 para 21 lugares, o Partido do Povo Trentino Tirolês, a outra formação local, que passa de 3

para 5. O Partido Radical (Libertário), que se apresentou sob a etiqueta de «Esquerda Nova» conquistou dois lugares.

Entretanto, o Ministério da Defesa acaba de enviar para parecer à Câmara dos Deputados o projecto de regulamentação de eleições sindicais nas Forças Armadas, em virtude de uma lei sobre a reforma das Forças Armadas, adoptada em Julho último pelo Parlamento.

Os militares estarão representados a nível das unidades locais, a nível dos altos comandos e, enfim, a nível nacional por um Conselho Central, reagrupando os delegados das três armas.

Morreu Georgio de Chirico

Com 90 anos de idade, faleceu ontem à noite em Roma o pintor italiano Georgio de Chirico, em consequência de um enfarte.

Chirico, que dominou durante meio século a vida artística europeia, tivera em Outubro um problema cardíaco que exigira a sua hospitalização.

Georgio de Chirico nasceu na Grécia, em Volos, em 1888. Quando seu pai, um engenheiro siciliano, morreu em 1906, seguiu para Munique, onde continuou a sua formação artística e aprofundou um gosto muito acentuado pela música. Depois, em 1909 foi para Milão, Florença, Turim e, finalmente, em 1911, ei-lo em Paris.

Na capital francesa em plena efervescência, Georgio de Chirico penetrou nos movimentos de vanguarda, revelou-se, afirmou-se em toda a sua originalidade. «O que eu fazia era absolutamente dife-

rente daquilo que se fazia então em Paris» — escreveu ele mais tarde. Amigo de Apollinaire, de André Breton, Chirico nega, todavia, que seja supra-realista. Mas o espaço estranho que constrói nos seus quadros irá marcar grandes supra-realistas como Max Ernst, Magritte, Dalí ou Delvaux.

Quando da Primeira Guerra Mundial regressou a Itália, instalando-se em Ferrara. «As musas inquietantes», manequins em peplum sem rosto, assinalam naquela época o apogeu da sua procura «metafísica». No após guerra inicia-se a sua «segunda vida». Volta a Paris, casa-se em 1930 com Isabelle Farr, uma russa possuidora de profunda cultura que se tornara sua colaboradora. Torna a ir para Milão e Florença, seguindo, por fim, para os Estados Unidos. Em 1944 fixou-se definitivamente em Roma.

Comboio desviado pelo IRA

O IRA conseguiu sem dúvida um dos seus «golpes» mais rocambolescos ao assegurar ontem o controlo de um comboio de mercadorias que circulava entre Dublin e Belfast.

A operação foi lançada de manhã cedo. Uma composição de vagões carregados de barris de cerveja tinha acabado de atravessar a fronteira que separa a República da Irlanda do Ulster. Quatro homens, segundo os primeiros depoimentos, seis segundo outras testemunhas, treparam para a locomotiva, quando esta ia a atravessar a ponte de Kilnasagart.

Uma vez dominado o maquinista, os assaltantes fizeram recuar a composição até cerca de um quilómetro da fronteira. A es-

colha do local inseria-se no mesmo plano. O comboio encontra-se imobilizado numa ponte que atravessa o rio ao fundo de uma barreira talhada em colinas calcárias.

Na locomotiva e em vários vagões são visíveis caixas e cilindros que dão a ideia de conterem explosivos. Forças do exército e da polícia cercaram o sector mas guardam uma respeitável distância.

ACORDO NA FORD

Dirigentes sindicais e a companhia automóvel britânica Ford chegaram a acordo sobre um novo contrato de trabalho, com vista a pôr termo à greve iniciada hábito semanas e que custou à Ford 410 milhões de libras (três milhões e 690 mil contos).

PUB



sindicato dos trabalhadores da função pública da zona sul

R. Rodrigues Sampaio, 138-3
Telef. 576222-576347-578372
— LISBOA

ELEIÇÕES DOS CORPOS GERENTES PARA O BIÊNIO 79/80

CONSULTAS E RECLAMAÇÕES DOS CADERNOS ELEITORAIS

Encontram-se afixados os Cadernos Eleitorais em todos os distritos abrangidos pelo nosso Sindicato. Os principais órgãos da Imprensa inserem nas suas páginas os locais onde os mesmos podem ser consultados.

O dia 25 de Novembro, Sábado, é a data limite para a entrega de reclamações.

Os sócios do distrito de Lisboa devem dirigir as suas reclamações, pessoalmente ou por escrito, para a sede do Sindicato, devendo os sócios dos restantes distritos proceder do mesmo modo nas respectivas delegações.

ASSEGURA O TEU DIREITO DE VOTO! CONSULTA OS CADERNOS ELEITORAIS!

Lisboa, 20 de Novembro, de 1978

A Mesa da Assembleia Geral

FERIADOS DE DEZEMBRO EM

PRECO de Lisboa 2 650 00
do Porto 3 250 00



nos superpullmans de luxo com ar condicionado lavabo, bar, serviço gratuito de chá, café, sumos, ambientação musical individual jornais e revistas e assistente de bordo

alojamento no hotel Fleming *** em regime de meia pensão

partidas de Lisboa 1 e 8/12
do Porto 30/11 e 7/12

informações e inscrições:

mundial turismo CITYRAMA
Av. António A. de Aguiar, 10-B, Telex: 5635 21 2 3 Lisboa Av. Prata de Vidra, 12-B, Telex: 5755 04 06 68 Lisboa
Rua Entreparedes, 17, Telex: 31 71 55 Porto

AMÉRICA LATINA

Oposição da Nicarágua exige que Somoza se demita hoje

A Frente Ampla de Oposição da Nicarágua, FAO, reiterou ontem o seu ultimato ao presidente Anastasio Somoza, para que este se demita e abandone o país ainda hoje.

Integrada por treze organizações políticas e gremiais, a FAP advertira, no mês passado, que se Somoza não renunciasse até

21 de Novembro se retiraria das negociações com o governo, em curso sob a égide da Comissão Mediadora Internacional nomeada pela Organização dos Estados Americanos (OEA).

Esta comissão, segundo constou entretanto nos meios políticos, deverá reunir nas próximas horas com o presidente nicara-

guense, esperando-se que, posteriormente, presente à FAO uma proposta.

Por seu turno, a FAO anunciou, através de porta-vozes, iniciará hoje uma reunião de emergência com o exclusivo objectivo de aguardar uma resposta por parte da Comissão.

Enquanto isto, o Comité Ex-

ecutivo da Comissão Permanente dos Direitos Humanos da Nicarágua declarou-se confiante em que a OEA imporá ao governo de Somoza «as sanções exigidas pela justiça e pela solidariedade continental com os sofrimentos do povo nicaraguense».

Paralelamente, o Comité exortou os organismos internacionais especificamente, a OEA e a ONU a coordenarem esforços com vista à adopção de «acções imediatas indispensáveis para assegurar, de maneira permanente e efectiva, o respeito pelos direitos humanos na Nicarágua».

Entretanto, os Estados Unidos lamentaram hoje as violações dos mais elementares Direitos Humanos perpetradas pelo regime do general Anastasio Somoza, mas abstiveram-se de condenar oficialmente o governo de Manágua.

BOICOTE AO CHILE

A federação sindical mais importante dos EUA anunciou ontem o seu apoio a uma proposta sindical interamericana de boicote comercial do regime chileno.

A «AFL-CIO», que agrupa 14 milhões de trabalhadores, disse que vai apoiar uma proposta de boicote que será apresentada na reunião da organização regional interamericana de trabalhadores que abrirá na próxima sexta-feira, em Lima.

A decisão da «AFL-CIO» traduz uma mudança na política que tomou em 1974, ao negar-se a apoiar as sanções decretadas pelos sindicatos internacionais contra o regime fascista de Pinochet.

xam prever, igualmente, que a Câmara baixa brasileira, com um total de 420 lugares compreenderá 225 deputados governamentais e 195 do MDB.

No que diz respeito às assembleias legislativas, a oposição assegurou já uma grande maioria nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Entretanto, no que foi a primeira reacção oficial emitida sobre o acto eleitoral de quarta-feira passada, o Governo declarou uma vitória governamental nas eleições.

O porta-voz governamental para a imprensa, coronel Rubem Ludwig, previu que a ARENA obterá 16 assentos no Senado.

Na votação para o Senado no Estado de São Paulo, o MDB ganhou com a enorme vantagem numérica de 4.706.535 votos contra 868.726, o que no entanto, lhe proporcionou somente um lugar no Senado, enquanto em pequenos estados no interior, o partido governamental ganhou senadores por margens de cinco ou dez mil votos.

MÉDIO ORIENTE

Governo israelita vai aprovar minuta inicial do tratado

O presidente Carter será convidado a assinar um tratado de paz israelo-egípcio em Jerusalém e no Cairo, segundo afirmou ontem, à noite, o primeiro-ministro israelita, Menahem Begin.

Exprimiui confiança em que o seu gabinete votaria hoje a aceitação da minuta do tratado como se achava, há dez dias, ou seja, antes de delegados egípcios às conversações de paz em Washington começarem a exigir eleições para autonomia na margem

Ocidental do Jordão e em Gaza, seis meses depois da conclusão do pacto.

Agora que Israel tornou claro que está disposto a firmar a minuta original, Begin espera que o Egipto, por seu turno, desista de todas as alterações que está a exigir.

Begin disse que o presidente Carter seria convidado a assinar um texto em inglês do tratado nas capitais de Israel e do Egipto.

CIÊNCIA

Insulina humana vai ser comercializada

A insulina humana (produzida por uma bactéria, que devidamente «manipulada» fabrica insulina semelhante à segregada pelo pâncreas humano) vai ser comercializada. Trata-se de uma notícia de maior importância, pois, graças a este novo passo da ciência, os cem milhões de diabéticos espalhados pelo mundo terão maiores possibilidades de tratamento.

Uma companhia americana prepara-se para comercializar

este produto e fabrica-lo em grande escala, pagando, naturalmente, os direitos de entidade para a qual trabalham os investigadores que a descobriram.

Para tal falta apenas realizar os últimos testes e obter a autorização das entidades oficiais dos EUA. Segundo se pensa, poucas dificuldades surgirão, e em breve estará no mercado este novo produto da investigação científica.

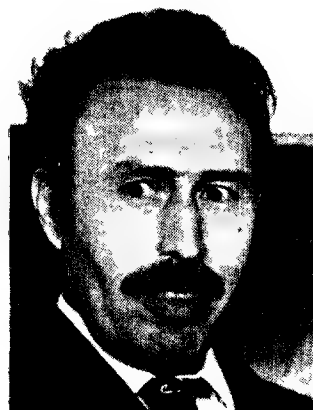
AFRICA

Doença de Bumedienne confirmada em Argel

Foi oficialmente confirmado em Argel que o presidente Bumedienne se encontra gravemente doente, tendo sido internado no hospital Mustafá na capital argelina. Enquanto durar a enfermidade do presidente, o Conselho da Revolução tomará conta dos negócios do Estado.

Bumedienne, doente há dois meses, teve um agravamento do seu mal há dois dias, o que motivou a sua hospitalização e o impede de retomar por algum tempo as suas actividades oficiais.

Observadores políticos de Argel pensam que o Conselho da Revolução (que tem vindo a reunir-se frequentemente desde o regresso do chefe de Estado da URSS, onde permaneceu durante um mês) vai cerrar fileiras e preparar-se para qualquer eventualidade no centro do espírito da Constituição referendada há



dois anos. Embora pareça prematuro falar de sucessão de Bumedienne, tudo indica que as instâncias do poder estão a preparar-se também para essa eventualidade.

ASIA

Cartazes de parede criticam Hua Kuo-feng

Pela primeira vez, surgiram ontem nas ruas de Pequim «dadzipao» (cartazes) contendo críticas à actuação do primeiro-ministro chinês Hua Kuo-feng, informa a agência noticiosa japonesa Kyodo.

Segundo esta, um dos referidos cartazes exige que o Partido Comunista anule um decreto de Abril de 1976 que afastou o actual vice-primeiro-ministro Teng Hsiao-ping do Governo e promoveu a sua substituição por Hua. Um outro, critica o primeiro-ministro por ter escrito o prefácio de um livro de poemas, a publicar, sobre o motim da Praça de Tienanmen, em 1976, quando uma manifestação de apoio a Chu En-lai foi reprimida pela polícia.

Por outro lado, o jornal Asahi,

de Tóquio, refere que, ao longo da Rua Chang An, podem ver-se «dadzipao» em que é exigida a libertação de familiares detidos pela polícia de segurança chinesa.

Sublinha o Asahi que a Polícia não tem retirado os cartazes, autoriza a sua leitura pelos transeuntes e, inclusivamente, os jornalistas estrangeiros podem, sem que disso sejam impedidos, tirar fotografias.

Por outro lado, cartazes de grandes caracteres, colados em Pequim perto do primeiro cartaz em que Mao Tse-tung foi atacado directamente, afirmam agora que Chu En-lai foi o único dirigente que defendeu o povo chinês durante um período de dez anos de «fascismo», de 1966 a 1976.

Irão: 48 horas isolado do mundo

O Irão esteve praticamente cortado do mundo durante 48 horas (domingo e segunda-feira) devido a uma greve do pessoal das telecomunicações. Este movimento, que segundo certas informações confirmadas, teria sido agravado por uma sabotagem num retransmissor das telecomunicações situado perto de Amadan, provocou o pânico em certos industriais estrangeiros.

Outros movimentos de greve continuaram nas centrais eléctricas com cortes de corrente intermitentes, bem assim como paralisações em certos ministé-

rios, entre os quais o das Finanças. A greve dos jornalistas continua. O «Bazar» de Teerão, que reúne 200 mil pequenos e médios comerciantes reabriu as suas portas depois de uma greve de duas semanas.

Se a situação é calma na capital, são assinalados no entanto choques mais ou menos violentos na província entre manifestantes e militares. Viajantes chegados à capital anunciaram ter havido mortos, mas estas indicações são difíceis de confirmar devido à falta de comunicações.

Conluio sino-americano durante a guerra do Vietname

O «conluio» sino-americano durante a guerra do Vietname é pela primeira vez denunciado hoje publicamente pelo jornal «Nhan Dan», órgão do Partido Comunista Vietnamita.

Pela pena do seu «Comentador», o jornal recorda que em 1965 «quando os americanos desembarcaram as suas tropas no Vietname, do Sul e começaram a bombardear o Norte, os responsáveis chineses da época declararam publicamente que não enviaram tropas para o estrangeiro, desde que os americanos não tocassem na China».

Em 1972, acrescenta o autor, «quando a resistência do nosso

«Por seu lado, acrescenta o «Comentador», os governantes de Pequim aproveitaram para se apressar em Janeiro de 1974 do arquipélago das Paracels, parte integrante do território vietnamita».

povo se aproximava da vitória (...), os governantes chineses lançaram a prancha convidando Nixon a ir a Pequim. Aliaram-se abertamente aos americanos. (e) após o comunicado de Xangai os americanos puderam bloquear o porto de Haiphong, minar o golfo de Tonkin e lançar os seus «B-52» contra o nosso país».

Tropas americanas vão evacuar seita do «Templo» na Guiana

Tropas norte-americanas vão ser enviadas para a Guiana a fim de auxiliarem na evacuação das várias centenas de membros da seita «Templo do Povo» que praticaram um suicídio maciço após o assassinio de cinco cidadãos dos Estados Unidos, informou a Secretaria de Estado em Washington.

Segundo John Bushnell, chefe da missão norte-americana, encarregada do caso, estão a preparar-se para seguir para a Guiana com aquele objectivo cerca de 150 soldados de diversas unidades militares dos Estados Unidos.

Entretanto, em Nova Iorque, o ministro de Estado guianês, Christopher Nascimento, declarou que o estabelecimento da seita na Guiana fora autorizado com base nas cerca de 60 «cartas de recomendação» atribuídas a importantes figuras políticas norte-americanas.

Entre os nomes citados, constam os de Rosalynn Carter, mulher do presidente norte-americano, Hubert Humphrey, Henry Jackson e Mike Gravel, senadores e George Moscone, «mayor» de São Francisco.

Por outro lado, o Departa-

mento de Estado admitiu ontem ter recebido numerosas cartas de protesto a respeito das actividades da seita. Numa delas, em Março de 1978, afirmava-se que todo aquele que desejasse partir de Jonestown era ameaçado de morte ou de ser abandonado na selva. Em Maio os pais e familiares dos adeptos tinham denunciado o «campo de concentração» da seita.

A Comissão das Relações Internacionais da Câmara dos Representantes decidiu por seu turno, abrir um inquérito sobre o caso. Os representantes querem saber por que foi que o Departamento de Estado não se apercebeu dos perigos que existiam, não só no campo de Jonestown como também para qualquer membro encarregado de estudar as práticas da seita.

Entretanto, o evangelista americano Jim Jones, fundador da Igreja Cristão do Templo do Povo, figura entre as 383 pessoas, encontradas mortas na comuna da seita, no noroeste da Guiana, anunciou um porta-voz do Governo de Georgetown.

O ministro da Informação, Shirley Field Ridley, declarou à Reuter que Jones, de 46 anos, foi identificado entre os mortos encontrados na Comuna quando tropas e polícias foram investigar o assassinio no sábado, do congressista americano, Leo Ryan e quatro outros americanos.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Asia e Reuter

Diário de Lisboa

O País dia a dia a política hora a hora

Canal da Crítica

Cobras? Lagarto, lagarto!

Ai não, desculpem, mas isso não, não me comprometam! Não fico para ver o tal programa sobre as cobras.

Então digam lá, digam lá se eu, depois de ver o Meneres Pimentel, o Basílio Horta, etc., etc., digam lá se eu ainda ficava com disponibilidade para ver mais cobras.

Ainda por cima com informações seguramente erradas. Há inúmeras espécies de cobras não referenciadas nos compêndios. Venham os estudiosos para diante de um televisor e já podem fazer uma ideia.

Uma desgraça, as cobras.

A ALEGRIA... DOS OUTROS

Vieram mais números e mais informações sobre a vitória das forças democráticas em Évora.

Estava eu e estaria muitas pessoas à espera de que a Televisão, ao lado da frieza dos números e das táticas dos depoimentos, também se lembrasse de nos dar aspectos humanos e vivos do povo de Évora. Estão aqui a dizer-me que antes de ontem à noite, Évora era a «capital da alegria». A RTP tem alguma coisa contra a alegria popular livremente expressa? Se calhar tem...

Igualmente esperávamos um depoimento do reeleito presidente da Câmara de Évora, Abílio Fernandes. Era da mais ele-

mentar justiça, da mais elementar oportunidade jornalística.

Mas alguém, na RTP-1, saberá o que é jornalismo? Terão ao menos ouvido falar disso?

PARA MEDITAÇÃO

Entre os depoimentos prestados à RTP-1 sobressai o de Pedro Coelho, do PS.

Não foi iludida a gravidade da questão. A derrota, em Évora, segundo Pedro Coelho, não surpreendeu o seu partido. Ora, 1.º, se não surpreendeu, então já era esperada;

2.º, se já era esperada, ou temida, que fizeram as cúpulas do PS para a evitar ou atenuar?

A tal respeito, disse nada. Qualquer pessoa de boa-fé ficou à espera do pior depois do discurso de Mário Soares nas vésperas das eleições. A continuar a sua prática anticomunista, Soares está a caminhar rapidamente e em força para o desemprego histórico.

Proponho a todos os socialistas meus leitores a seguinte meditação: o PS cresceu e fez-se um grande partido enquanto se apresentou com opções verdadeiramente socialistas; começou a ruir de fracasso em fracasso depois que fugiu aos seus projectos democráticos e se entregou à luxúria paranóica das alianças contra natura.

O levantamento do PS, como grande partido, depende da cor-

recta avaliação do que deixou proposto.

Para bom entendedor...

REPRESSÃO E VOTAÇÃO

Pedro Coelho, a certa altura, justificou a maciça votação democrática em Évora com a repressão e agressividade exercida contra os trabalhadores na zona da Reforma Agrária.

Claro que sim. Trabalhadores não gostam de ver maltratar trabalhadores. Povo não quer quem bate no povo. Lógico. Quem não se sente, não é de boa gente. Existe arraigada a consciência de que o trabalho dá pão, a violência não.

Se a violência não dá pão, não dá votação. Não a dá a quem usa a repressão, está claro.

O PS vai ter de repensar duramente o seu caminho. Ele tem graves responsabilidades na infâmia que diariamente desaba sobre os trabalhadores portugueses.

Antes de mais nada, o PS tem de se desbarretar. Esse é o primeiro passo para dar uma saída ao seu beco.

ALIADOS

Nos últimos dias, mercê dos acontecimentos vividos em Espanha, a RTP-1 tem utilizado os serviços do seu correspondente Vasco Lourinho. Além deste,

ouvimos ontem um jornalista espanhol radicado em Lisboa.

Ambos estiveram de acordo, num ponto essencial: o terrorismo esquerdista em Espanha está a fazer o jogo do fascismo, do saudosismo franquista.

Não sei porquê, lembro-me de certos acontecimentos em Portugal, depois do 25 de Abril. O incêndio da Embaixada de Espanha, por exemplo... Lembro-me de certas eleições (Évora, Bancários, etc., etc.) em que foi o PPD e outras forças antedemocráticas quem lucrou com irrealismo político.

De onde não será ilegítimo concluir que o esquerdismo é um bom aliado do carneirismo.

FORA A POLÍTICA!

Mudemos de assunto.

Ontem, o principal do serão foi ocupado com o programa «Planeta dos Homens», onde os brasileiros fizeram gala do seu estendal de humor. Recordo-me que, há anos, Raul Solnado pretendia fazer aqui qualquer coisa como aquilo: aquele processo, aquele ritmo, aquela variedade. A falta de consistência, a falta de tradição televisiva, a falta de estruturas e também a falta de capacidade (nada disto se pode fazer sem uma equipa, sem uma organização) tudo isso fez ruir o programa.

Já que falamos em Solnado, recorde-se que o tivemos ontem excessivamente na Televisão. A «Pirâmide» não justifica tudo. Deixem dormir o farol...

Trata-se nitidamente de uma acção de publicidade amigável ao lançamento do seu próximo espectáculo. Pois o rapaz que se governe e os amigos (que são para as ocasiões) o ajudem. Onde está o mal?

Será, diz o cómico, um espectáculo sem política. Hum... Bom, mas de caminho vai metendo uma colheradazinha de referência política às eleições de Évora. Tem razão. Nada de política...

Hoje



Michel Simon intérprete do filme que se exhibe esta noite intitulado «O Preço da Juventude»

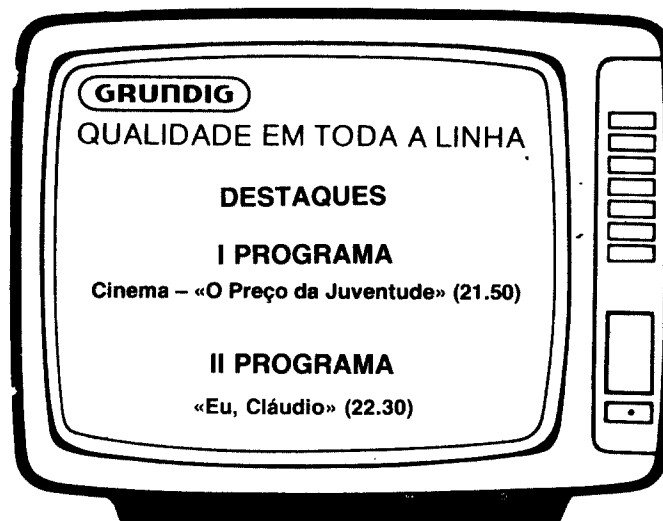
I PROGRAMA

- 18.25 Sumário – títulos da actualidade nacional e internacional.
- 18.30 Há Fitas – «Os Cinco e o Circo».
- 19.05 País, País – noticiário e reportagens regionais.
- 19.25 Ciência a Cada Passo a Cada Passo a Ciência
- 20.00 Jornal RTP-1 – as notícias do País e do estrangeiro e o Boletim Meteorológico.
- 20.35 Perfil – breve encontro com figuras da cultura portuguesa.
- 20.40 «O Astro» – episódio n.º 27 da novela de Janete Clair. Produção da Rede Globo de Televisão do Rio de Janeiro.
- 21.15 Zoom – sumário da actualidade internacional.
- 21.50 A Comédia e a Vida – «O Preço da Juventude», intérpretes: Michel Simon, Gérard Philipe, Nicole Bernard, Raymond Gordy, Gaston Modot, Paolo Stoppa e Simone Valère. Realização de René Clair.
- 23.35 24 Horas – as notícias mais importantes das últimas 24 horas.
- 23.50 Fecho

TUDOR BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

- 18.45 Ano Propedêutico
- 20.30 Abertura e Palavras Herdadas
- 21.10 Espaço Audiovisual – a revolta dos percussionistas.
- 22.30 «Eu, Cláudio» – «Alguma Justiça» (episódio n.º 6).
- 23.30 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

09.15: Ano Propedêutico; 13.25: Ciclo Preparatório TV; 18.25: Sumário; 18.30: Basquetebol – Taça das Taças (feminino); 20.00: Jornal RTP-1; 20.35: Perfil; 20.40: «O Astro» – episódio n.º 28; 21.20: Vamos Jogar no Totobola; 21.30: Espaço Cultural; 22.20: «Os Novos Vingadores»; 23.25: 24 Horas; 23.40: Fecho.

II PROGRAMA

18.45: Ano Propedêutico; 20.30: Síntese; 21.00: As Grandes Viagens; 22.00: Informação/2; 22.30: Directissimo; 23.30: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

HOJE AS 21.30

com **HENRIQUE VIANA**

LEÓNIA MENDES

MAGDA CARDOSO

MARIA TAVARES

ERMELINDA DUARTE EM

FARDOS E GUITARRADAS

ADOQUE teatro

4.ª-FEIRA DESCANSO

NÃO ACONS. A M/18 ANOS

Telef. 87 44 76

Chester Bar

O ambiente tranquilo e requintado para uma bebida ao fim da tarde

CHESTER-BAR para permanecer agradavelmente!

R. Rodrigo da Fonseca, 87 LISBOA

FRIGORÍFICOS

185/200 LITROS 8990\$

RÁDIO PRIMAVERA

Rua Gomes Freire, 9-B Lisboa - T. 549406 574042

ÚLTIMOS DIAS

ACADEMIA ALMADENSE

Aventuras de Till Eulenspiegel

COSTER MARTINHO BENITE

Só até 30 de Novembro

Todos os dias às 21.30
Sab e Dom às 18 e às 21.30
Seg e terça às 21.30
PREÇOS NORMAIS E GROSSE
AUTOCARROS, PRACA DE ESPANHA
BARCOS, CARREIRA DE CACILHAS

GRUPO DE CAMPOLIDE

quarteto

FAZEMOS HOJE 3 ANOS

REUNIMOS 10 FILMES DE 10 CINEASTAS

HISTÓRIA IMORTAL Orson Welles
O HOMEM QUE MATOU LIBERTY VALANCE John Ford
A GRANDE ILUSÃO Jean Renoir
O DESPREZO Jean-Luc Godard
A MÁSCARA Ingmar Bergman
DESERTO VERMELHO Michelangelo Antonioni
FELLINI 8 1/2 Federico Felini
VIRIDIANA Luís Buñuel
O GENERAL Buster Keaton
O COURAÇADO POTEMKINE Serguei Eisenstein

... E VOCÊ

(OS 10 MELHORES REALIZADORES DE SEMPRE segundo a revista «Sight and Sound»)

A PARTIR DAS 14.30 NAS 4 SALAS

FITEI-78 no Porto: o teatro e a cidade

Referi-me na primeira crónica (aliás, publicada com um lamentável atraso a que sou alheio) ao facto de ter pertencido ao grupo hasco Cómicos de la Légua a grande surpresa do festival.

Uma semana após o início do FITEI não será justo deixar de reconhecer que a principal e mais importante surpresa veio afinal da própria cidade. Não é sem grande contentamento, desprovido de qualquer espírito de bairro, que reconheço não ter

qualquer razão de ser o cepticismo que anteriormente manifestei.

Realizaram-se até ao momento em que escrevo, mais de três dezenas de espectáculos tendo-se registado a presença de cerca de trinta e seis mil espectadores, número que ultrapassa todas as previsões mesmo as mais optimistas.

O facto não se explica apenas, creio eu, pela capacidade promocional revelada pelos organi-

zadores embora seja de sublinhar o seu impacto, mas sobretudo pela apetência manifestada pelo público do Porto para com uma realização que se situa à margem da rotina que aqui, como duma maneira geral em todo o País, define a prática cultural.

O festival imprimiu uma dinâmica nova e diferente a essa prática e parece-me ser esse um aspecto a ter em conta na discussão e planificação de qual-

quer iniciativa deste tipo.

Darei alguns exemplos para demonstrar a forma como o público reagiu aos espectáculos apresentados. As quatro sessões da Barraca com o «Zé do Telhado» esgotaram imediatamente e na última o Teatro António Pedro estava positivamente a abarrotar. Além das sessões programadas, o grupo

de um texto de Enrique Buena-ventura. A Unidade de Infância do Centro Cultural de Évora, dirigida por Manuel Guerra, não pôde deixar de fazer duas sessões seguidas com a peça «Ma-Liang» tal a afluência da miudagem. O mesmo se poderá dizer do espectáculo infantil do TEP com a peça de Norberto Barroca, «Histórias de Hakim».

A falta de espaços cénicos capazes (os que existem estão ocupados pelo teatro comercial ou pelo cinema) levou os organizadores a promover uma série de colóquios subordinados ao tema «O Teatro e a Cidade». Pretende-se chamar a atenção das autoridades competentes para a necessidade de dotar a segunda cidade do país de espa-



Teatro para o povo nas ruas da capital nortenha

Cómicos de la Légua foi obrigado a dar uma outra com o espectáculo «Triponzi Jauna», que teve a presença de cerca de trezentos espectadores, o que num espectáculo deste tipo é considerável. Também o grupo venezuelano Oficina de Teatro La Barraca deu, com grande sucesso, duas sessões, extra-programa, com a peça «Todos Esperam Esse Dia», versão livre

Com uma ou outra casual excepção, caso do primeiro espectáculo do Grupo Teatral Freamundense com a peça de Schwalbach «Anastácia e C.ª», pode dizer-se, sem exagero, que todos os espectáculos têm tido mais espectadores do que é normal e, por vezes, do que aqueles que os recintos comportam. Esse é, aliás, um problema que este festival veio evidenciar.

ços polivalentes devidamente apetrechados e que permitam a cabal realização de iniciativas como a do FITEI.

Nesta crónica breve é esse o aspecto que especialmente interessa assinalar.

Que o Porto «não existe» é prova triste o facto de Gisela May não vir cá por falta de verba!

C.P.

Johnny Rotten contra "The sex pistols"

LONDRES — O cantor Johnny Rotten está disposto a recorrer a um tribunal britânico para terminar o seu contrato com o conjunto de música «Punk», «The Sex Pistols», anunciou um amigo do cantor.

Rotten foi vocalista do conjunto até ao início do ano, tendo rompido com o agrupamento após uma desastrosa digressão pela América do Norte.

Os advogados de Johnny Rotten obtiveram uma permissão especial para entregar a citação a Sid Vicious, membro dos «Sex Pistols».

Direitos humanos em festival

O filme australiano «The Chant of Jimmie Blacksmith» (O Canto de Jimmie Blacksmith) ganhou o prémio do Sétimo Festival Internacional dos Direitos Humanos realizado na cidade francesa de Estrasburgo.

O tema do Festival deste ano era a educação no sentido mais amplo.

O filme vencedor trata da história de um mestiço criado por brancos e eventualmente repellido tanto por aqueles como pela comunidade aborígine.

O júri do Festival declarou que a película australiana, de 1977, tinha qualidade cinematográfica e o tema estava bem tratado.

TEATRO

ABC

Telef. 366745

DENTRO DE HORAS

SÉRGIO DE AZEVEDO

APRESENTA

EM ESTREIA uma espectacular
REVISTA POPULAR

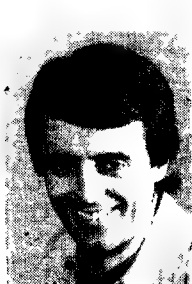


DIREITA VOLVER!

TEXTO ORIGINAL DE EDUARDO DAMAS E CARLOS COELHO — MÚSICA DE: MANUEL PAIÃO, THILO KRASSMAN E NUNO N. FERNANDES — COREOGRAFIA DE: MARILYN CLARK — MONTAGEM DE: MONIZ RIBEIRO — FIGURINOS DE: MELO FRAZÃO — CENOGRAFIA: JOSÉ MANUEL, REBOCHO E ALBERTO — ADEREÇOS DE: ÓSCAR ATAÍDE — GUARDA-ROUPA: «PAIVA» sob a direc. António Silva — ENCENAÇÃO DE: CARLOS COELHO



FLORBELA
QUEIRÓS



OCTÁVIO de
MATOS



CARLOS
COELHO



VERA
MÓNICA



ANTÓNIO
CALVÁRIO



ANABELA
(actriz convidada)



NINA
FLORES



NELA
DUARTE



VICTOR
NORTE



LIA
SARAH



JOÃO
LUIS



ISABEL
AMARO



PAULA
DELGADO

O BALLET INTERNACIONAL STAR DANCER'S

com os NUS de Angelie, Jane, Aida, Teresa, Tina, Sabine e Samanta

UM ESPECTÁCULO EXTRAORDINÁRIO

BILHETES A VENDA

EXCLUSIVO: TRIBUNA

Cobra 2

**O JUSTICEIRO
DO ORIENTE
DE NOVO EM ACÇÃO!**

com
JIRO TAMIYA/KUMI TAGUCHI
um filme de UMEJI INOUE/Colorido Scope

**AMANHÃ ESTREIA
ÀS 21.30**

ROXY

Não aconselhável a menores de 13 anos

SOLILÓQUIO

Praça de touros do Cartaxo. Domingo, 5 de Novembro de 1978. Touros de Pinto Barreiros para Gustavo Zenkl, Fernando Andrade Salgueiro, Forcados Amadores da Chamusca (cabo António Temóti), Fernando Pessoa e Manuel Tavares.

— Está?
— É do Programa «Quando a música toca?»
— Exactamente.
— Posso dizer a frase?
— Faça favor.
— «Pina, Cantos e Apostinha, Ld.ª Portuguesa Bullfights no País e no estrangeiro. Artistas privativos. Preços especiais para congressos».

— Está certo. E qual era o pedido?

— Olhe, eu queria ver se era possível darem mais oportunidades ao Zenkl, é raro trazerem-no a Lisboa, vão buscar outros piores do que ele. Ainda hoje lhe saiu no Cartaxo aquele Pinto Barreiros mansote, distraído, trotador, galopador às vezes atrás do cavalo mas sem nunca carregar na reunião, e ele sempre a meter-se com o touro, e a luzir-se, alegre, comunicativo como poucos. E na lide a duo foi o responsável por aquela animação toda, o Salgueiro só teve que aproveitar os ressaltos, e vá lá que os aproveitou bem e depressa, no fim o touro parecia um paliteiro.

— Mas olhe que, no que lidou a sós, o Salgueiro não esteve mal.

— Não, esteve até asseado, como dizem os espanhóis. Apesar daquele começo infeliz, colocou uma farpa, ao meter a segunda foi acertar na primeira, caíram as duas, ficou o touro limpo para receber a terceira. Lembrou-me aquela vez...

— Desculpe, estimado ouvinte, mas temos mais pedidos para atender.

— É do programa «Quando a música toca?»

— Faz favor de dizer.

— «Pina, Cantos e Apostinha, Ld.ª Corridas de touros no País e no estrangeiro. Artistas...

— Desculpe, a frase não é bem essa

— Não é?

— Em vez de «corridas de touros», é «portuguese Bullfights». São coisas completamente diferentes.

— Não sou entendido, veja lá que julguei que era a mesma



Programa com pedidos

coisa, eu o que gosto mais é das cortesias, das pegas, e de ver os touros que saltam a trincheira, lá vão os borlistas e os polícias, tudo de cabeça para dentro da arena.

— E qual é o pedido?

— Era para ver se a Câmara do Cartaxo muda outra vez a feira dos Santos para o pé da praça de touros. Foram pô-la a mais de dois quilómetros, e não sei, as touradas ficaram sem a mesma animação, ao vozeir lá de dentro juntava-se o burburinho do povo que se amontoava cá fora, e o aroma do assar das sardinhas, do polvo, das castanhas...

— Desculpe, caro ouvinte, mas isso não depende do nosso programa, nem da empresa patrocinadora, que já não explora sequer a praça do Cartaxo, agora é a Misericórdia.

— E olhe que ainda bem, se explorasse o mais certo era não ter montado esta novilhada, com um cartaz equilibrado e a dar oportunidade a dois novilheiros, bem precisados andamos deles, que doutra forma acaba-se o toureio apeado em Portugal, e a esperança de que lhe chegue também o 25 de Abril, não continue tudo como no tempo da outra senhora.

— Está? Posso dizer a frase?

— Com certeza.

— «Pina, Cantos e Apostinha, Ld.ª Portuguesa Bullfights. Artistas especiais para congressos».

— Não decorou a frase. Os artistas são privativos, não são especiais para congressos. Aliás, alguns artistas pode dizer-se...

— Como? Está-se a ouvir mal.

Daqui fala uma moça da Chamusca, que é prima dum forçado que pegou hoje no Cartaxo. O pedido era para que o senhor me dissesse que tal estiveram os moços da minha terra e mais o Manuel Tavares, que é conhecido de uma vizinha minha.

— Olhe, os forçados da Chamusca não estiveram mal; mas os touros de Pinto Barreiros, apesar de bem postos, eram pequenos, não deram guerra por aí além, rendiam-se depressa.

— E o Manuel Tavares?

— Gostava de lhe ser agradável, mas não posso. No capote não fez coisa nenhuma, sem ritmo nos braços nem sossego nos pés.

— A quadrilha parece que não ajudava muito...

— Não foi isso, nas bandarilhas é que saíram dois praticantes muito pouco práticos, houve protestos, nas galerias um senhor até gritava: «Vão vender água! Vão-se embora, é uma vergonha, mandarem para aqui estes aleijados!»

— Credo!

— Mas anime-se, que com a muleta o Tavares aponta umas coisas, os contrários da Azambuja entusiasmaram-se, pediram música. Mas o seu toureiro era nervoso, eléctrico, às vezes demagógico, só sossegou um pouco na faena ao último da tarde; escurecera, e à luz mortua das tibiás lâmpadas da praça deu por fim uns passes repousados, a oferecer ao novilho o centro da muleta, a mão correndo devagar, os pés quietos, a figura serena. Tenho as minhas dúvidas, mas pode ser que se faça toureiro

— Oxalá que sim.

— Fala do programa «Quando a música toca?»

— Exacto.

— Podia dar-me um recado urgente ao Fernando Pessoa?

— Faça favor de dizer.

— Era só para o avisar que siga para Espanha o mais depressa possível, talvez vá ainda a tempo de fazer o que na sua terra não vai conseguir: ser matador de touros. E matador de classe, desses que não se despenteiam, nem se encostam aos touros, a sua estética não precisa de trepidação.

— Mais nada?

— Ohe, diga-lhe também para ver se arranja forma de corrigir estes três defeitos: o de compor a figura antes do inimigo entrar no seu terreno; o de citar com a muleta atrasada, em vez de adiantar o engano para nele recolher (e mandar) a investida; e o de, à força de tanto querer às vezes ligar os passes, acabar por não os rematar, nem ficar colocado para o seguinte, nem evitar que o touro derrote no engano, ou acabe até por atropelá-lo. E no capote, apesar da elegância com que lanceia a verónica, falta carregar um pouco mais a sorte, um leve debruçar-se sobre a trajectória que só assim pode ser, não aceite, mas imposta ao inimigo.

— Desculpe, mas sobram-nos dois minutos, e este programa não é propriamente um curso de touromaquia.

— Tem razão: mas apetece ajudar um toureiro capaz de andar pela arena com essa serena elegância e ao mesmo tempo com essa quase timidez de quem parece não acreditar que pode chegar longe — se em Espanha as cornadas lhe pouparem o corpo e não lhe roubarem o ânimo

— É do programa «Quando a música toca?»

— Sim senhora.

— Eu queria ouvir a banda da Sociedade Cartaxense numa música à sua escolha. Ouvi-a tocar hoje na praça, e gostei muito dela, só meninas eram doze, e tanto elas como eles muito bem educadinhos, imagine que até se puseram todos de pé para tocarem os acordes da Maria da Fonte, quando chegou a autoridade! Para mim, a boa educação está acima da afinidade.

— Ó minha senhora, este programa não é de pedidos de música.

— Então posso dizer o meu nome?

— Para dizer o nome tem de dizer primeiro a frase.

— Pois então não digo mais coisa nenhuma.

Ainda a "Literatura Açoriana"

Com o pedido de publicação recebemos de J. H. Santos Barros o seguinte texto replicando a um outro de Pedro da Silveira aqui publicado:

«Pelo respeito que me merecem os leitores do «DL», respondendo à «dentada de cão» de P. da Silveira aqui inserta a 31-10-78. Na sua carta, o articulista de «O Diabo», ao invés de responder com argumentos políticos ao ataque político que faço no meu artigo de 10-10-78 a um texto político da sua autoria, responde com insultos, meias-verdades e mentiras, próprias, aliás, do estilo «ataque pessoal» de que ele vem sendo cultor.

— Assim, esclareço:

— nunca fui «protegido de Ramiro Valadão», indivíduo que desconheço. O meu livro «Canto de Abril» foi de facto premiado pelo SNI. Eu — e mais ninguém — enviei para o concurso de manuscritos. Poderia acrescentar que, em 1968, era natural a um jovem açoriano, residente nas ilhas e sem de lá nunca ter saído, desconhecer o verdadeiro significado político dessa instituição do fascismo; e que, estimulado por opiniões elogiosas, entre as quais a de V. Nemésio e por ele também estimulado a concorrer, como forma prática de publicar o livro e obviar à inexistência no arquipélago de editoras. Acrescentaria isto não para me desculpar, porque hoje reconheço como estava errado;

— o prefácio da «Imagem Fulminante», incluído na colecção da Gávea, foi posteriormente retirado por iniciativa do autor do livro aquando do seu regresso de Angola. Mas, dos exemplares que ainda circularam com a folha referente ao prefácio, quem quisesse lia-o, lia o livro, e tirava conclusões;

— nunca fui colaborador assíduo do «Diário Insular». Por minha iniciativa aos 16 anos, publiquei nesse jornal (1964) um conto. De então para cá apareceram quatro poemas meus naquele diário, retirados de livros publicados. Foi esta a minha colaboração «assídua» em 14 anos!

«De passagem lembro que, em Fevereiro de 1973, o «Diário Insular», pela pena do seu director fez campanha — «S. Pedro: igreja ou centro de subversão?» — contra um grupo de que o signatário fazia parte que ali editava uma «folha informativa» e promovia recitais de poesia no centro paroquial com poemas, entre outros, de P. da Silveira.

«Seria ainda aquele jornal que em Agosto de 1975 participaria na campanha que levou à expulsão dos «comunistas» da ilha que, como eu, publicamente, em comícios e no jornal «O Traba-

lhador» combateram o separatismo por ele apoiado.

«Paga desta minha colaboração «assídua» seria «amesendarem-me» nas Caixas como afirma o articulista de «O Diabo». Da sua carta, é essa parte que efectivamente me atinge. Em 1965, de facto, concorri à Caixa de Previdência de Angra para me sustentar, a mim e a uma mulher viúva (borda-deira, minha mãe) e para em vez dos 600\$00 mensais que ganhava numa empresa, ganhar 1300\$00. Mas reparo que não va ela pena explicar porquê. Afinal, um «pobre cachorro mordedor» não se faria entender em coisas tão comesinhas como «miga-lhas», fome, sobrevida, etc. E porque o signatário acredita firmemente que «mais vale um cão raivoso/do que um carrão» como dizia uma canção em voga em 75 (S. Godinho).

«Colaborador assíduo fui-o, sim, do jornal «A União» no período 71-73 e do Rádio Clube de Angra (Abril a Agosto de 75). Dessa actividade jornalística, o que redigi e realizei responde por mim.

«Quanto à «desantologização» de que serei alvo, pequena vingança diabólica para minha honra, P. da Silveira ignora — ou desta vez, por conveniência, o mexerico doméstico do nosso arquipélago não funcionou — o manifesto que circulou nas ilhas pouco depois da saída da sua antologia. Confira os nomes que o assinam, indague dos mais que o subscrevem, e a sua antologia ficará reduzida a pouco mais de metade, isto é: aos idos e aos mortos-vivos!

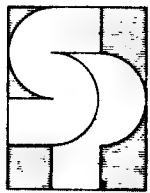
«Quanto ao «neocantifascismo», tão habilidoso se revela P. da Silveira na elaboração de «fichas de denúncia», que o remeto para os arquivos de quem, com igual perícia, as elaborava até 25 de Abril de 74. Para um investigador tão saudosos ao que parece, pelo estilo da sua carta, de tais métodos, esse exercício poderá alimentar-lhe a vocação.

«E lamento ter desperdiçado tanto espaço do jornal. O signatário nada mais tem a dizer a esta ou outras «dentadas de cão». Mas continuará a discutir o que se entende por literatura açoriana. E a denunciar, sempre que seja caso disso, o contrabando que dela se vai fazendo.

«Quanto ao resto: «os cães ladram...» e «cão que ladra...». Mas um «cão raivoso» pelos vistos morde mesmo!»

Entretanto o escritor Pedro da Silveira, contactado pelo «DL», fez-nos saber que não via interesse em trepilar a J. H. Santos Barros, motivo por que damos por encerrada esta questão.

PUB



SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os delegados e activistas sindicais para as seguintes reuniões de zona:

ZONAS	DIA	HORA	LOCAL
OCIDENTAL DE LISBOA	21 NOV	18	ESCOLA A MANUEL DA MAIA
ORIENTAL DE LISBOA	23 NOV	18	ESCOLA D. LUÍSA DE GUSMÃO
NORTE DE LISBOA, LOURES, MATRA E ODIVELAS	23 NOV	18	LICEU D. PEDRO V
LINHA DE SINTRA	23 NOV	21	LICEU DE QUELUZ
SETÚBAL	23 NOV	21	LICEU DE SETÚBAL
ALMADA-SEIXAL	23 NOV	10	FSC. EMÍDIO NAVARRO
SANTARÉM	23 NOV	21	DELEGAÇÃO DE SANTARÉM (Edifício do Seminário)

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1 — ANÁLISE DA SITUAÇÃO
- 2 — PREPARAÇÃO DO PLENÁRIO
- 3 — REORGANIZAÇÃO DAS ZONAS

PEL' A DIRECÇÃO
(Assinatura legível)



Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul
R. Rodrigues Sampaio 138-3 Telef. 576222-576347-576352 — LISBOA

ELEIÇÃO PARA OS CORPOS GERENTES PARA O BIÊNIO 79/80

AFIXAÇÃO DOS CADERNOS ELEITORAIS

RECTIFICAÇÃO

Concomitantemente ao que, por lapso, foi divulgado, os cadernos eleitorais referentes aos concelhos de Ferreira do Alentejo, Aljustrel, Moura, Barrancos e Serpa, Odemira e Mertola (dist.º de Beja), Reguengos de Monsaraz, Memão e Portel (dist.º de Évora), encontram-se afixados nos locais abaixo indicados:

DISTRITO	CONCELHO	LOCAL DE AFIXAÇÃO
BEJA	Ferreira do Alentejo e Aljustrel	Câmara Municipal de Ferreira
	Moura, Barrancos e Serpa	Repartição de Finanças de Moura
	Odemira	Casa do Povo de Odemira
	Mertola	Câmara Municipal de Mertola
ÉVORA	Reguengos de Monsaraz, Mourão e Portel	Escola Secundária de Reguengos

Lisboa, 20 de Novembro de 1978

A MESA DA ASSEMBLEIA C.R.A.

A bala: Sporting é 1.º

O Sporting foi o vencedor do primeiro Grande Concurso de Tiro da Cidade de Lisboa, na carreira de tiro do Estádio Nacional.

Em carabina (última prova) o Sporting totalizou 53 pontos, contra 46 da Sociedade de Tiro 2.º e 32 da equipa da Polícia de Segurança Pública.

Nas cinco provas referentes ao concurso o Sporting triunfou em todas, individual e colectivamente.

Resultados na Taça Cidade do Porto (carabina livre a 50 metros): 1.º Armando Henriques, Sporting, 389 pontos; 2.º Mário Ribeiro, Sporting 386 3.º Fernando Silva, EPAC, 385.

Por equipas: 1.º Sporting A, 1153; 2.º EPAC, 1137; 3.º Sociedade Tiro do Porto 1137.

Taça Atiradores do Porto (Carabina livre a 50 metros): 1.º Francisco Coelho, Sporting, 393; 2.º Pedro Vila Real, Sociedade Tiro do Porto 390; 3.º Raul Sayanda, Sociedade Tiro 2.389.

Por equipas: 1.º Sporting A 1555; 2.º Sociedade Tiro do Porto, 1491; 3.º PSP, 1456.

Taça Anfchutz (carabina a 10 metros): 1.º Fernando Carmo, Sporting, 373 pontos; 2.º José Martins, Naval, 1.º de Maio, 362; 3.º José Casquilho, Sporting, 359.

Por equipas: 1.º Sporting A, 1428; 2.º Naval 1.º de Maio 1378; 3.º Sporting B, 1293.

Taça Carlos Queiroga Tavares (carabina livre a 50 metros): 1.º Fernando Carmo Sporting, 394; 2.º Pedro Vila Real, Sociedade Tiro do Porto, 391; 3.º Fernando Silva, EPAC, 387.

Por equipas: 1.º Sporting, 1550; 2.º Sociedade Tiro do Porto, 1507; 3.º PSP, 1507.

Taça Comissão Educação Física e Desportos das Forças Armadas (carabina livre a 50 metros):

1.º Francisco Coelho, Sporting, 391 pontos; 2.º Fernando Carmo Sporting, 390; 3.º Mário Ribeiro, Sporting, 389.

Por equipas: 1.º Sporting, 1550; 2.º PSP, 1493; 3.º Sociedade Tiro do Porto, 1124.

Portugal organiza europeu júnior de voleibol

A fase final do próximo Campeonato da Europa de Júniores (de Voleibol) realiza-se em Portugal de 5 a 12 de Agosto de 1979.

Segundo apurou a ANOP junto do presidente da Federação Portuguesa da modalidade (Vieira Monteiro) esta prova está orçamentada em cerca de 4 milhões de escudos.

«O prejuízo, sem grandes optimismos de bilheteira, não deve ultrapassar os 800 contos, mas pode acontecer que a competição dê lucro, se o público corresponder ao apelo da Federação», acrescentou.

Vieira Monteiro adiantou que a organização conta com a colaboração da DGD: «No caso de se apurar um grande prejuízo, a DGD já nos deu a garantia de que cobrirá o mesmo até 400 contos.»

Disputam a fase final do Campeonato 12 equipas: Portugal (como País organizador), os cinco primeiros classificados do último «europeu», disputado há dois anos em Montpellier, França (Polónia, União Soviética, República Democrática Alemã, Checoslováquia e Jugoslávia) e mais seis países, provenientes das «poules» de pré-qualificação, que se efectuam alguns meses antes do Campeonato da Europa.

Nas «poules» de pré-qualificação apuram-se apenas os dois primeiros classificados. A primeira inclui a Roménia (organizador da «poule»), República Federal da Alemanha, Holanda e Áustria; a segunda integra a Finlândia (organizador), Itália, Bulgária e Israel; na terceira figuram a Espanha (organizador), França, Turquia e Bélgica.

Na fase final, a disputar-se em Portugal, formar-se-ão três «poules» de quatro equipas cada. Para a primeira (que se joga em Viana do Castelo) estão agrupados Portugal, RDA e mais dois das «poules» de pré-qualificação; na segunda (que se desenrolará no Barreiro) figuram Polónia, URSS e mais dois pré-qualificados; na terceira (que se efectua em Lisboa, em pavilhão ainda a designar) estão incluídos a Checoslováquia, Jugoslávia e

mais dois pré-qualificados.

A distribuição dos seis pré-qualificados pelos três grupos será sorteada em Portugal, em Junho do próximo ano. Os dois primeiros classificados de cada «poule» integram depois um grupo para se apurar do 1.º ao 6.º lugares. Os restantes participantes formam um outro grupo, com vista à escala da 7.ª à 12.ª posições.

A marcação dos jogos para os vários pavilhões está dependente da inspecção levada a cabo pelo coordenador-geral da Confederação Europeia de Voleibol (CEV), o suíço Schmied que, durante a sua estada em Portugal, teve uma reunião (na Casa do Desporto, no Porto) com todos os membros da FPV. Depois, visitou os pavilhões de Viana do Castelo e de Barcelos, e no dia seguinte o de Lisboa.

«Só depois dos resultados dessa inspecção é que poderemos escolher os pavilhões que melhor sirvam os interesses da organização, que se prendem não só com a respectiva lotação, mas também com o apoio financeiro das câmaras municipais, das Comissões Regionais de Turismo, da publicidade local e da própria Radiotelevisão, a quem já enviámos uma proposta de transmissão dos jogos, que pode ir de 300 a 600 mil escudos» — revelou Vieira Monteiro, sublinhando que a CEV concedeu à organização da prova condições muito especiais, «exigindo que cada país pague 20 francos suíços (cerca de 600 escudos) por pessoa e por dia, o que proporciona, logo à partida, uma receita líquida da ordem dos 900 contos, para além das despesas que as equipas pagarão à organização a troco de alojamento, o que significa que entram bastantes divisas no nosso país».

Interrogado sobre as perspectivas de se apurarem bons resultados nas bilheteiras, Vieira Monteiro respondeu que as receitas «tanto podem ser de 600 como de 1800 contos».

O presidente federativo frisou que o preço dos bilhetes deve rondar os 50 escudos: «Só para os jogos finais é que deverão subir para 100 escudos.» «Estes preços não são muito elevados, se atendermos que para se ir ao cinema ou ao teatro, hoje em dia, paga-se sensivelmente a mesma quantia.»

«A grande dúvida da Federação: será que o público portu-

guês vai corresponder efectivamente a esta grandiosa organização? Que ginástica não terá a Federação de fazer para que esse mesmo público aceite de bom agrado este espectáculo e saiba colaborar senão totalmente, pelo menos parcialmente? A Federação prevê assistências na ordem dos mil a 3 mil espectadores, embora tudo isto constitua um facto imprevisível, dependendo do comportamento da selecção portuguesa, que fará neste campeonato sete jogos.»

Os gastos com o alojamento das 228 pessoas ligadas à organização (192 elementos de 12 equipas), 2 coordenadores da CEV, 6 membros do júri da CEV, 6 membros da Comissão Especial de Arbitragem, 1 delegado da Comissão Organizadora da Confederação Desportiva Europeia, 1 juiz-árbitro e 20 árbitros está estimado em cerca de dois mil contos. Além disso, a Federação terá de despendar mais 180 contos com as viagens de todos os outros elementos da CEV, estando prevista a verba de 250 contos para as viagens regionais, que inclui a movimentação de todas as equipas.

A Federação Portuguesa é obrigada (ainda) a conceder 11 francos suíços (330 escudos) por pessoa e por dia, como dinheiro de bolso, a todos os elementos da organização, excepto para os jogadores.

Com o decorrer do campeonato, a organização conta ainda despendar 200 contos com alugueres dos pavilhões, e 50 contos com o material desportivo, acrescidos com mais 60 contos para prémios (taças e medalhas) e 100 contos para o conjunto das despesas da organização, não contando com as bolas, que devem ser oferecidas por uma firma da especialidade.

Relativamente à arbitragem, Vieira Monteiro frisou que devem estar em acção quatro juizes portugueses, dois deles (Casanova e Alcides Gama) já devidamente credenciados através do Curso de Formação de Árbitros Internacionais, realizado o ano passado em Palmar de Maiorca.

Antes da realização do campeonato da Europa de Júniores, mais dois árbitros nacionais vão participar num curso (que se realiza na Bélgica) e, no caso de ficarem aprovados, Portugal passará a contar com quatro árbitros.



A turma hóqueia do Sporting que, orientada por Júlio Renheiro, se apresentou perante o Belenenses (6-1).

MODALIDADES EM DESFILE

HÓQUEI PATINADO

Disputou-se a 8.ª ronda do «Torneio de Abertura» (1.ª Divisão de Lisboa) em hóquei patinado, com os seguintes desfechos: Parede, 4 - Sesimbra, 5; Cascais, 1 - Cuf, 4; Benfica, 1 - Oeiras, 3; Rolenses, 1 - Sporting, 6; Salesiana, 4 - Amadora, 5 e Paço de Arcos, 7 - Campo de Ourique, 7. A duas jornadas do termo da competição, encontram-se já qualificados para a fase final os «cinco» do Sesimbra, Benfica e Oeiras (Série A), Belenenses, Sporting e Cascais (Série B).

PESCA

No próximo dia 26, decorre no rio Pranto, o 23.º Concurso de Pesca Desportiva de Águas Interiores do Clube de Pesca de Coimbra, prova aberta a todos os pescadores inscritos nas associações de pesca desportiva. O concurso, que se iniciará às 9 horas e terminará com a recepção do pescado (às 15 e 30) será disputado individualmente (entre três categorias: geral, senhoras e juniores) e por clubes, na modalidade pesqueiros de livre escolha.

ATLETISMO

A pista de atletismo da Guarda será inaugurada a 8 de Abril de 1979. Na abertura oficial deste recinto desportivo devem participar equipas do Benfica, Coimbra, Sporting Clube de Portugal, Guarda e Salamanca (Espanha).

O recordista mundial de triplo salto, o brasileiro João Carlos Oliveira, manifesta o desejo de abandonar o atletismo, alegando falta de apoio das autoridades

governamentais do seu país.

Quero parar. O atletismo está prejudicando a minha vida. Só sirvo o atletismo e não tenho recebido apoio de nenhum lado, afirmou o atleta brasileiro.

João Carlos Oliveira é hoje em dia o único desportista brasileiro com aptidões para conquistar uma medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos e nas Olimpíadas de Moscovo.

O apuramento dos representantes do distrito da Guarda ao encontro de iniciados de atletismo dos distritos de Coimbra, Viseu, Aveiro e Guarda, decorrerá no próximo dia 10 de Dezembro, em Celorico da Beira. As provas a realizar englobam lançamento do peso, salto em altura e em comprimento e corridas. O encontro de iniciados de atletismo terá lugar em Coimbra, no dia 30 de Dezembro.

ANDEBOL

O árbitro Manuel da Cruz Abreu foi punido com uma advertência, pela Comissão Central de Árbitros de Andebol. Motivo: ter faltado ao jogo entre as equipas do Liceu de Oeiras e do Atlético de Madrid. Por seu turno, «por procedimento desonesto», foi irradiado o árbitro Carlos Magno Cândido Correia.

Os juizes Dulio Dias de Oliveira e Fernando de Jesus Rodrigues foram nomeados para o encontro entre o Macabry (de Israel) e o Atlético de Madrid (Espanha), a contar para os oitavos de final da «Taça dos Campeões Europeus» (seniores femininos).

"Leões" lutam bem

O Sporting conquistou quatro títulos no segundo torneio de principiantes de lutas amadoras, estilo livre olímpico, realizado nas instalações do ISEF, na Cruz Quebrada. União de Alagés e Atlético de Queluz classificaram-se a seguir, com três triunfos cada. O Lisboa Ginásio Clube alcançou duas vitórias e Belenenses, GIPA, Fonte Grada e Santa Engrácia averbaram os restantes primeiros lugares. Participaram 77 atletas em representação de 14 clubes.

Resultados em juniores (42 quilos): 1.º Carlos Feliz, União Alagés; 2.º Joaquim Peixoto, Galitos; 51 quilos: 1.º José Loureiro, União Alagés; 2.º Luis Carvalho, Belenenses de Queluz; 3.º Carlos Pinto, Belenenses de Queluz; 55 quilos: 1.º Sebastião Luango, Santa Engrácia; 2.º Joaquim Ferreira, GIPA; 3.º Fernando Di-

delet, Belenenses; 59 quilos: 1.º Júlio Carvalho, Sporting; 2.º Fernando Santos, União Pontinha; 3.º Carlos Neves, Atlético Queluz; 63 quilos: 1.º João Cardoso, Sporting; 2.º Rogério Leão, Atlético Queluz; 3.º Luis Fonseca, Fonte Grada; 68 quilos: 1.º Nuno Godinho, LGC; 2.º Manuel Inácio, GIPA; 3.º Henrique Seguro, GIPA; 73 quilos: 1.º Paulo Ramos, LGC; 2.º Arlindo Machado, Fonte Grada; 3.º Jorge Ferreira, Atlético Queluz; 78 quilos: 1.º Alberto Varanda, Atlético Queluz; 2.º Luis António, Belenenses; mais de 78 quilos: 1.º Joaquim Alfordel, Belenenses Queluz; 2.º Joaquim Soares, GIPA; esperanças: 57 quilos: 1.º Luis Freitas, GIPA; 2.º Fernando Ramos, GIPA; 3.º Diamantino Pinto, Belenenses Queluz; 62 quilos: 1.º Amadeu Araújo, Belenenses; 2.º Luis Nogueira, Sporting; 3.º Sérgio Gonçalves, Galitos; 68 quilos: 1.º Carlos Gomes, Sporting; 2.º João Agostinho, Sporting; 3.º Jorge Tavares, Galitos; 74 quilos: 1.º Sérgio Silva, Fonte Grada; 2.º António Neves, Santa Engrácia; 3.º João Machado, GIPA;

Seniores 62 quilos: 1.º António Abreu, Sporting; 2.º Carlos Rodrigues, Santa Engrácia; 3.º Américo Rocha, Sporting; 62 quilos: 1.º Florival Mendes, Alagés; 2.º Joaquim Gaspar, Sporting; 74 quilos: 1.º António Quintas, Atlético Queluz; 2.º António Luia, Atlético Queluz.



Também em basquetebol: Benfica bate o Sporting

O Benfica venceu o Sporting (91-84) para o campeonato de basquetebol de Lisboa, em emocionante jogo disputado no pavilhão da Ajuda. Agora, aos «encarnados» ficam a bastar dois triunfos nos encontros que se seguem, para revalidarem uma posse que estava a ser muito contestada e sofreu (até) o ataque da desfortuna, quando do gravíssimo acidente que o «cinco» da Luz sofreu quando se deslocava para o torneio de Alcochete. Mas o Benfica aí está: Bruce, Hoeland, Parente, José Coelho, José Carlos, António Coelho, Jorge Coelho e Galante voltam a dominar o «encestamento» lisboeta.

CICLISMO

Festa do Voz do Povo

Integrada nas comemorações do 4.º aniversário do jornal «Voz do Povo» realizou-se entre a Moita e o Barreiro, numa distância de 10 km, uma prova popular de ciclismo que contou com a participação de Belmiro Silva.

Inscreveram-se (além do vencedor da «Volta»-78) 120 ciclistas entre eles velhos, mulheres e muitas crianças de 9/10 anos.

Presentes equipas do CURVAS F.C. (Setúbal), Sporting Lavradiense, e ainda de Alhos Vedros, Buraca, Baixa da Banheira e Moita.

A título individual compareceram também ciclistas do Cacém e Alcácer do Sal. Igualmente correram alguns veteranos e esteve presente António Augusto Carvalho (vencedor da 1.ª «Volta», em 1927) que à partida vestiu a camisola «Voz do Povo» a Belmiro Silva.

Os ciclistas demoraram 36m 10s a percorrer a distância à média de 16.589 km/HORA. Durante o percurso milhares de pessoas distribuíam-se pela estrada incitando os ciclistas (em especial Belmiro Silva) e dando o seu apoio a uma iniciativa que juntou grande número de praticantes de uma modalidade de

tão velhas tradições no nosso país. E como é normal em ciclismo, alguns concorrentes tiveram os seus percalços. Desde quedas colectivas (felizmente sem gravidade) ou correntes a saltar, até alguns atrasados (o «carro vasoura» chegou com 7 ciclistas) e houve de tudo um pouco.

Classificação: 1.º Rui Ribeiro (Buraca); 2.º — Carlos Jorge (Barreiro); 3.º — Manuel Teixeira (veterano — DIMOP). O pelotão chegou ao mesmo tempo. Como curiosidade registre-se que Belmiro Silva, (grande animador de toda a prova) «deu o jeito» e entrou em 33.º lugar. Milhares de pessoas desceram, à rua para dar o seu apoio ao desporto de massas.

ESQUENTADORES

5 LITROS 2490\$

10 LITROS 5290\$

RÁDIO PRIMAVERA

Rua Gomes Freire, 9-B
Lisboa - T. 549406 574042

Pintor de Automóveis

Oficial competente,

precisa-se

Telef. 835791-844725

FUTEBOL

Marítimo lavra protesto contra César Correia

Uma vez mais o árbitro algarvio César Correia é fulcro de díspares atenções. Desta feita é o Marítimo que vai confirmar o protesto exarado no boletim do seu jogo, domingo último, nos Barreiros. Um golo invalidado a Arnaldo, perto do fim do encontro com o Académico de Coimbra, depois de ter sido publicamente reconhecido como legal (pelo próprio juiz) com decisão alterada por interferência posterior de um fiscal de linha, está na base dos protestos madeirenses, hoje apresentados (oficialmente) na Federação.



Arnaldo: golo invalidado a este homem «incendiou» o Funchal

SALAO NA TAPADINHA

No pavilhão gimnodesportivo da Tapadinha prossegue o torneio de futebol de salão organizado pelo Atlético Clube de Portugal com a participação de 800 atletas. O elevado número de inscrições levou a organização a distribuir as 80 equipas (representando clubes, bairros ou firmas comerciais) em 8 séries. A conclusão do torneio está prevista para Janeiro do próximo ano.

ALTERAÇÕES NO CARTAZ

Embora apenas dizendo respeito a jogos das divisões secundárias (o campeonato maior é travado devido ao trabalho das seleções) há várias alterações no previsto calendário do próximo fim-de-semana futebolístico.

Assim no próximo sábado, realiza-se o Feirense-União de Santarém (15 horas) e o Farense-CUF (15.30). Para o campeonato da 3.ª divisão: Anadia - «Os Vilaovenses» (15.30) e União da Madeira - Alverca (16 h).

TOTO BOLA

LEIXÕES - PENAFIEL	X
G. VICENTE - SALGUEIROS	X
LOUROSA - CHAVES	X
FAFE - ESPINHO	X
COVILHÃ - MARINENSE	X
CALDAS - PENICHE	X
TORRIENSE - U. LAMAS	X
E. PORTALEG. - U. TOMAR	X
FARENSE - CUF	X
O ELVAS - NACIONAL	X
MONTIJO - ATLÉTICO	X
ODIVELAS - JUVENTUDE	X
PORTIMON. - OLHANENSE	X

Também o Campeonato Nacional de Juniores, terá jogos no próximo sábado: Lourosa - Ton-dela, Alcains - Alverca, Alter - Al-ferrarede, (às 15 h); Mortágua - Espinho, Candal - Vildemoinhos, União de Santarém - Campomaio-reense (15.30), Lusitano de Évora - Portimonense, (16 h) e o Benfica - Setúbal (18 h).

Ainda do «nacional» da 2.ª divisão, o jogo Paços de Ferreira - Vianense, terá lugar no Campo Abel Figueiredo (em Santo Tirso), às 15 h, e o encontro de juniores, V. Guimarães - Boavista, realizar-se-á no domingo, no Estádio Municipal de Guimarães (às 11 h).

Ainda a contar para o «nacional» de juniores, o encontro Belenenses-Sporting, efectuar-se-á no domingo (11 horas) no campo de treinos do Restelo.

«ESPERANÇAS» PORTUGUESAS

A Federação convocou 15 jogadores para a selecção de «esperanças» que, no próximo dia 22, defronta a sua congénere escocesa, no Estádio do Restelo. O maior contingente de jogadores chamados aos trabalhos da selecção pertence ao Barreirense, com os elementos.

Os futebolistas são os seguintes: Barreirense — Jorge, Carlos Manuel e Araújo; Sporting — Ademar e Cerdeira; Vitória de Setúbal — Silvano e Francisco Silva; Benfica — Jorge e Pereirinha; Marítimo: Olavo; Estoril Praia — José António; Leixões — Folha; Portimonense — Nelson Moutinho; Braga — Fontes; Farense — Tobica.

SETÚBAL INCLINEMENTE

Em matéria disciplinar, o Vitória de Setúbal não se deixa ficar nas covas: por incidentes verificados durante um estágio da sua turma de profissionais (antes do encontro com o Belenenses) acaba de rescindir o contrato «com justa causa», com o excelente centro-campista Mário Ventura, ao mesmo tempo que pune com 12 dias de suspensão o jovem José Luis, esta temporada transferido para os sadinos.

DISCIPLINA NA ALEMANHA

O «internacional» alemão Mueller foi suspenso por oito semanas, pela Comissão de Disciplina da Federação de Futebol da RFA. Hansi Mueller fora expulso, em 11 de Novembro, por agressão durante um desafio do campeonato entre o seu clube, o VfB Stuttgart, e o Bochum.

O conhecido «internacional» não poderá, deste modo, participar no desafio entre a selecção do seu país e a da Holanda, a 20 de Dezembro. Tão pouco alinhara nos desafios do campe-

onato alemão das jornadas compreendidas entre 12 de Novembro e 6 de Janeiro.

VIOLENCIA EM ESPANHA

Num desafio de futebol disputado, no domingo, nas Canárias, registaram-se cenas de violência que se saldaram por dois feridos, um espectador atingido por uma bala perdida e um polícia vítima de traumatismo craniano.

O caso registou-se durante o desafio entre o Castillo e o Nuevo Club, na segunda parte do jogo, quando o árbitro expulsou um jogador do Castillo, que jogava em casa. O público (furioso) invadiu o terreno de jogo, com a intenção de agredir o árbitro, pelo que a polícia se viu forçada a disparar alguns tiros para o ar. Uma das balas, porém, atingiu um espectador no ventre. O ferido encontra-se em estado grave.

PÚBLICO FOGE

Depois de conquistar o Campeonato do Mundo, o futebol argentino conseguiu agora novo feito: o recorde mundial da menor assistência a um jogo — apenas quatro espectadores.

O novo máximo, ou mínimo, foi batido durante o desafio entre o Comunicaciones e o Lujan, para o grupo «C» da 1.ª divisão. Nas bilheteiras ficaram 202 escudos e cinquenta centavos e nas bancadas os quatro espectadores que, para além do isolamento que os rodeava, tiveram ainda que suportar a forte chuva que desabou sobre o estádio.

Entre jogadores, árbitros, apanha-bolas, treinadores, dirigentes e suplentes estiveram ao todo em campo, 44 pessoas.

Este recorde é exemplo vivo da situação que se vive no futebol argentino. As assistências aos desafios diminuem assustadoramente, salvando-se apenas nas cidades do interior, onde o público tem sempre a esperança de ver a sua equipa vencer as grandes formações da capital.

Segundo estatísticas apuradas o número médio de espectadores nas cidades do interior, é de cerca de 18500 pessoas, enquanto que em Buenos Aires, não atinge as cinco mil.

SENINHO FAZ GOLO

O português Seninho, foi o autor do segundo golo do Cosmos (de Nova Iorque) frente ao Boca Juniors, embora a sua equipa tenha sido derrotada por 4-2. Os argentinos foram superiores ao longo dos 90 minutos e a vantagem final no marcador poderia ter sido bem mais ampla. Marcaram pelo Boca Juniors: Perrotti (2), Zanabria e Salinas, enquanto Chinaglia (de grande penalidade) e Seninho assinaram

os tentos da equipa campeã dos Estados Unidos.

De salientar (ainda) a excelente exibição de Franz Beckenbauer, de quem a crítica diz não ter perdido as qualidades que o tornaram num dos melhores futebolistas do Mundo.

Na sua digressão, pela Argentina, o Cosmos realizou já quatro jogos, ganhando um, perdendo outro e empatando por duas vezes.

O Cosmos (de Nova Iorque) perdeu por 2-0, com uma selecção de La Paz, num jogo de fraco nível frequentemente pateado pelos 27.000 espectadores. A equipa norte-americana foi inteiramente dominada pela formação boliviana, não mostrando talento para desfeitar a defensiva contrária. No termo do encontro, os espectadores continuaram a vaiar o Cosmos.

RIVER PLATE DESPEDE CAMPEÕES

Dois dos jogadores que integraram a selecção argentina campeã do Mundo, foram colocados na listas de transferências do River Plate. Trata-se de Daniel Passarella e Leopoldo Luque que juntamente com outros sete futebolistas, deixarão a equipa até ao fim do ano.

JUVENTUS ESTÁ VELHA

O presidente da empresa automobilística Fiat e «patrão» da Juventus, Giovanni Agnelli, afirmou que a sua equipa, campeã de Itália da última temporada, «está velha» e que, por isso, as perspectivas para este ano «são bastante negras».

A Juventus empatou, no domingo com o Torino (a uma bola) no «derby» de Turim, e continua numa posição medíocre na classificação geral, com nove pontos em oito jornadas, a quatro dos comandantes (o Milão e o Perugia).

«Basta ver a idade dos nossos jogadores para nos darmos conta de que a Juventus é uma equipa velha, que necessita urgentemente de ser renovada» manifestou Agnelli.

Na formação que defrontou o Torino, a Juventus apresentou cinco jogadores com mais de trinta anos: o guarda-redes Dino Zoff (36), Furino (33), Bonin-



Entre a alegria de Zandonade, o semblante carregado de Cerdeira, Bastos e Murça, lá foram até França 18 jogadores do Sporting que, em encontros particulares, actuam hoje perante o Rouen (da 2.ª divisão do futebol francês) e na 5.ª feira num cortejo com o Paris St. Germain. Seguiram viagem os seguintes futebolistas: Botelho, Artur, Bastos, Meneses, Inácio, Cerdeira, Ailton, Ademar, Manoel, Manuel Fernandes, Keita, Valtor, Murça, Zandonade, Mota, Freire, Vítor Manuel e o recém-júnior Baltasar.

segna (35), Morini (34) e Cuccureddu (30).

Este problema afecta, por extensão, a selecção italiana de futebol, pois a Juventus é a base da equipa orientada por Enzo Bearzot.

PIOT DIZ ADEUS

Após cinco intervenções cirúrgicas em 18 meses, abandona o futebol Christian Piot, um dos melhores guarda-redes europeus e glória do futebol belga. Uma lesão no joelho esquerdo poderá deixá-lo coxo para o resto da vida.

Titular indiscutível do Standard de Liège, Piot disputou entre 26 de Setembro de 1967 e 23 de Novembro de 1977 um total de 474 jogos, 40 dos quais pela selecção belga e um pela selecção da Europa.

Um pormenor curioso: ele próprio um excelente guarda-

redes, era além disso um eticentíssimo marcador de grandes penalidades. Não falhou um único dos 31 que marcou ao longo da sua carreira, e uma vez transformou três num só jogo (perante o Malóe, da Suécia).

Retirado do futebol, Piot dedicou-se à agora ao estabelecimento de venda de jogos e artigos religiosos que possui.

GARRIDO EM FRANÇA

António Garrido (acompanhado por Mário Luis e Castro e Sousa) dirige amanhã a partida Estrasburgo-Duisburgo, em França, para a Taça UEFA.

DISTINÇÃO

O presidente federativo dr. António Marques foi nomeado membro da Comissão de Recursos da FIFA.



Penafiel, um dos comandantes da zona nortenha da 2.ª divisão, tem tarefa difícil no próximo fim-de-semana: viagem até ao Estádio do Mar, onde a turma do Leixões (dirigido por Hilário) é «osso duro de roer»

Maracanã: o triste pio

O Estádio «Maracanã» (do Rio de Janeiro) o «templo do futebol mundial», construído há 28 anos, com capacidade para 200 000 espectadores, entrou numa lenta «agonia», que pode levá-lo à «morte» dentro de dois anos. Os estudos realizados indicam que o «maior estádio do mundo» só se enche duas ou três vezes por ano, pelo que se torna ruinoso para as finanças dos clubes «cariocas» que o mantêm.

O «Maracanã», construído propositalmente para o campeonato do Mundo de 1950, é administrado pelo Estado do Rio de Janeiro e os seus enormes encargos de funcionamento derivam de impostos e descontos nos bilhetes, que chegam a 25 por cento do total.

A abertura do «Maracanã» para a realização de um jogo de futebol representa, um encargo de 20 000 dólares (cerca de 900 contos) que dificilmente fica coberto em 80 por cento dos encontros que ali se disputam. Os gastos compreendem os salários para mais de 300 pessoas, além da manutenção do campo de jogo e demais instalações, e

luz artificial. O «luxo de jogar-se no Maracanã» converte-se num enorme prejuízo para as depauperadas finanças dos principais clubes do Rio de Janeiro.

Alguns emblemas cariocas já deixaram de utilizar o «maior estádio do Mundo», passando a servir-se de campos com uma capacidade inferior, mais de acordo com a quantidade de pessoas que assistem aos espetáculos. Dos mais poderosos, o Vasco da Gama passou a utilizar o seu estádio «São Januário», com capacidade para 35.000 pessoas, evitando deste modo o uso do «Maracanã», salvo para os encontros considerados clássicos. Outro «grande» do futebol carioca, o Botafogo, imitou o rival: vai inaugurar o seu próprio recinto nos arredores, a 35 quilómetros do Rio de Janeiro, o estádio terá capacidade para 30.000 pessoas.

No passado domingo, o modesto Campo Grande inaugurou também o seu estádio, para 20 000 pessoas. O Flamengo, por seu turno, adquiriu um estádio em Niterói (um bairro do Rio de Janeiro) onde projecta reali-

zar obras de ampliação, para que a sua capacidade ronde os 30 000 espectadores.

Também o Fluminense, colocado entre os «grandes», comprou um terreno na Barra de Tijuca, a 20 quilómetros do centro, para levantar um estádio para 40 mil pessoas.

Se prosseguir esta política, o Rio de Janeiro terá, na próxima temporada, mais de dez estádios aptos para partidas da 1.ª divisão, o que representa o golpe de misericórdia no monopólio do «Maracanã».

A nova tónica mundial em matéria de espetáculos futebolísticos está em construir estádios cuja capacidade oscile entre os 30 000 e 40 000 espectadores e, como é evidente, os clubes brasileiros perfilham dessa alternativa. Sendo assim, que se fará com o «gigante?» os dirigentes desportivos brasileiros são da opinião de que o «Maracanã» deve ser utilizado cinco a seis vezes por ano, somente para os grandes acontecimentos, como sucede com o «templo do futebol», o Estádio de Wembley, de Londres.



Elvas bate o Atlético na Tapadinha: um pequeno «escândalo»

ROTEIRO CULTURAL

Todos os nossos leitores, sejam quais forem os seus interesses, têm hoje um dia em cheio já que estão previstas actividades de todas as naturezas, que vão da inauguração de exposições de pintura a «festivais cinematográficos», passando por recitais de piano. Como não podia deixar de ser, este Roteiro Cultural está de parabéns, já que não tem outro objectivo senão o de contribuir para o enriquecimento da vida dos portugueses, e enriquecer a vida dos portugueses é precisamente proporcionar-lhes a possibilidade de alargar o seu mundo cultural, integrando-os na maravilhosa aventura da vida.

A Galeria 111, que durante anos desempenhou um papel extremamente importante na divulgação dos artistas portugueses, e que foi, também durante anos, um dos locais de reunião preferidos pelos homens do sector das Artes Plásticas, reabre hoje, com o prestígio de sempre, para apresentar ao público quadros de Paula Rego e de Nikias Skapinakis. A reabertura da 111, como sempre orientada pelo Manuel Brito, que soube criar e manter não apenas uma galeria de arte de incontestável qualidade

mas também uma das raras livrarias onde os interessados conseguiram adquirir livros tidos por perigosos durante o «ancien régime», reveste-se de grande interesse e vai, certa e justificadamente, atrair ao Campo Grande muitos dos nossos leitores. Nikias Skapinakis e Paula Rego não carecem de apresentação, mas voltaremos a eles e a esta exposição nos próximos Roteiros. Entretanto, e para os nossos leitores mais jovens que não acompanharam o evoluir das Artes Plásticas portuguesas nos últimos anos, esclarecemos que a 111 fica no Campo Grande, 111.

Noventa e sete espécies bibliográficas, retratos e caricaturas de Eça de Queiroz figuram numa exposição hoje patente ao público na Biblioteca Nacional, a partir das 18 horas.

Esta exposição é organizada a propósito do centenário da edição de «O Primo Basílio», cujo manuscrito estará também patente ao público. Recordamos que o manuscrito da primeira versão de «O Primo Basílio» se intitulava «O primo João de Brito». Trata-se, incontestavelmente, de uma exposição que esperamos venha a interessar muitos dos nossos leitores. A fim de proporcionar ao público mais informações sobre este romance e o seu autor, a prof.^a Maria Lúcia Lupecki proferirá uma conferência na Faculdade de Letras subordinada ao tema «Eça de Queiroz e o primo Basílio».

Outra exposição bibliográfica que abre hoje as suas portas ao público é a «Urban Environment Book Exhibit», composta por

cerca de 250 obras relacionadas com problemas de urbanização e de conservação do ambiente urbano. Trata-se de uma iniciativa do Centro do Livro Brasileiro e da Embaixada dos Estados Unidos da América. Local: Rua Rodrigues Sampaio, 30-B.

É hoje inaugurada a «Semana de Solidariedade com Timor Leste» na Sociedade Nacional das Belas-Artes, às 21 horas. Esta exposição figura no noticiário do Roteiro, que tem objectivos especificamente culturais, por se destinar a proporcionar ao público a possibilidade de conhecer a vida e a cultura de Timor-Leste e de se integrar num programa de que fazem parte acontecimentos de carácter cultural, como por exemplo o lançamento de um disco de cantares populares desse território.

O cinema Quarteto celebra hoje o seu terceiro aniversário, e celebra-o como convém a um cinema, isto é, proporcionando aos seus frequentadores uma «festa cinematográfica» com a projecção de 10 filmes de realizadores que a revista «Sight and Sound» considerou «os melhores de sempre». Serão projectados neste festival «História imortal» (Orson Welles), «A grande ilusão» (Jean Renoir), «A máscara» (Ingmar Bergman), «Viridiana» (Luis Buñuel), «O couraçado Po-



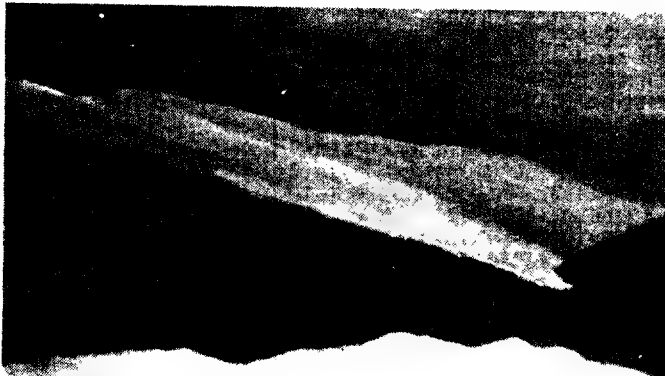
Uma cena do filme «Deserto Vermelho», que será projectado hoje no Quarteto

temkine (Eisenstein), «O homem que matou Liberty Valance» (John Ford), «O desprezo» (Jean-Luc Godard), «O general» (Buster Keaton), «Fellini 8 1/2», (Federico Fellini) e «Deserto Vermelho» (Antonioni). O espectáculo, ou melhor a festa, começou às 14 e 30

Começou hoje o I.º Encontro de Teatro Profissional para Crianças, que abre com a representação da peça infantil «Zé Pimpão, João Mandão e os sapatos feitos à mão», que a Companhia de Teatro de Animação de Setúbal levou à cena, às 10 e 30, no palco do Teatro da Cornucópia. À mesma hora o grupo «O Bando» levou à cena na «Barraca» o original «O pastor». Às 15 horas estará na «Barraca» o Grupo de Teatro do Nosso Tempo com a peça «um...dois...três...

cinco histórias de cada vez...», enquanto o TAS repete, na Cornucópia, a peça posta em cena de manhã. Escritores infantis, psicólogos, actores e encenadores estarão reunidos à noite para um debate subordinado ao tema «Objectivos do teatro para crianças». O debate terá lugar na «Sala Manuela Porto».

Outra exposição de pintura que abre hoje as suas portas ao público, e que merece uma visita dos nossos leitores, é a de Mário de Oliveira, inaugurada às 22 horas na Galeria Tempo. Mais não dizemos sobre esta exposição porque a falta de espaço nos impede de o fazer, mas voltaremos a ela num dos próximos Roteiros. Lembramos aos nossos leitores que a Galeria Tempo fica na Rua de S. Mamede, 17-A.



Um quadro de Mário de Oliveira, que figura na exposição hoje inaugurada na «Tempo»

“Overdose” mata filho de Paul Newman

LOS ANGELES, 21 — (R) — Um filho do actor de cinema Paul Newman faleceu em Los Angeles, vítima do que a polícia afirmou ter sido aparentemente uma sobredose accidental de «Valium» e álcool.

Allan Scott Newman, de 28 anos, foi transportado do quarto de um hotel para o hospital onde chegou sem vida.

A Polícia declarou que uma clínica, que não identificou, recebeu uma chamada de Newman. Um membro do pessoal deslocou-se ao quarto do hotel e verificou que ele tinha dificuldade em respirar, chamando uma ambulância.

Allan Newman era duplo cinematográfico antes de se tornar actor em tempo parcial, usando o nome de William Scott. Contracenou com o pai na película «Torre do Inferno».

O jovem Newman era um dos três filhos nascidos do casamento do actor com a sua primeira mulher, Jackie Witte. Depois do divórcio Paul Newman consorciou-se com a actriz Joanne Woodward, em 1953.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo ou pouco nublado, o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro em algumas regiões a Norte do Tejo

TEMPERATURAS DO AR

ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	8°
BRAGANÇA	5°
VILA REAL	6°
PORTO	9°
P. DOURADAS	6°
COIMBRA	11°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	10°
ÉVORA	10°
SINES	14°
BEJA	10°
SAGRES	-
FARO	13°
PONTA DELGADA	17°
FUNCHAL	20°

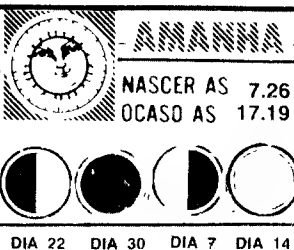
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.55 3,5 m 0.00 1,7 m	19.27 3,2 m 12.39 1,7 m
Dia 22	
7.47 3,3 m 0.52 1,8 m	20.29 3,1 m 13.41 1,8 m
Dia 23	

8.53 3,2 m 2.01 1,9 m	21.41 3,1 m 14.56 1,8 m
-----------------------	-------------------------

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco; neblinas locais pela madrugada; formação de geada nos locais abrigados do interior e do Norte e Centro.



rádio

1.º Programa

18.10 Hoje respondemos por música, por António Vitorino de Almeida — orquestras; 19.00: Poemas e poemas — música portuguesa; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Conjuntos; 21.00: 43.º episódio do folhetim «O Monte dos Ventos Ulivantes», de Emily Brontë, numa adaptação de Pedro Pinheiro; 21.20: Contraponto; 24.00: Último jornal; 00.20: Jazz; 00.30: Vozes na noite; 01.00: Música na noite (RDP/Centro)

2.º Programa

18.00: Semana Schubert; 19.00: Música portuguesa; 20.00: Ciclo Haydn; 21.25: Semana Schubert; 22.30: O gosto pela música, pelo dr João de Freitas Branco; 23.00: Intercâmbio musical; 00.23: Música de Mozart; 01.00: Fecho

3.º Programa Nacional e Local (294m)

18.00 Vertical; 18.20: Prevenção e saúde, pelo dr José Matilides; 19.05: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 19.30: Vertical-trânsito; 20.15: Vertical-filatélico, por Carlos Oliveira; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Quando o telefone toca; 23.05: Novas de alegria; 24.00: Suplemento (continuação) 00.05: Suplemento desportivo por Jorge Schnitzer; 00.15: Dia a dia com o passado; 01.05: Tempo internacional; 02.00: Fecho

3.º Programa Local (187,5m)

16.00 Convite; 18.00 Compasso; 18.15 Sal e pimenta (repetição); 18.45 O que não leu; 20.40 Serviço de agenda; 21.00 Fecho.

4.º Programa Emissão Total em Estereofonia

16.00 Gong; 19.00: Em órbita; 20.00: Fórum, realização de Jorge Lopes; 22.00: Auditório; 00.00: Prisma realização de Fernando Quinas — O Homem no Tempo programa de antropologia, produção de João de Sousa Monteiro e João David Nunes; 02.00 Fecho

RADIO RENASCENÇA

18.08 Apelos; 18.15 Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30 Transmissão do terço da Igreja de S. João de Brito; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00 Objectivo 20.54 Apelos; 21.05 Curso de Língua Alemã; 21.30: Ao encontro da grande música; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.30 Dicionário de economia; 23.55 Fecho

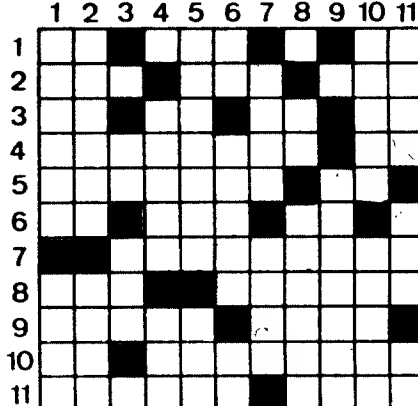
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 12 195

HORIZONTAIS:

- Artigo indefinido. Período de 24 horas. Artigo definido Ruum.
- Saia frequentemente à rua. Maior Catedrais
- Zomba Betele (inv.) Seguia. Nosso Senhor
- Sofremos. O sono das crianças.
- Dissiparas Post Scriptum
- Artigo definido. Tempo do verbo ir. Autores.
- Familiar.
- Tritura. Costumaram.
- Carrego Nome de algumas tribos indígenas do Brasil. em Jato Grosso.
- Seguia. Encerariam.
- Apelido Tosto.



VERTICAIS:

- Ave, o mesmo que pega. Em mais alto grau.
- Em excesso (pl.). Reida Baviera que atacado de loucura foi encarcerado no castelo de Fustenberg.
- Tempo do verbo ser. Artigo indefinido. Claramente Artigo definido.
- Limpo metais Coragem.
- Soluçaram. Olá.
- Preposição e artigo. Sugues o leite materno. Pertences
- Curso de água natural abundante (pl.) Chinela (prov.).
- Artigo definido. Inflamara.
- Adejaia
- Excepto (prep.) Moradas
- Queimo Semelhança Moderato.

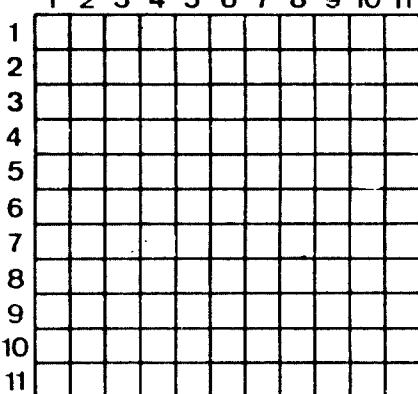
Resolva completamente este problema?

Procu e agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8.255

HORIZONTAIS:

- Estacionar. Em má hora (ant.).
- Esteiros. Aduzir em defesa.
- Gorjeira.
- Cova. Pega.
- Transferir para outro dia. Fruto da azeit.
- Rio da Suíça. Mercê.
- Rebolal. Espécie de mangueira do Gabão.
- O mais. Prefixo de privação. Erbio (s.q.).
- Ceifaras. Acreditada.
- Nome de réptil. Rasgada.
- Arara. Canto em coro.



VERTICAIS:

- Testemunho. Fruta seca
- Nesse lugar Nome de mulher Tragesia de Shakespeare
- Batráquio Lugar Grande.
- Campeão Ilha do Pequeno Belt Preposição latina que designa movimento
- Unidade monetária italiana (pl.)
- Altar cristão Gálio (s.q.) Preposição e artigo definido
- Aplananas
- Nome de mulher Letra grega
- Nome de letra Ferro temperado Coragem
- Oportunidade Descerrada
- Em má hora. Praia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 194

HORIZONTAIS:

- A MULHER Ac
- Taipa Susia
- Amuavam Ero
- Sa Amas As
- Gamar
- Anai Pico
- Rast. Canos
- Oreano Gús
- Ar At Ale
- Urraram Ao
- Eia! Sara SS

VERTICAIS:

- Atascar QUE
- AMA NAO Ri
- Mu Cascara
- Upa Altera
- lavam Ao Rs
- Amal Naia
- Esmar Colar
- Ro Pa Ma
- SE VINGA
- Ara Coaras.
- Caos Osseos

Proverbo: A mulher que ama, não se vinga

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 254

HORIZONTAIS:

- Alice Caldo
- Mata Bari
- Goa. Cor
- Dacar. Apago
- Arara Leras
- Aso Ado
- Março Melao
- Anda Ragu
- Roi Saa Vir
- Osaca Adora

VERTICAIS:

- Amada Amaro
- La Ará Anos
- Itaca Ardia
- Ca Arisca
- Gra Oo. Sa
- fo Ba
- Aa! Am Aa
- Ab Perder
- Laçar Olavo
- Drogas. Agir
- Oiros Moura

Cinemas

Lisboa

TURNO 17

Até às 22 horas

ALIANÇA — Av. Almirante Reis, 145-B-C Tel. 570487. **ALMEIDA** — R. Silva Carvalho, 136. Tel. 661726. **BRISALIA** — Av. Rio de Janeiro, 86-66-A. Tel. 722368. **CANTO** — Estr. das Laranjeiras, 202-B. Tel. 780841-788904. **CARDOTE, LDA.** — Av. Visconde Valmor, 28-A. Tel. 772291. **ELMA** — Rua D. Maria Pia, 358-A. Tel. 686176. **HIGIENE** — Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43. Tel. 310026. **IDEAL** — Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A. Tel. 892803. **INTERNACIONAL, LDA.** — Rua Azeite, 228. Tel. 360203-322017. **LABOR** — Rua de Notícias, 81. Tel. 323428. **LIDIA DE ALMEIDA** — C. da Ajuda, 170. Tel. 637318. **MARLUZ** — C. da Picheleira, 140-B-C. Tel. 720703-728395. **MARTINS, LDA.** — R. Fernão de Magalhães, 33. Tel. 849448. **MICHAEL** — Rua de S. Bento, 380-382. Tel. 662162. **MONTE (do)** — R. Senhora do Monte, 30-A-B. Tel. 867842. **MORGADO LOURENÇO** — L. D. Estefânia, 4-5. Tel. 54808. **PAIVAS & PARENTE** — Rua de Santo António à Estrela, 96. Tel. 665196. **PATULEIA, HERD.** — Alameda das Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790372. **PINTO** — Rua de Campolide, 11-A. Tel. 682610. **ROMA** — Av. de Roma, 85-B. Tel. 772466. **SANTA CRUZ** — Av. Gomes Pereira, 34-A. Tel. 704828. **SANTA LUZIA** — Rua da Saudade, 2-B. Tel. 869831. **S MIGUEL** — P. Francisco de Moraes, 1. Tel. 771469. **VIEIRA ROSA** — Rua Prior do Crato, 74. Tel. 660187.

Permanente

CARDOTE, LDA. — Av. Visconde Valmor, 28-A. Tel. 772291. **CANTO** — Estr. das Laranjeiras, 202-B. Tel. 780841-788904. **INTERNACIONAL, LDA.** — Rua Azeite, 228. Tel. 360203-322017. **MARLUZ** — C. da Picheleira, 140-B-C. Tel. 720703-728395. **MORGADO LOURENÇO** — L. D. Estefânia, 4-5. Tel. 54808. **PAIVAS & PARENTE** — Rua de Santo António à Estrela, 96. Tel. 665196. **PATULEIA, HERD.** — Alameda das Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790372. **MICHAEL** — Rua de S. Bento, 380-382. Tel. 662162. **PINTO** — Rua de Campolide, 11-A. Tel. 682610. **SÃO MIGUEL** — P. Francisco de Moraes, 1. Tel. 771469. **VIEIRA ROSA** — Rua Prior do Crato, 74. Tel. 660187.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA — Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). **COVA DA PIEDADE** — Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 270121). **LARANJEIRO** — A. Araújo, Laranjeiro de Fora: **COSTA DA CAPARICA** — Carlos, Av. do Mar, 34-A, Quinta de St.º António. **SESIMBRA** — Lopes, R. Cândido dos Reis 21 (T. 2233028). **BARREIRO** — Pimenta, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). **SEIXAL** — Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580). **MONTIJO** — Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). **MOITA** — Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029). **ALHOS VEDROS** — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). **ALCOCHETE** — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Cascais

ALGÉS — Cabrita, Miraflores (T. 2101486). **ALCABIDECHÉ** — Carvalhal, At. às 21 horas; **PORTO SALVO** — **Ferreira Bastos**, At. às 21 horas; **PACO DE ARCOS** — Pargana, Av. Eng. Bonnaville Franco (T. 2435147). At. às 22 horas; **OEIRAS** — Oeiras, L. Henrique Paiva, Couceiro (T. 2430485). At. às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS** — Leal, At. às 21 horas; **CARCAVELOS** — Central, At. às 22 horas; **VILAR** — At. às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). At. às 21 horas; **PARADE** — Macau, R. J. Elias Garcia, 50-C (T. 2471785). At. às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**, At. às 21 horas; **MURTAL** — Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). At. às 24 e das 0 às 9 horas; **AMOREIRA** — Amoreira (T. 262313/267314); **MONTE ESTORIL** — Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). At. às 21 horas; **CASCAIS** — Cordeiro, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). At. às 21 horas; **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). At. às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149). Permanente; **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 938424). At. às 22 horas; **DAMAIA** — Damala, P. Alexandre Gurmão, 9-A (T. 970523); **QUELUZ** — Serra S. Pinto, Av. D. António C. Sá, E (T. 957619); **CAMARATE** — Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 6 (T. 2518669); **CACÉM** — Guerra Rico, entre lotes 6 e 7, Freixo Capão (T. 2944002); **MEM MARTINS** — Quilma, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012). Permanente; **AGUALVA-CACÉM** — Mira Sintra, L. N. Torre, 310. At. às 20.30; **MERCES** — Claro Russo, At. às 21 horas; **RIO DE MOURO** — Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). At. às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA** — Valentim (T. 980456). Permanente; **COLARES** — Abreja (T. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

FOZ — Rua Senhora da Luz, 380. Tel. 680127; **ALÍRIO DE BARROS** — Rua de Costa Cabral, 240. Tel. 480593; **CENTRAL** — Rua 31 de Janeiro, 203. Tel. 21684; **GOMES CARNEIRO** — Rua Cedeifeita, 348. Tel. 23420; **MONSANTO** — Rua de Monsanto, 148. Tel. 490689; **COUTO** — Largo de S. Domingos, 106. Tel. 25963; **311965**; **LAPA** — Rua Antero de Quental, 211. Tel. 480697.

(De dia e toda a noite)

CORREIA — Praça Mouzinho de Albuquerque, 78. Tel. 60869; **CORUJEIRA** — Rua de S. Roque da Lameira, 1473. Tel. 51928; **LUSO-FRANCA** — R. Sá da Bandeira, 140. Tel. 26134; **MAGALHÃES** — Rua de Serralves 566. Tel. 63561.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

MACHADO — Rua Bernardo de Albuquerque, Tel. 23767; **FERRAZ** — Rua do Brasil, 70. Tel. 1526.

abCINE

803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
As 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h
Maiores 13 anos
F.I.S.T., com Silvester Stallone
SALA B
As 15, 17, 19, 21.30, 23.45 (18 anos)
GUERRILHEIROS DO INFERNO
c/Nick Nolte

ALVALADE

897480

Av. de Roma
14.30, 18 e 21.30h
Não acons. menor 13 anos
Um êxito de todos os tempos!
PRESTÍGIO REAL
Com: Dilip Kumar, Nimmi, Prem Naht, Nadira
2ª Semana

APOLO

763319

Av. Júlio Dinis 10-A
As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30h
MONTY PYTHON E O CALICE
SAGRADO
Hoje às 23.30 (M. 18 anos)
A QUADRILHA
de John Flynn

AVIS

547163

Av. Duque D'Avila 45
15.30, 18.30, 21.45
Int. men. 18 anos
PAIXÃO CARNAL
O amor em liberdade com Ellen Earl,
Allan Tisser
3ª Semana

BERNA

776098

Av. Marquês de Tomar
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos — Colorido
John Travolta, Karen Lynn Gorney em
SATURDAY NIGHT FEVER
Febre de sábado à noite
Música original escrita e interpretada
por Bee Gees

CALEIDOSCÓPIO

795093

Campo Grande
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos — Colorido
John Travolta, Karen Lynn Gorney em
SATURDAY NIGHT FEVER
Febre de sábado à noite
Música original escrita e interpretada
por Bee Gees

CASTIL

580194

Rua Castilho
15.30, 18.30, 21.30
Não acons. menor 18 anos
Um filme de Alan Parker
O EXPRESSO DA MEIA NOITE
Com Brad Davis, Randy Quaid, Bo Hopkins
2ª Semana

CINEBOLSO

573407

Rua Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30h
Int. men. 18 anos
Uma história que deixará mesmo os
mais calmos com o sangue a ferver
AS 88 POSIÇÕES
As 24 h (Grupo D — M. 18 anos)
QUANDO AS MULHERES QUEREM

CINE CAMÕES

324194

Rua do Loreto, 15
14.15, 16.30, 21.30
Interdito men. 13 anos
O GRANDE ATIRADOR
Um filme de Paul Hunt com Robert Padilla e Milla St. Duval
Int. menores de 18 anos
A QUADRILHA SELVAGEM
Com William Wholden

CITY CINE

549999

Rua Tomas Ribeiro, 34
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Filme de qualidade
O MONTE DOS VENDIAIS
Laurence Olivier — Merle Oberon
Hoje às 23.45 horas
BONNYE E CLYDE
de Arthur Penn

CONDES

322523

Av. da Liberdade 2
As 14, 16.30, 19 e 21.45 horas
Não ac. men. 13 anos
ALTA ANSIEDADE
Com Mel Brooks
2ª Semana

DOIS MIL

2100955

Av. Bombeiros Voluntários
Lote 113 — Algés
15.30, 18.00, 21.30
Int. menores de 13 anos
OS DUROS

D. JOÃO V

971794

Praça Centro Comercial — Damaiã
As 21.45 horas
Não acons. men. 13 anos
O ADVOGADO DO DIABO

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Hamamali e Nirupa Roy
em
A MAE
Um filme de M.A. Thirumagan
Colorido
Em 2ª Semana

ESTUDIO

555134/5

Av. Afonso Henriques, 35
As 14.30, 16.30, 21.30
Dustin Hoffman e Susan George em
CAES DE PALHA
O filme de Sam Peckinpah

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30, 21.45 horas
Não acons. menor 18 anos
A HERDEIRA
3ª Semana
Atenção o filme começa 5 minutos após
o início da sessão

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35
2 sessões: 15.15 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
O filme indiano que nunca mais foi
esquecido.
PRESTÍGIO REAL
Dilip Kumar, Nimmi, Prem Naht
Quarta-feira à tarde
As 16.15 (Não acons. m. 18 anos)
O OUTRO LADO
DA FEIA NOITE
Com Margaret Foster e John Beck
Os melhores desta categoria podem
ser encontrados aqui
Fórmula favorita: O Astro

IMPÉRIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
15.15, 18.30 e 21.30 h
Interdito a menores 13 anos
Um filme de Irwin Allen
O ENXAME
Com Michael Caine, Katharine Ross,
Henry Fonda e Richard Chamberlain
2ª Semana

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A
As 14, 16.30, 19 e 21.45 horas
A GRANDE DECISÃO
de Herbert Ross
com Anne Bancroft e Shirley MacLaine
Não acons. men. 13 anos

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha
15.15, 18.15, 21.30
Não acons. men. 18 anos
A mais amarga missão jamais conseguida!
OS GANSOS SELVAGENS
Richard Burton, Roger Moore, Hardy
Kruger
N.B. — Projectão do filme 5 minutos
após o início das sessões

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferrão, 12-A
15.15, 18.30, 21.30
Não acons. men. 18 anos
O TOQUE DA MEDUSA
Um filme de Jack Gold — Medusa Touch
O pensamento que destrói a vida. O
cercro que desafia a morte. Com Richard
Burton, Lino Ventura e Lee Remick

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
Galardoado com 7 Oscars
PROVIDENCE
A obra-prima de Alain Renais
Um filme de Alain Renais
Colorido e áudio em francês
4ª Semana

NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7
Hoje às 15.15, 21.15 horas
Int. a menores de 18 anos
Toda a emoção e violência
AMÉRICA VIOLENTA
Com Steve Sando e Rockne Tarkington

ODFON

326283/4

R. Condes, 12 a 20
As 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
SANTO O MASCARA DE PRATA
Um filme de Billy Wilder
Colorido e áudio em francês
4ª Semana

PATHE

821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
REFLEXOS DE UM ESPELHO
INDISCRETO
Com Catherine Burges
Colorido

POLITEAMA

326305

R. Portas de St.º Antão
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30 horas
Int. men. de 18 anos
COISA FINA
(As fantasias do senhor barão)
Um filme pornográfico
de categoria invulgar!
4ª Semana

QUARTETO

771378

R. Flores do Lima, 16
HOJE FAZEMOS 3 ANOS
Reunimos
10 filmes
dos 10 melhores
realizadores
de sempre
(Segundo a revista «Sight and Sound»)

RESTELO

610375

Av. Torre de Belém
As 21.15 horas (N. ac. m. 13 anos)
Em 8ª Semana
O CAMINHO DA GLÓRIA
«Bound of Glory»
com David Carradine

ROMA

887778

Av. de Roma, Lote JRB
15.30, 18.30, 21.45
Int. men. 13 anos
AS PAREDES TEM OUVIDOS
A divertida comédia francesa de Jean
Girault com Louis Velle e Martine
Sarcey

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
Interdito a menores de 18 anos
— Filme pornográfico soft core
Ole Soltoff, Vivi Rau, Annie Birgit em
SIRVAM-SE DESSAS SENHORAS
Um filme de John Hillard
Colorido

SÃO JORGE

579144-579344

Av. da Liberdade, 175
Hoje às 15.15, 18.30 e 21.30
Sylvester (Rocky) Stallone
Int. men. 13 anos
F.I.S.T.
de Norman Jewison
Uma história de amor e ambição

SATELITE

562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
As 15.17, 19 e 21.30 horas
Int. men. 18 anos
Um filme de Nagisa Oshima
Premio de realização Cannes 78
O IMPÉRIO DA PAIXÃO

STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Billy Wilder
O SEGREDO DE FEDORA
Com William Holden, Marthe Keller
Henry Fonda

TERMINAL

371573

Estação do Rossio
11.00, 13.00, 15.00, 17.00, 19.00
21.30 e 23.30
O TOQUE DA MEDUSA
Um filme de Jack Gold — Medusa Touch
O pensamento que destrói a vida. O
cercro que desafia a morte. Com Richard
Burton, Lino Ventura, Lee Remick
Não acons. men. 18 anos

TIVOLI

570595

Av. da Liberdade, 188
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos — Colorido
John Travolta, Karen Lynn Gorney em
SATURDAY NIGHT FEVER
Febre de sábado à noite
Música original escrita e interpretada
por Bee Gees

VOX

880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879
As 15.15, 18.30 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
Cinema-Espectáculo de qualidade excepcional!
CAPRICÓRNIO UM
9ª Semana

ZODIACO

R. de Santana à Lapa, 103-B.
Tel. 678265

ZODIACO-BAR

A música, o copo, o convívio cultural
Um lugar onde a surpresa
e sempre qualidade
Das 18 às 2 da madrugada

Lisboa

ADOQUE — Fardos e guitarra (15.30, 18.30 e 21.30) (18 anos)
MARIA VITÓRIA — «E Tudo São Bento Levou», 20.30, 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL — «Um Zero à Esquerda», 21.15 (13 anos)
MARIA MATOS — «É a Vida e Assim», 21.30 (13 anos)
D. MARIA II — «Felizmente há Luar», 21.45 (6 anos)
TEATRO EXPERIMENTAL D. MARIA II — «Velhos Tempos», 22.00 (18 anos)

OUTROS CINEMAS

Lisboa

PARIS — «Tinku», às 21.30 (13 anos)
CAPITOLIO — «Prazer Máximo», 21.15 e 23 (18 anos)
JARDIM — «O Expresso de Chicago», 21.15 (13 anos)
LUMIAR — «As Aventuras de um Motorista de Táxi», 21.30 (18 anos)
MOSCAVIDE — «E no fim Chamaram-lhe Jerusalém, o Implacável», 21.15 (10 anos)
PROMOTORA — «O Preço de uma Traição», 21.15 (18 anos)
ROYAL — «Armada para um Homem», 21.30 (13 anos)
CINEARTE — «O Combate da Madrugada», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS — Oxford — «Blue Jeans», 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS — Chaplin — «Nem Guerra nem Paz», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS — Oeiras-Cine — «O Assalto a Calais», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS — Impala — «Carrie», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

MEM MARTINS — Cine Chaby — «Madrugada Sangrenta», às 21.30 (18 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «Rebeldia de Lutadores», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «O Homem a Quem Chamavam Cavalo», às 21.15 (18 anos)
ALMADA — Academia — «Orca», às 21.15 (13 anos)
ALHANDRA — Salvador Marques — «O Vingador sou Eu», 21.30 (18 anos)
SACAVEM — S. José — «Espada de Lampago», às 21.30 (18 anos)

Porto

FOCO — «Febre de Sábado à Noite», 21.45 (13 anos)
OLIMPIA — «Contra Todos», 21.30 (10 anos)
ESTUDIO — «Os Rivals», 21.30 (18 anos)
JULIO DINIS — «A Virgínia», 21.30 (18 anos)
LUMIERE A — «A Fronteira do Pesadelo», 21.30 (18 anos)

SA DA BANDEIRA

— «As Calcinhas Amarelas», 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO — «As Hospedeiras do Sexo», às 21.45 (18 anos)
CARLOS ALBERTO — «A Última Valsa», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE — «Angeia, o Amor Imposível», 21.30 (18 anos)
CHARLOT — «A Mulher e o Cordeiro», 21.30 (18 anos)
ESPIRITO — «A Flecha de Prata de Shadrach», às 21.30 (18 anos)
AGUIA — «A Flecha de Prata de Shadrach», às 21.30 (18 anos)
<



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

• ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 185-1
TELEFONES 34531/2

• REDACÇÃO: PUBLICAÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LISBOA, 44
TELEFONES 32154/5 32222/3 32228/9 32231/2
PUBLICAÇÃO 36418

• SERVIÇO NOTAS (DEP. 16 DAS 21)
PONTINHO 321154
IMPRIMERIA BRANCA 320278

• ENDEREÇO TELEFÓNICO ÚNICO: TEL. 1234
LISBOA PORTUGAL

• DELEGACÃO DO PORTO
RUA DO ALBANO, 28-2 • TELEFONES 29054-5

Crime do Saldanha Autópsia revela morte por sufocação

Morreu por sufocação segundo o resultado da autópsia por a mordida lhe ter sido violenta e estreitamente colocada na garganta (impedindo até a respiração nasal). Maria Gomes de Campos, de 64 anos, que residia na Rua Praia da Vitória, e cujo corpo apareceu sem vida no seu domicílio, assaltado há seis dias, na zona do Saldanha.

Recorda-se que os gatinhos bateram à porta com o pretexto de entregar-lhe uma encomenda (Maria Campos nunca abria a porta a ninguém), agrediram a senhora para a obrigar, segundo tudo leva a crer, a dizer onde estava a chave do cofre, vindo o cadáver a ser encontrado às 21 horas desse dia, nas condições referidas pelo «DL» de 15 do corrente. Isso porque o filho da senhora lhe telefonava normalmente, e ficou intrigado que, com o pai em viagens de negócios no estrangeiro, a mãe não lhe ter respondido, naquele dia, nas várias tentativas feitas.

Maria Gomes Campos era esposa, como na ocasião também referimos, de António Peres Campos, proprietário da «Antiquália», ao Largo do Camões.

CD de Direito não quer Martinez

Depois da tomada de posição da maior parte das forças políticas (JS, UEC, UDP e mesmo a JSD), também o Conselho Directivo da Faculdade de Direito de Lisboa repudia a reintegração naquela escola do prof. Soares Martinez. Esta decisão foi aprovada por todos os elementos do Conselho Directivo, à excepção da presidente, a prof.ª Isabel Magalhães Colaço.

Na moção aprovada, o Conselho Directivo mostra-se disposto, de acordo com os outros órgãos da escola, a «suscitar a utilização dos meios jurídicos adequados a evitar o regresso à Faculdade do dr. Pedro Soares Martinez».

A prof.ª Isabel Magalhães Colaço assina, pelo contrário, uma adenda, em que defende essa reintegração em nome «da legalidade democrática» e dos «direitos fundamentais».

(Hoje 32 páginas)

O PCP E AS COOPERATIVAS DE HABITAÇÃO

Corte de financiamento fora da Lei e da Constituição

PORTO, 21 — «O recente corte de financiamento às Cooperativas de Habitação, quer no que respeita aos investimentos futuros, quer àqueles que ainda se encontram em curso, (...) é uma medida inconstitucional e ilegal que contraria decisões recentes da AR e que não pode deixar de merecer o mais vivo repúdio de todos os portugueses» — é afirmado numa nota da comissão distrital do Porto do Partido Comunista Português.

O documento salienta a seguir: «a não saída das portarias que fixam em concreto os esquemas e bonificações para o

crédito às Cooperativas de Habitação, dando corpo ao Decreto-Lei 268/78, é da responsabilidade do Governo demitido de

Nobre da Costa e aparece claramente como uma primeira medida para a paralisação do movimento das Cooperativas de Habitação Económica, significando o agravamento do já degradado parque habitacional, enormes prejuízos para as cooperativas e para os trabalhadores da construção civil».

Depois de afirmar que as manobras do Governo e da direita

não ficam por aqui, que o seu plano é mais vasto, a nota do PCP acentua: «o recente decreto, equiparando associações de moradores a cooperativas e que mereceu de imediato a reprobção dos moradores das zonas degradadas, pois a cobertura de um conjunto de facilidades inviabiliza de facto as operações SAAL (tão brutal é o aumento dos juros), irá com certeza justificar que os cortes de financiamento se alarguem igualmente às Associações de Moradores, que verão assim paralisar a construção e acabamento dos seus fogos e inviabilizados os projectos existentes».

E a concluir:

«Estas medidas, a redução drástica dos financiamentos ao Fundo de Fomento de Habitação irão com certeza provocar outras reacções em cadeia. O Fundo de Fomento de Habitação comunicou já ao Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira — Barredo o corte de financiamento. E tudo leva a crer que operações como o programa para a reparação de fogos ou imóveis em degradação, as casas prefabricadas, a auto-construção, etc., tenham idêntico futuro».

SINDICATO DOS PROFESSORES

A UEDS condena a atitude dos 15

É lamentável que os elementos que se demitiram, à ta de motivos de fundo, tenham provocado a partidização da sua demissão, com argumentos nada sindicais que apresentaram. Mas sobretudo é gravíssimo que se tenham demitido quando os professores mais iriam precisar deles, já que, atendendo à composição do IV Governo, este irá desenvolver uma política que em nada satisfará as ansiedades dos professores assim como as dos outros trabalhadores — afirma, num comunicado, o Secretariado do Núcleo de Professores da UEDS.

Referindo-se à demissão dos 15 elementos da Direcção, a UEDS esclarece que a «argumentação apresentada não corresponde à verdade,

não justifica a demissão, e no que poderia justificar a demissão não corresponde à verdade dos factos». Depois de historiar todo o processo

de constituição da lista que venceu as eleições a qual formava a actual direcção do Sindicato dos Professores da Área da Grande Lisboa, a UEDS conclui: «Apoiamos a continuação em funções dos actuais corpos gerentes do Sindicato dos Professores da Área da Grande Lisboa, para que o Sindicato continue a luta pela defesa dos interesses dos professores, por um ensino democrático, pela contratação colectiva na Função Pública».

Eleições de Évora

Continuação da pág. 1

— disse, ao contrário do PSD, que classificou de «partido reaccionário».

Um comunicado do MDP também ontem emitido chamava à vitória da APU «um acontecimento de importante significado político no actual contexto da vida nacional» e dizia que «os significativos resultados eleitorais são a reprobção e a resposta firme e serena do povo do concelho de Évora à onda de violência e repressão que se abate sobre o povo alentejano, obreiro da Reforma Agrária, e espera firmemente (o MDP) que, do facto saibam os executantes e responsáveis por essa violência tirar todas as conclusões que se impõem e encetar definitivamente o caminho do diálogo e do respeito pela ordem democrática».

PSD, PS E CDS

O PSD emitiu ontem um comunicado. Lê-se aí, a dada altura, que a consulta ao eleitorado «confirmara duas componentes essenciais das actuais opções políticas dos portugueses: a falência de um partido dito socialista, bem como o enterro da ambiguidade formal do CDS» que — no dizer do partido — «passaram a ter um papel meramente secundário na vida democrática de Portugal».

O texto social-democrata põe em questão o CDS. A resposta do CDS pode ler-se esta manhã no «Diário de Notícias» em declarações de Ribeiro e Castro. Diz o porta-voz do partido cen-

trista que «a recusa do PSD em fazer a coligação a dois com o CDS, depois de o PS haver recusado a coligação tripartida, pode considerar-se como tendo favorecido o reforço artificial das posições dos comunistas da APU». Quanto aos resultados do CDS, «houve uma certa tendência estacionária», segundo Ribeiro e Castro, e ficaram «frustradas as expectativas dos eleitores democratas quanto a uma mudança na gestão do município». E o porta-voz dos centristas classifica de «incompreensível e contra-producente» a demissão dos vereadores dos partidos democráticos que estiveram na origem das presentes eleições. Ribeiro e Castro acrescenta que «algumas responsabilidades de a Câmara ter ido para as mãos dos comunistas cabem (também) ao PSD, e é lamentável que (o PSD) se regozije com esse facto».

O PS, tido como o grande derrotado destas eleições de Évora, inflecte os resultados, considerando que se trata, de facto, de um revés, mas deve servir de pretexto para rectificar posições. «Há vitórias que deslumbram, mas há derrotas que temperam» — disse ontem Pedro Coelho na televisão.

Também Manuel Alegre, em declarações ao «Diário de Notícias» de hoje, diz que «esta derrota pode ter um efeito positivo e salutar, nomeadamente o de provocar uma reflexão serena sobre as suas causas e sobre a necessidade de aprofundar o projecto autónomo do PS».

«Importa ainda assinalar que as forças de esquerda mantêm no seu conjunto uma larguíssima maioria no concelho de Évora» — acrescenta Manuel Alegre.

OUTROS

Também os restantes partidos concorrentes às eleições de Évora, a UDP, o PCTP-MRPP, e bem assim o PCP (m-l), que entretanto desistira a favor do PS, emitiram ontem textos apreciando os resultados e interpretando-os.

«Apesar da subida do PSD, no conjunto a direita saiu enfraquecida nestas eleições» — salienta a UDP.

PCP: "não" ao envolvimento de Eanes

Continuação da pág. 1

(PPD, CDS, PPM e outros) e levando a cabo, no fundamental, a política que estes defendem mas na qual pretendem não se comprometer directamente como partidos».

A fórmula de um Governo «apartidário» de pretensos «independentes» afasta-se, segundo o documento do PCP, «das características normais previstas na Constituição (papel da Assembleia da República e dos partidos) e não corresponde à vontade do eleitorado expressa nas eleições para a AR».

O PCP, assim como contrariou «certas manobras para desestabilizar o órgão de soberania-Presidente da República», assim também agora «contraria certas manobras e teorizações de forças políticas tendentes a opor o Presidente da República à Assembleia da República, a retirar efectivamente a esta competências e poderes inscritos na Constituição».

ENVOLVIMENTO DE EANES

«Ao longo da crise — prossegue o comunicado — o PCP expressou sempre claramente a opinião de que não considerava desejável o empenhamento directo do PR na definição da política e na acção do Governo. Os acontecimentos e a experiência reforçam esta opinião».

Por outro lado, mostrando a experiência que não aparece como viável a formação de um Governo democrático na base da composição actual da Assembleia da República, o CC do PCP insiste em que «a solução constitucional para a crise é a realização de eleições gerais antecipadas», chamando a atenção de todo o partido para a necessidade de «dar desde já toda a atenção ao novo recenseamento eleitoral que começa no dia 4 de Dezembro, assegurando o desenrolar normal das operações e a inscrição do eleitorado».

Sobre a situação decorrente da ofensiva do MAP contra a Reforma Agrária, o CC do PCP, depois de considerar que «viola

grosseiramente a Constituição e preceitos da própria lei que o Governo diz querer aplicar», além de que, «arrancando as melhores terras, gados, máquinas, searas às UCP's e Cooperativas, causa prejuízos imensos à agricultura e à economia nacional», reclama que «seja revogada a lei Barreto e, enquanto isso não for concretizado, que sejam revogados os seus artigos que dão cobertura à acção discricionária e arbitrária do Governo».

O CC do PCP reclama ainda que «cessem as acções de violência das forças militarizadas contra os trabalhadores das UCP's e Cooperativas» e que sejam entregues aos trabalhadores e aos pequenos e médios agricultores, «os 700 mil hectares de terras expropriáveis segundo a lei, mas ainda nas mãos dos agrários, designadamente como compensação a UCP's e Cooperativas às quais foram retiradas terras para entregar aos agrários».

«O povo alentejano — acentua o documento — como o acabaram de confirmar as eleições em Évora, está firmemente com a Reforma Agrária — realização histórica da Revolução Portuguesa e parte integrante do regime democrático consagrado na Constituição».

UNIDADE DOS TRABALHADORES E DEMOCRATAS

No que respeita às lutas dos trabalhadores actualmente em curso, o CC do PCP afirma que «são uma viva expressão da degradação das condições de vida das massas trabalhadoras, como resultado da desastrosa política dos governos PS e PS/CDS, seriamente agravada pelo Governo demitido de Nobre da Costa».

O comunicado refere o congelamento de facto da contratação colectiva, quer pelas medidas dilatorias do grande patronato, quer pela sua recusa em se sentar à mesa das negociações; a longa vigência das tabelas salariais (23 meses nos têxteis, 28 nos CTT, 23 na construção civil, 20 na panificação e 23 nos meta-

FASCISTAS ATACAM EM OLIVEIRA DE AZEMÉIS

Os fascistas de Oliveira de Azeméis perderam a cabeça (se é que algum dia a tiveram no sítio) na passada sexta-feira, e vão de ameaçar democratas e trabalhadores, que colavam cartazes nas paredes convidando a população da vila (concelho que se pode orgulhar de nele ter nascido um democrata exemplar e um grande escritor: Ferreira de Castro) para uma manifestação de protesto contra o aumento do custo de vida, no dia seguinte, em S. João da Madeira.

Fascistas de Oliveira de Azeméis (os empreiteiros João Moreno, Pêpura, Sacramento, e o industrial José Azevedo, mais conhecido por Zé-Tolo) que ameaçaram os democratas de «pistola em punho e os perseguiram, ante a passividade e complacência de dois agentes da GNR (fica a nota para o general Passos Esmeriz). Mas a «manif», no sábado, em S. João da Madeira, nem por isso teve menos participantes. Bem pelo contrário.

lúrgicos) ao mesmo tempo que o custo de vida sobe em flecha (cerca de 30 por cento em 1977 e 22 por cento nos 10 meses de 1978); o limite imposto pelos governos aos aumentos salariais quando o processo inflacionista ultrapassa largamente esses limites, que se traduzem numa grave desvalorização dos salários reais dos trabalhadores que em muitos casos anula já os progressos alcançados depois do 25 de Abril.

«O recurso à greve e à paralisação — frisa o CC do PCP — que particularmente na presente situação portuguesa terá que ser decidido com grande sentido de responsabilidade, surge na quase totalidade destas lutas como a resposta adequada dos trabalhadores à atitude de sistemáticas obstruções ao diálogo e à negociação por parte do patronato e dos últimos governos. O recurso dos trabalhadores à greve e à paralisação no uso dos seus direitos constitucionais e legais, é uma forma legítima de luta pelos seus interesses».

Sobre a unidade dos trabalhadores e dos democratas, o documento sublinha que «é necessário combater firmemente a nova ofensiva contra o movimento sindical unitário, as tentativas em que cooperam dirigentes do PS e do PPD na formação de sindicatos paralelos e duma central sindical divisionista», e faz um apelo «a todos os democratas, designadamente aos socialistas, para o entendimento, o acordo e a acção comum».

O comunicado da reunião do CC do PCP de 20 de Novembro finaliza acentuando que «a resistência à ofensiva das forças reaccionárias, às arbitrariedades e prepotências dos inimigos dos trabalhadores, aos atropelos da legalidade democrática e da Constituição a partir de departamentos do Governo ou do aparelho do Estado, assim como a busca comum duma alternativa democrática para a saída da actual situação, é um dever inalienável de todos os democratas e antifascistas e de todos os patriotas».

JOGOS DE MAPLES E SOFÁS-CAMA

COMPRE NO FABRICANTE

TEMOS EM EXPOSIÇÃO VÁRIOS MODELOS

REQUINTE — MÓVEIS E ESTOFOS

AV. ALMIRANTE REIS, 110

(DEFRENTE DA CERVEJARIA PORTUGALIA)

Catalunha: Um certo desencanto

Guerra e paz: A corrida aos armamentos

Brasil: A greve metalúrgica de São Paulo

Karel Capek: Um escritor checoslovaco

CHINA



Teng Hsiao-ping

Discordância no seio da hierarquia

■ Alain Jacob
□ Le Monde

PEQUIM — Acabam de ser tomadas decisões importantes pela direcção do partido do município de Pequim, depois da queda do presidente da Câmara da capital, Wu Teh.

O seu sucessor, Lin Hu-chia, tomou a palavra durante uma reunião alargada do comité do PC pequinês, que se efectuou a 2 de Novembro e ao qual a imprensa acaba de fazer referência.

Essa reunião deu de princípio azo a fazer — embora sem referir o seu nome, mas em termos severos — o processo de Wu Teh, em todos os domínios da sua gestão. A cri-

minalidade e a delinquência juvenil aumentaram, os estabelecimentos científicos e técnicos da capital diminuíram por não terem podido importar tecnologias avançadas do estrangeiro, a higiene da cidade deixa a desejar, a rede de estradas limitou-se a duplicar de capacidade ao passo que o número dos veículos triplicou desde 1965, as lojas de alimentação, os restaurantes, as oficinas de confecção já não bastam para as necessidades dos habitantes, os resíduos acumulam-se nas ruas, etc. Anunciam-se medidas enérgicas em todos estes domínios: restabelecimento das escolas de reeducação (suprimidas depois da revolução cultural) para os jovens delinquentes, abertura de novos locais

► 2

O fim da anarquia?

■ Tereza Mederos
□ Prensa Latina

Em meio às novas depurações praticadas nos diferentes níveis do poder, realizou-se em Pequim o IX Congresso da Federação Sindical Chinesa com o qual se pôs fim a mais de doze anos de inactividade prática das organizações operárias naquele país. O discurso pronunciado na sessão inaugural por Teng Hsiao-Ping, vice-presidente do Partido Comunista Chinês e vice-primeiro-ministro, ofereceu dados reveladores de que nem tudo está na ordem desejada pelos actuais dirigentes da chamada época post-maoísta.

Ao criticar a ausência do sentido de responsabilidade na organização do trabalho, Teng Hsiao-Ping rejeitou a tendência para explicar tudo pela «influência perniciosa do bando dos quatro». Disse que se tal influência persiste, «devemos ser nós próprios responsabilizados por isso» e acrescentou que os sindicatos e demais organizações do país «não devem atribuir as responsabilidades dos problemas que se colocam no seu trabalho a essa influência».

Exortou seguidamente à «eliminação efectiva da actual situação geral, na qual ninguém aceita tomar responsabilidades» e disse que os operários devem eleger os seus chefes de oficina, secções ou grupo e sugerir aos níveis superiores que seja despedido o pessoal dirigente culpado de negligências graves. Insistiu também em que a tarefa dos sindicatos consiste em lutar pelos «direitos democráticos» dos trabalhadores e opor-se a todo

o burocratismo.

Finalmente o número dois do Partido Comunista Chinês, Teng Hsiao-Ping, que voltou à alta hierarquia depois de ser depurado e reabilitado em duas ocasiões, anunciou perante os quase dois mil delegados que assistiram ao Congresso o fim de uma época em que «a anarquia reinava nas empresas e em toda a economia chinesa».

Foi este o primeiro congresso operário em 21 anos. Em 1966, na sequência da chamada revolução cultural, as actividades das organizações sindicais foram suprimidas. A partir de 1976, data em que a actual elite maoísta assume o poder, celebrou-se o XI Congresso do Partido Comunista, a V Assembleia de Representantes Populares (Parlamento), e, em Setembro deste ano, o IV Congresso da Federação das Mulheres Chinesas. Em Outubro realizou-se também o congresso da Liga da Juventude Comunista que fora dissolvida no princípio da revolução cultural quando entraram em cena os «Guardas Vermelhos».

Contudo o congresso sindical realizou-se sem organização prévia, como sucedeu, aliás, com as outras assembleias. Pouco antes da abertura, reuniu-se o Comité Executivo da Federação Sindical Chinesa composto de 113 membros efectivos e suplentes, mas não se conhecem actividades de base como seria normal para eleição, por exemplo, de delegados. Essa sessão do comité executivo de 48 horas preparou o relatório de estatutos, a cargo de Chen Yu e Huan Min-wei, como vice-presidentes da Federação.



CHINA

O fim da anarquia?

1 ►

Todos estes acontecimentos se integram nas intenções da nova hierarquia de restabelecer a institucionalidade perdida durante mais de uma década de revolução cultural. Os observadores puderam concluir, além disso, que os frequentes apelos à unidade e à ordem, sobretudo no domínio económico, não relevam apenas do interesse de fomentar as quatro grandes modernizações (indústria, transportes, defesa, e ciência técnica) preconizada pela equipa dirigente, mas visam ainda superar o caos interno em que mergulhou a nação.

Na lista dos participantes na conferência sindical está o nome de Wu Teh presidente do comité revolucionário e secretário-geral do Partido Comunista em Pequim, membro da comissão política e vice-presidente da Assembleia Nacional. No entanto, alguns dias antes da abertura da conferência sindical, Wu Teh tinha sido desti-

tuído do cargo de presidente da Câmara de Pequim. Noticiou-se até a sua substituição por Lin Hu-Chin que até então tinha sido presidente da câmara da terceira maior cidade do país, Tien-sin.

A substituição de Wu Teh é entendida como consequência directa do processo de «rectificação» há dois anos em curso na China. Muitas críticas contra Wu Teh apareceram nos cartazes de parede e o «Diário do Povo» publicou muitas cartas de leitores assacando ao presidente da câmara as responsabilidades pelos aumentos de preços nos artigos de primeira necessidade (aumentos que nalguns casos foram aos 100%). Noutros cartazes, Wu Teh era acusado de responsável número um pelos incidentes na praça de Tien An Men em Abril de 1976 quando centenas de milhares de pessoas foram reprimidas pelas milícias da capital ao renderem homenagem fúnebre a Chu En Lai. Na altura as responsabilidades foram atribuídas a

Teng Hsiao-Ping, que foi depurado, mas que viria a ser reabilitado após a queda do «bando dos quatro».

Alguns órgãos de Imprensa capitalista prevêem novas críticas ao actual presidente do Partido Comunista Chinês, Hua Kuo-Feng, directamente ligado às actividades de Wu Teh. Recorde-se a propósito que em Junho de 1976 nos cartazes contra Wu Teh apareciam igualmente críticas a Hua Kuo-Feng, então ministro do Interior. Ambos eram acusados de maus métodos administrativos, perseguição e maus tratos.

De tudo quanto se passa na China, uma só constatação pode fazer-se: a política externa de aliança com as forças reaccionárias do imperialismo parece recolher unanimidade da actual equipa dirigente, mas, no âmbito interno, muita coisa está ainda para acontecer, apesar do fim da anarquia anunciado por Teng Hsiao-Ping ao congresso sindical. ●



Hua Kuo-feng

CHINA

Discordâncias no seio da hierarquia

1 ►

de venda, construção de quinhentos restaurantes e cantinas suplementares em 1979, fabrico de vestuário variado em prazos mais rápidos, projecto de grande número de alojamentos a construir a partir do próximo ano, etc.

A capital tinha grande necessidade de uma renovação e este programa é muito útil para os pequineses.

O processo da gestão de Wu Teh

tural e que seria vice-presidente do comité revolucionário da capital, que foi presa dezoito meses depois da queda do «bando dos quatro», em Abril de 1978. Outro dos casos é a «campanha contra o vento revisionista de direita», lançado no princípio do Inverno de 75 nas universidades de Pequim e que provocaria na Primavera de 1976, a destituição de Teng Hsiao-ping.

Em ambos os casos, os problemas levantados ultrapassam largamente o município de Pequim,

Pequim entre 1951 e 1966, Peng Chen. O seu nome não foi pronunciado, mas disse-se que «durante os dezasseis anos que precederam a revolução cultural... A maioria esmagadora dos quadros (da Câmara) eram bons ou relativamente bons». «O Quotidiano do Povo» escreve que esse juízo foi «calorosamente aplaudido» pelos membros presentes, alguns dos quais estavam «comovidos até às lágrimas».

A reabilitação do antigo presi-

cordantes, deixam, com efeito, supor que há graves divergências no seio da direcção chinesa.

A reapreciação do papel de Mao Ts-tung não se faz, como é evidente, com unanimidade. Para além das «divergências fundamentais» já mencionadas pela Imprensa, verifica-se que a revista mensal do partido, a «Bandeira Vermelha», seu órgão teórico, ainda não publicou nenhum artigo sobre este assunto, cortesmente qualificado como «debate sobre o critério da verdade». Um «dazibao» que surgiu esta semana no centro de Pequim censura a redacção da «Bandeira Vermelha» por isso mesmo e pergunta se um tal silêncio é aprovado pelo Comité Central ou se é consequência de uma actividade «fraccionista».

Vários cartazes que nos últimos dias apareceram em Pequim referem-se também a «divisões» no seio do Comité Central, principalmente no que diz respeito «à prática da democracia». Há já muito tempo — e em especial, o que é absolutamente excepcional, por ocasião da festa nacional do dia 1 de Outubro — os órgãos da Imprensa central não publicaram o aval de toda a direcção. Parece ter havido dificuldades durante o Congresso da Liga das Juventudes Comunistas que terminou a 8 de Outubro. Causou espanto a ausência durante todo o congresso, de Hu Yao-pang, da esfera política de Teng Hsiao-ping, actualmente director do Departamento de Organização do Comité Central, que foi durante dez anos, antes da revolução cultural, o principal dirigente da Liga. Um dos antigos colaboradores de Wu Teh no município de Pequim — que os cartazes acusam hoje de ter participado na repressão que se seguiu aos incidentes de Abril de 1976 — foi confirmado, em contrapartida, no lugar cimeiro da secção pequinesa da organização das juventudes comunistas.

Causa espanto o facto de certos membros do «bureau» político — mais concretamente o marechal Nieh Sung-chen — que acompa-

nharam Teng Hsiao-ping ao aeroporto quando este partiu para Banguecoque, a 5 de Novembro, não tenham estado presentes para saudar, como os restantes colegas, o vice-presidente do Comité Central Wang Tong-hsing, que dez minutos depois partia de avião para Phnom-Penh.

Não é de espantar que Teng Hsiao-ping tenha lançado recentemente uma grande ofensiva. O problema que hoje se põe é o de saber se essa ofensiva foi uma «vitória» incontestada, isto é, se as decisões propostas pelo vice-pi-meiro-ministro foram, na realidade, aceites por todos. Pode-se duvidar ao ver, por exemplo, evocar a propósito de tudo as resistências ou as hesitações que encontram, não só as importações de material estrangeiro, mas sobretudo o recurso a créditos externos, entre eles os governamentais, assunto expressamente apresentado em Tóquio por Teng Hsiao-ping como devendo ser «estudado».

No dia 1 de Novembro, o «Quotidiano do Povo» censurava a «personalidades importantes» que nunca foram partidárias do «bando dos quatro» o facto de serem prisioneiras de hábitos contrários nos últimos dez anos, de não aceitarem as novidades de bom grado e de se colocarem numa posição «expectante».

Surgem nomes em todos os lábios, em especial o de Wang Tong-hsing, que a sua longa e estreita associação como Mao Ts-tung designa como guardião principal da herança política e ideológica do presidente falecido. Pensa-se também em personalidades «centristas» que foram poupadas pela revolução cultural, entre elas Li Hsien-nien e o próprio presidente Hua Kuo-feng, e que continuam a ocupar posições estratégicas na direcção do regime. Sem esquecer, enfim, várias personalidades como Wu Teh ou o antigo primeiro-secretário do Sinkiang, Saifudin que, embora tendo perdido as suas funções locais ou regionais, conservam o seu lugar no «bureau» político. ●



não foi somente feito no plano administrativo e as acusações mais graves são políticas. Em suma, o antigo presidente da Câmara de Pequim é acusado de ter posto entraves à «campanha de crítica ao bando dos quatro» e de não ter feito nada para esclarecer vários casos que datam dos últimos anos. Entre os «principais» desses casos, que Lin Hun-chia quer ver solucionados «em público» figuram o da senhora Nieh Yuan-tsu, autora do primeiro «dazibao» afixado em Pequim no início da revolução cul-

visto terem tido repercussões à escala nacional, pondo em causa os mais altos dirigentes do regime que continuam nos seus lugares.

Comovidos até às lágrimas

Paralelamente, a reunião de 2 de Novembro anuncia a reabilitação da equipa que dirigia a capital antes da revolução cultural, portanto em primeiro lugar do homem que foi o presidente da Câmara de

dente da Câmara de Pequim anuncia-se como um acontecimento político importante porque equivale a uma condenação da revolução cultural desde as suas origens, visto Pen Chen ter sido, com efeito, a primeira grande vítima do movimento.

Estes acontecimentos ocorridos em Pequim — dos quais só entrevemos o princípio — chamam a atenção, tanto mais que ocorrem num contexto político geral que intriga cada vez mais os observadores. Vários indícios, sérios e con-

CATALUNHA

UM CERTO DESENCANTO

■ Charles Vanhecke

□ LE MONDE

BARCELONA — É inútil procurar sinais de uma Catalunha mais catalã. Tais sinais não existem. Um ano depois de haver reencontrado a sua Generalitat e o seu velho presidente Josep Tarradellas, Barcelona não mudou, nem por dentro nem por fora. Metade bilingue? Já o era, mesmo no tempo de Franco. 44% dos habitantes dessa região, reconhecida, na futura Constituição, como uma «nacionalidade», nasceram noutras regiões da Espanha. Os progressos que se notam aqui e além (nomes de ruas, prospectos políticos, anúncios em catalão) são acompanhados por alguns retrocessos.

Os jornalistas verificam que, dos quatro semanários catalães que circulavam no tempo do franquismo, clandestinamente ou não, só resta um, o do P. C. O semanário *Avui*, lançado em 1976, está a perder leitores. A literatura local há um ano que não prolifera. Velha verdade que se verifica em muitas ditaduras: devido à assimilação entre catalanistas e antifranquistas, o regime anterior fez mais pelo nacionalismo cultural do que o farão decerto muitos decretos da Generalitat.

Dos comunistas aos centristas, a Generalitat tem o mérito de representar todo o leque político catalão. O seu presidente fala e desloca-se com uma autoridade presidencial. Os conflitos internos na Generalitat, os saneamentos de certos colaboradores, a recente demissão do conselheiro do interior, são outros tantos acontecimentos de «política interna» que dão a impressão, através da imprensa, de que a autonomia catalã se tornou uma realidade. No entanto, os estados-maiores insistem mais no significado «político» e até «simbólico» da Generalitat do que na sua existência concreta ou na sua penetração nas mentalidades.

Há uma palavra que surge com frequência nas conversas: desencanto. Ao actuar praticamente no vazio durante um ano, a Generalitat perdeu muito da sua sedução e até da sua popularidade. As batalhas feitas com os ministérios a fim de conseguir o controlo de planos de urbanização ou de serviços hospitalares, os poderes simbólicos concedidos ao presidente, como o de reunir os governadores das quatro províncias, o respeito que Madrid manifesta pelo problema catalão (e que Heriberto Barrera, dirigente do velho partido Esquerda Republicana, considera uma das principais conquistas alcançadas), foram factos muito recentes ou

muito pouco palpáveis para ter modificado a vida quotidiana dos catalães.

Os partidos de esquerda são os primeiros a estar atentos aos sinais de cansaço ou de indiferença que encontram na população. **Se isto continua**, diz Joan Raventos, chefe de fila dos socialistas, **a situação pode vir a radicalizar-se.** Linguagem semelhante no estado-maior do Partido Socialista Unificado da Catalunha (PSUC, comunista), que não esconde que a aparente inutilidade da Generalitat e a prudência com que actua a fim de não quebrar a «**unidade das forças catalãs**», causaram dificuldades nas suas próprias fileiras.

Comunistas, socialistas, centristas de convergência democrática, há um ano que cerram os dentes. Não faltam, porém, as oportunidades. O estilo autoritário de Tarradellas não agrada muito a partidos que representam, do centro-esquerda à esquerda, a grande maioria dos eleitores. Considerado homem de direita, o presidente só é aceite pela maioria dos partidos a fim de assegurar a transição.

O objectivo proclamado em toda a parte é o de «manter a unidade» até à elaboração de um estatuto de autonomia, à sua adopção pelas Cortes e à constituição de um parlamento regional que procederá à eleição, no seu seio, de um novo presidente da Generalitat. O estatuto de autonomia será, com efeito, fruto de um consenso entre todas as forças políticas. Como o de Núria, elaborado em 1931, logo após a proclamação da República. Os políticos catalães acham que é essa a sua melhor arma junto do governo central e do Parlamento de Madrid. Para obter o máximo, terão de interpretar habilmente certos capítulos ambíguos da nova Constituição. Se esta fosse tomada à letra só permitiria uma autonomia muito reduzida, pouco maior do que a que a Catalunha beneficiou antes da guerra civil.

Em matéria de polícia e de justiça há, com efeito, lugar para longas discussões. Entre 1932 e 1938, os catalães controlaram as suas forças policiais e legislaram em matéria civil. Tiveram o seu Supremo Tribunal. A futura Constituição não concede nenhuma dessas atribuições aos territórios autónomos.

Na Esquerda Republicana as pessoas mostram-se cépticas no que diz respeito ao exercício de um poder, delegado por Madrid, portanto revogável em qualquer altura. No Partido Comunista mostram-se satisfeitos com tal perspectiva. **«A solução seria partilhar com Madrid o controlo da ordem pública»**, diz Miguel

Núñez, do comité executivo do P.S.U.C.

Andreu Abello, presidente da «Comissão dos Vinte», encarregada de redigir o anteprojecto de estatuto, recorda que, durante a República, a ordem pública não pertencia totalmente à Generalitat. **«A prova, diz, é que Madrid se apossou dela por duas vezes, em 1934 e em 1938».**

Não haverá autonomia fiscal como o desejavam os militantes catalães intransigentes. Madrid entregará à Generalitat as somas que lhe sejam necessárias para os serviços da sua competência. Devido a isto, os catalães esperam disputas com uma administração que é tradicionalmente jacobina. Se ganharem a partida podem estar certos de que o país terá melhores serviços culturais, sociais e sanitários. Um domínio em que o franquismo não brilhou, sobretudo na região.

O combate pela língua

A Generalitat tem, no entanto, a impressão de ter ganho — pelo menos no plano dos princípios — o combate pela língua e pela educação. Conseguiu que o catalão fosse ensinado já este ano, três horas por semana, nas escolas primárias. Serão, de facto, necessários vários anos para que o seu ensino seja generalizado. A maioria dos professores primários que ensinam na Catalunha (70 % segundo Carlos Sentís, chefe de fila do partido governamental de Barcelona) não sabem catalão. A aprendizagem da língua não será obrigatória para os filhos dos funcionários ou dos militares de passagem pela região. Mais tarde o ensino poderá ser feito em catalão, excepto nos bairros em que a maioria seja hispanófona. E, de resto, provável, diz-se em Barcelona, que a maioria dos habitantes da região prefira conservar o castelhano como primeira língua, visto ser o seu instrumento de comunicação com o resto do país.

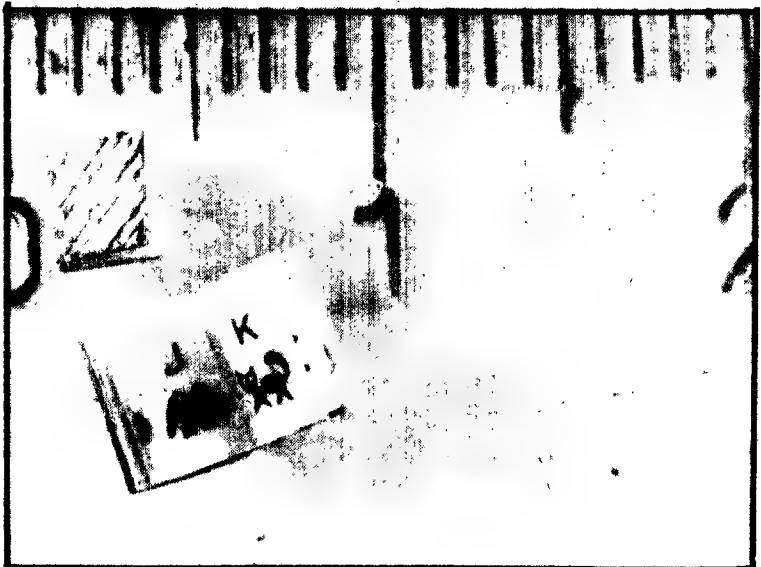
«Não forcamos ninguém. Seremos tolerantes», asseguram os meios políticos, que nunca perdem de vista a parte de emigrados do interior que há na população. Se tudo correr bem, a Catalunha deverá ser um dia totalmente bilingue. **«Mas com o catalão em situação de inferioridade»**, nota Heriberto Barrera, que teria desejado, como muitos outros, inverter a hierarquia dos valores linguísticos: o catalão como língua obrigatória (excepto para as crianças cuja língua materna é o castelhano) e o espanhol como língua facultativa. O progresso é, no entanto, indiscutível, em comparação com 1932. Há quarenta anos o Estado central e a Generalitat tinham cada um deles, à sua rede escolar e haviam sido criadas comissões mistas para a difusão do catalão. Desta vez é a Generalitat que deveria ser em grande parte responsável pelo sistema educativo da região.

Estariam pois reunidas as condições para um verdadeiro salto em frente no aspecto cultural? Se muitos catalães falam a sua própria língua a verdade é que poucos a escrevem, e mal. Os jornalistas que prepararam o lançamento no próximo ano, de um segundo jornal em catalão, *«El Temps»*, confessam que foram todos obrigados a voltar à escola a fim de aprender a escrever a língua de que vão servir-se dentro de alguns meses.

FOTO

EXCLUSIVO

Este elefante pesa quatro toneladas e gosta muito de se ajeitar em cadeira de braços. Ajeita os mimosos bracinhos, senta o traseiro num escabelo, feito para as suas dimensões, e acolhe o tratador Franz Tisch Semore quando este pretende descansar dos seus trabalhos. A cena é quotidianamente observável no Parque da Vida Selvagem de San Diego, Califórnia, EUA. (Foto Keystone)



Três milímetros por 2 e meio: eis as dimensões do livro mais pequeno do mundo, produzido por um editor de Leipzig (RDA). O minilivro (que vemos na foto pousado sobre uma régua contém um alfabeto ilustrado e encadernado em couro. (Foto Keystone)



Graciosos manequins (infelizmente, so lhes podemos admirar as pernas...) apresentaram ultimamente na cidade inglesa de Hull uma nova marca de utensílios sanitários. Muito leves: se assim não fosse, como seria possível transportar a cabeça estas banheiras...? Matéria: plástico ultraligeiro

AFEGANISTÃO

SERVIÇOS DE SAÚDE MELHORAM E ALARGAM-SE

A resolução de problemas ligados à saúde pública foi uma das principais tarefas que se propôs o governo da República Democrática do Afeganistão, depois da revolução de Abril.

No fim do ano afegão, que termina em 20 de Março de 1979, existirão no país 151 centros médicos, o que constitui um progresso considerável dado existirem actualmente, apenas 121. Os centros médicos criarão filiais nas aldeias e agregados populacionais, funcio-

nando já 73 dessas ramificações.

O jornal *«Kabul Times»* assinala que mais de 85 por cento da população activa do país não usufrui de assistência médica qualificada, dada a concentração dos estabelecimentos médicos nas grandes cidades, herança do anterior regime. Foi essa situação que levou o Ministério da Saúde Pública, a tomar a decisão de abrir centros médicos em todas as províncias e regiões afastadas dos grandes centros.

A CORRIDA AOS ARMAMENTOS



Perguntaram um dia a Einstein quais, na sua opinião, seriam as armas utilizadas na Terceira Guerra Mundial. O cientista respondeu que isso não sabia, mas a quarta far-se-ia, sem dúvida, com machados de pedra.

A profecia de Albert Einstein é bem plausível se a humanidade não põe um travão à corrida armamentista e continua a construir meios de guerra cada vez mais mortíferos e destruidores.

As duas bombas atómicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki provocaram centenas de milhares de mortos. Hoje, o arsenal nuclear mundial é, pela sua potência, 1,3 milhões de vezes superior ao dessa época.

Criou-se uma situação paradoxal. Todos, ou quase todos, reconhecem a necessidade do desarmamento — muito poucos negam que a velha tese da «paz apoiada na força» está desfasada — quando essa força é capaz de destruir várias vezes tudo quanto é vivo sobre a Terra e que a verdadeira segurança é garantida pela redução e liquidação das armas e não pela acumulação de mais.

No entanto a corrida aos armamentos prossegue e acelera-se. A fase material de guerra amplia-se. Esta situação não pode ser travada com uma mera avalanche de palavras. É indispensável que as travasções sobre os vários problemas do desarmamento que o Leste e o Ocidente discutem em Genebra, em Viena, em Nova-Iorque conduzam a resultados práticos e tornem real o sonho milenário da humanidade: um mundo sem armas e sem guerras.

Chegou o momento dos dirigentes políticos pensarem seriamente nas suas responsabilidades perante os povos e os destinos do mundo e de se mostrarem dispostos a empreender acções eficazes para inverter a corrida aos armamentos. A que se devem, então, as dificuldades para resolver este problema premente?

Existem, em certos países, forças influentes para quem a proliferação das armas constitui uma fonte impar de enriquecimento. São os complexos militar-industriais.

Um negócio próspero

■ Serguei Baranovski
□ NOVOSTI

Num quarto de século, de 1952 a 1977, o comércio mundial de armamentos aumentou 80 vezes, passando de 300 milhões para 24 bilhões de dólares.

Entre 1950 e 1977, só os Estados Unidos venderam ou forneceram gratuitamente material de guerra no valor de 126 bilhões de dólares, o que o coloca à cabeça desse comércio. No ano passado, por exemplo, metade das exportações mundiais de armamentos foram feitas pelos EUA.

A partir de 1973, a França passou a ocupar o segundo lugar no mundo da produção, exportando um terço da produção militar nacional. De 1971 a 1976 vendeu 45,2 bilhões de francos em armas.

Segue-se em terceiro lugar a Grã-Bretanha. Segundo o *Time*, no ano passado, as encomendas de armas britânicas elevaram-se a 1,9 bilhões de dólares. Cerca de 80 mil operários da indústria de armamento, ou seja um terço do total, executam as encomendas estrangeiras.

Em 1977, a Alemanha Federal atingiu o bilhão de dólares nas encomendas de exportação de armas. Tratam-se de dados oficiais, que não incluem a produção das filiais das sociedades oeste-alemãs no estrangeiro.

Israel figurará no fim deste decénio entre os principais exportadores de armas. Em 1977 Telavive vendeu armas no valor de 400 milhões de dólares e conta atingir, em 1980, o bilhão de dólares.

A China tem neste campo um papel especial, pois não só exporta (essencialmente para regimes reaccionários e países e grupos hostis à URSS) como também importa. Os emissários de Pequim percorrem o mundo à procura de novas armas, técnicas de fabricação de mísseis e aviões, e técnicos. Não hesitam em entrar em contacto com os países da NATO e os monopólios militares.

A China está, por exemplo, actualmente em conversações com a Grã-Bretanha para a compra e fabricação sob licença de 300 caças «Harrier». Na Alemanha Federal, Pequim tenciona comprar helicópteros ao consórcio Messerschmitt-Bölkow-Blohm. Em França já encomendou mísseis anticarro, concluiu um acordo com sociedades japonesas para modernização da indústria chinesa de armamentos. Nos EUA compraram ordenadores e, presentemente, o Pentágono procura facilitar a venda de armas americanas à China.

PARA ONDE VÃO AS ARMAS

Até 1965, os países da NATO, o Japão e a Austrália absorviam 80% das armas. Na segunda metade dos anos 60 e no começo dos anos 70, devido à agressão americana no Vietname, os armamentos passaram a afluir ao Sudeste asiático. Actualmente o grosso das armas é expedido para o Médio Oriente.

A maior parte das exportações dirige-se às regiões explosivas. Grandes quantidades de armas vão parar às mãos de regimes reaccionários que violam os direitos do homem e protegem firmemente os interesses dos monopólios americanos e europeus. Jimmy Carter reconheceu, quando da sua campanha eleitoral, que a política de venda ilimitada de armas se tornou «tanto perigosa como cínica». Ele declarava então que a «falência moral» fazia dos EUA um «arsenal» mundial.

«Diz-se que os americanos vendem as armas pelo lucro, os franceses pela glória e os britânicos para compensar os custos de manutenção das suas tropas. Isso é uma análise demasiado simplista porque nós fazemos todo esse comércio pelo «lucro» escrevia o *The Times* de Londres.

No entanto, para o imperialismo, as vendas de armas são hoje, antes do mais, um instrumento de dominação política e de pressão. «Considera-se geralmente nos EUA que é preciso utilizar os fornecimentos de armas como um dos primeiros utensílios de política ex-

terna...», notava Carter no relatório sobre a política de fornecimentos de armas apresentado o ano passado ao Congresso.

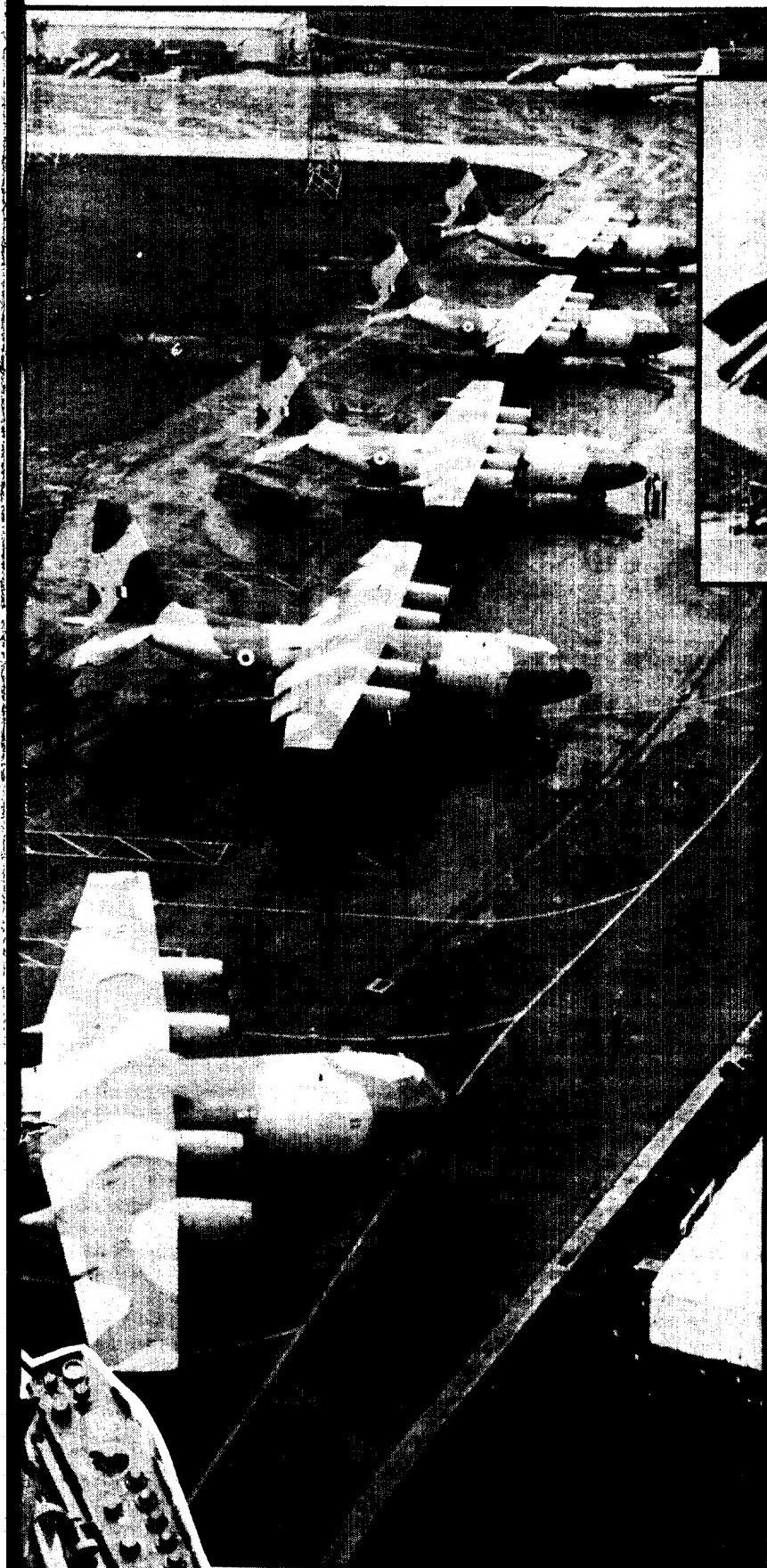
Pagam-se em milhas o aluguer das bases militares ou as matérias-primas que há interesse em importar dos países em via de desenvolvimento. Ora, se os fabricantes de armas realizam bilhões de dólares em lucros, os seus clientes, sobretudo do «Terceiro Mundo» carregam um pesado fardo. Ao consagrarem somas consideráveis à compra de armas caras, estes Estados dispõem fundos e recursos indispensáveis ao desen-

volvimento da agricultura e da indústria bem ainda como à satisfação de necessidades sociais e culturais.

Como imensas quantidades de armas caem entre as mãos dos regimes reaccionários, os «pontos nevrálgicos» tornam-se mais numerosos e a conjuntura internacional agrava-se. É o que confirmam os dados do hebdomadário inglês *New Scientist*. De 1945 a 1976 houve no mundo 133 conflitos militares, grandes e pequenas, nos quais participaram tropas de mais de 80 Estados e que fizeram dezenas de milhões de vítimas. ●



AMENTOS – 1



Números elucidativos

* A soma dispendida anualmente em armas e manutenção de exércitos, corresponde ao PNB (produto nacional bruto) anual dos países subdesenvolvidos, cuja população anda pelos 2 mil milhões de pessoas.

* O orçamento militar dos Estados Unidos seria suficiente para se construir habitações condignas para aqueles que, em todos os países capitalistas, vivem em bairros de lata.

* Em 1977, os países da NATO destinaram para fins militares cerca de 166 mil milhões de dólares. Se este dinheiro se repartisse entre os dez mil milhões de desempregados que actualmente existem nos Estados Industriais do Ocidente, cada um receberia uma soma várias vezes superior ao salário médio actual dos seus compatriotas.

* Cada bilião de marcos economizados pelo Bundeswehr (Exército Federal) nos armamentos permitiria formar 100.000 jovens operários ocidentais durante um ano.

* Um submarino atómico americano do tipo «Trident» custa 1.200 milhões de dólares, ou seja a quantia suficiente para se construir 240 hospitais.

* O tanque alemão-ocidental «Leopard» custa tanto dinheiro como um sanatório bem equipado.

* Na construção do caça norte-americano F-16, um avião barato, gastam-se cerca de oito vezes os 83 milhões de dólares que permitiriam à Organização Mundial de Saúde vencer a varíola no mundo.

Deus e a bomba

■ Jean Toulat *

□ Le Monde

Abro o Evangelho. A primeira mensagem proclama, pelo Natal: «Paz aos homens que Deus ama»; e a última, pela Páscoa: «A paz seja convosco!».

Os primeiros cristãos tinham compreendido, e recusavam fazer a guerra ou executar uma sentença capital. «Deus, — escreve São Cipriano — quer que o ferro sirva para cultivar a terra e não para matar». Que diria ele hoje do genocídio nuclear?

É certo que desde o imperador Constantino há mãos eclesiásticas que abençoavam arcabuses e canhões. Houve mesmo a 6 de Agosto de 1945 um capelão que invocou o céu para que a equipagem do **Enola-Gay** levasse «a bom termo» a sua missão em Hiroshima.

Mas as vozes verdadeiramente autorizadas têm uma linguagem diferente. «Crime contra Deus e contra o próprio homem», diz a Vaticano II de «todo o acto de guerra que tenda à destruição de cidades inteiras com os seus habitantes». E

Paulo VI, ao receber a 27 de Abril de 1968 os cientistas, insistia: «Deve haver coragem para renunciar quando isso é necessário. Devem tomar-se medidas para evitar, para conjurar o fabrico e a utilização das armas nucleares, das armas bacteriológicas, e de qualquer outro meio que extraia do progresso científico o poder diabólico de infligir horribles devastações a populações inteiras».

«Poder diabólico». Pois não será graças ao diabo e não a Deus que as nações oferecem sacrifícios à divindade atómica? «Pai da mentira», «homicida desde a origem»; Satanás é assim qualificado pelo evangelista João. Ele destila os seus sofismas nos espíritos a fim de os dirigir para fins mortíferos: o homem põe o seu saber, a sua sagacidade, a sua criatividade, ao serviço da destruição. A arma atómica ou bacteriológica não ataca somente os indivíduos mas também a raça. Ela contamina a vida na sua origem, devido às repercussões genéticas que provoca. Ela mata até ao futuro.

O próprio vocabulário dos estrategos é desviado. Geração, esse termo pleno de vida, designa séries de engenhos capazes de destruir uma parte da actual geração. Silo

é, diz-nos o Larousse, um depósito de sementes. O silo atómico semeará a morte. Objectivos demográficos? Traduza-se: destruição de populações inteiras. Alienadas pela dialéctica nuclear, as inteligências chegam a jogar com os mortos como se de simples números se tratasse. A unidade de medida torna-se a «megamorte» ou «megabod», um milhão de mortos. Já não se mata, «supermata-se» (overkill).

«Sereis como deuses», continua a sussurrar o Diabo. Um só homem, um simples mortal, arroga-se o direito de vida e de morte sobre centenas de milhares de seres humanos, ao desencadear o terror atómico.

E a ordem podia vir em França de Taverny. Este «santuário» das forças de ataque esconde-se sob uma colina atravessada por uma rua que tem nome inesperado de João XXIII, apóstolo da paz, que pede, na **Pacem in Terris**, «a proscrição da arma atómica».

Porque o Papa João bem sabia: «Ninguém pode servir a dois amos. É preciso escolher entre Deus ou a bomba».

(*) Autor de «A bomba ou a vida»

A mina de ouro dos monopólios

■ Alexei Korobeinikov

□ Novosti

A corrida aos armamentos transformou-se numa fonte inesgotável de enriquecimento dos fabricantes de armas e, ao mesmo tempo, em sugadoiro que absorve colossais recursos materiais, financeiros e de mão-de-obra.

As despesas militares dos Estados Unidos que eram em 1965, inferiores a 52 biliões de dólares, aproximam-se hoje dos 130 biliões, ou seja, multiplicaram-se 2,5 vezes em 13 anos. Neste espaço de tempo os créditos militares foram acrescidos 2,8 vezes na RFA, 2,2 vezes na Inglaterra e tri-

plicaram na França. Verifica-se pois uma situação paradoxal: quanto mais tempo dura a paz nestes países, maiores são os gastos nas necessidades militares e mais poder económico ganham os seus complexos militar-industriais (CMI).

Segundo os dados do último recenseamento nos EUA, as actividades do CMI estenderam-se a uma centena de ramos e sub-ramos da indústria nacional. O Pentágono estabeleceu contratos com mais de 120.000 companhias, das quais mais de 20.000 são concessionários principais. A melhor fatia cabe, evidentemente, aos maiores monopólios. Cinco deles — a Lockheed, a General Electric, a General Dynamics, a McDonnell Douglas e

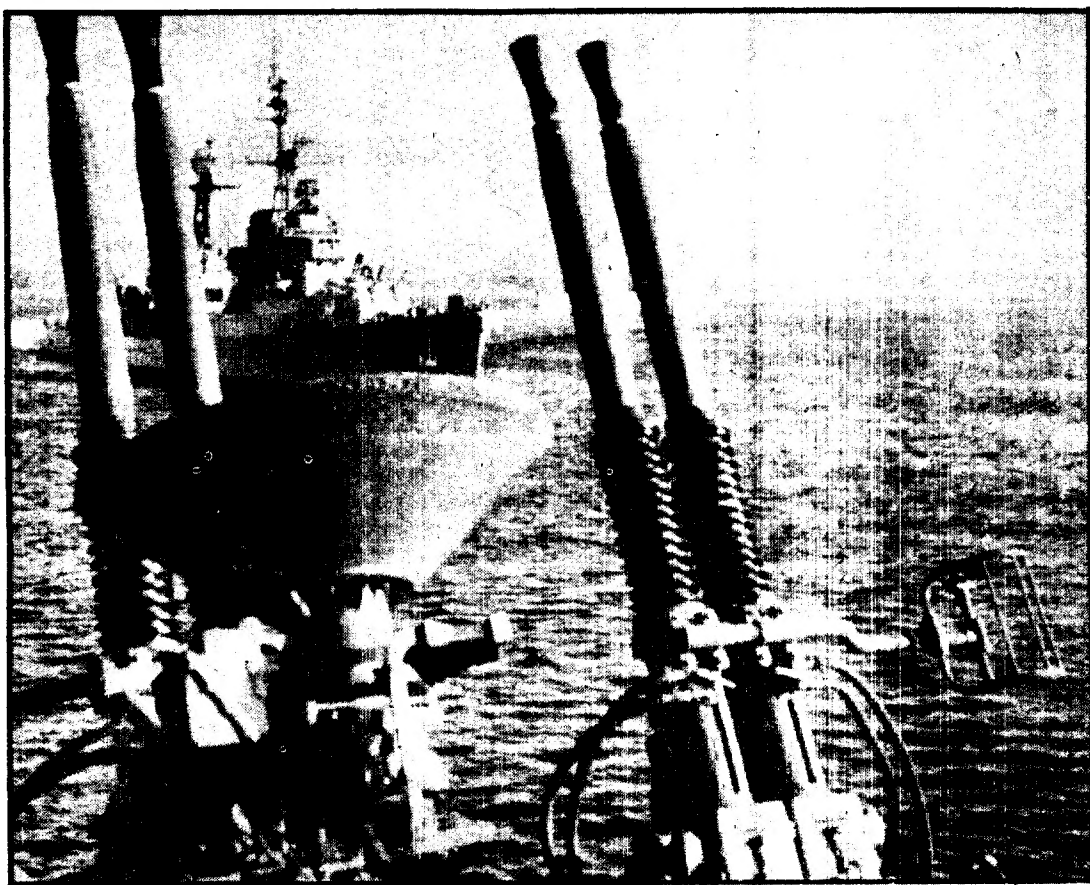
a United Technologies — atingiram, ao longo destes cinco anos, cerca de um quarto do valor total de encomendas. Outras 25 importantes firmas dividiram entre si mais de metade do «bolo militar». Para o próximo ano financeiro o orçamento norte-americano destina à compra de armamento qualquer coisa como 40 biliões de dólares.

A base económica do CMI americano é constituída por empresas que fazem parte dos monopólios privados, e fornecem dois terços da produção militar ao país. Mas a indústria da guerra recorre igualmente às capacidades dos ramos civis. Cerca de 20% da sua produção (na radioelectrónica, 40%) é absorvida pelo Pentágono.

Também nos países capitalistas

da Europa Ocidental a maior parte da produção de armas e técnicas militares encontra-se nas mãos do capital privado. Isto é particularmente verdadeiro no caso da Alemanha Ocidental onde, como nos Estados Unidos, se formou um grupo de consórcios, chefe de fila da indústria de guerra. As Messerschmidt-Bölkow-Blöhm (MBB), Dornier (aviões e foguetões), Krauss-Maffei (carros), Howaldt-Werke Deutsche (navios de guerra), Siemens e AEG-Telefunken (radioelectrónica), são apenas alguns exemplos. Muitas outras importantes firmas industriais da RFA participam na produ-

ARMAMENTOS



A mina de ouro dos monopólios

5 ▶

ção para fins militares que ocupa mais de 220.000 pessoas.

Entretanto, em França, os maiores fabricantes de armas são a SNECMA, a Dassault, a Matra e a SNIAS. Mais de metade dos 270 mil ocupados na produção de material bélico trabalham em empresas privadas.

Cerca de trinta por cento da produção do CMI francês destina-se ao estrangeiro, o que faz da França o primeiro-exportador de armas da Europa Ocidental.

Economias militarizadas

O que arrasta os capitais privados para o negócio da guerra e quais as causas do crescimento contínuo das produções militares nos países capitalistas?

Na realidade estes Estados criam as melhores e mais propícias condições para que os magnates da indústria de guerra detenham grandes lucros. Poem a disposição dos fabricantes de armas créditos enormes, cobrem a maior parte das despesas para a conclusão das armas mais modernas e manutenção das capacidades de produção paradas.

Não é raro que os Estados vendam aos monopólios com prejuízo, empresas inteiras para o fabrico de armas fornecendo-lhes as matérias-primas com facilidades de pagamento, os consórcios de guerra têm problemas de mercado, por isso os Estados pagam muitas vezes adiantado as armas que ainda estão nas linhas de fabrico.

Todas estas facilidades contribuem para uma circulação muito mais rápida dos capitais em relação à produção civil, tornam os consórcios militares reais competitivos e proporcionam estabilidade ao capital privado.

A militarização da economia dos Estados capitalistas é uma constante directamente ligada à natureza agressiva do imperialismo.

A corrida aos armamentos e às técnicas de guerra mais aperfeiço-

adas aumentam muito o seu custo. Está calculado que cada nova qualidade de armas, muito especialmente aviões e navios de guerra, é 3 a 5 vezes mais cara que a precedente.

O obstáculo CMI

A corrida ao «aperfeiçoamento» das armas suscitou um progresso impetuoso dos trabalhos de pesquisa, de estudos e de experimentações para fins militares. Por exemplo, os Estados Unidos despendem nesse capital 60% dos meios concedidos para o desenvolvimento da ciência.

No entanto, as descobertas ligadas à criação e à sofisticação das armas não podem sempre, embora isso fosse necessário, ser aplicadas para fins pacíficos. Assim o provam os factos: quanto mais complicados são os engenhos de combate, menos possibilidades há para uma troca de experiência científica entre as esferas militar e civil. Por outro lado, um conjunto de descobertas científicas na esfera militar, devido ao segredo, só com um atraso de muitos anos podem reverter em proveito social.

A influência negativa da corrida aos armamentos reflecte-se também na solução dos problemas sociais e económicos, tanto à escala nacional como à escala internacional. O abastecimento racional de matérias-primas e energia, a construção de habitações, a instrução e a saúde pública, a protecção do ambiente, o desenvolvimento dos transportes, são alguns dos problemas adiados de ano para ano porque o dinheiro é devorado pelos aviões e foguetões, os carros e navios de guerra atómicos porta-mísseis.

Há na Terra 800 milhões de analfabetos. Em 40 países existe um médico para 10.000 habitantes, cerca de 100 milhões de pessoas sofrem de subalimentação. E mesmo no país capitalista mais rico — os Estados Unidos — mais de 25 milhões de pessoas, segundo dados oficiais, vivem na miséria.

Todos estes problemas poderiam ser resolvidos com a inversão da cadeia da corrida aos armamentos e a reconversão da indústria de guerra em produção pacífica. Existe, porém, um grande obstáculo: as forças do militarismo, os complexos militar-industriais.

Os advogados dos monopólios de guerra tentam provar que a militarização é quase um benefício para toda a economia. No seu entender, permite travar as crises, contribui para aumentar o número de empregos e acelerar a cadência do progresso económico. Para defender a estranha tese, argumentam que a indústria de guerra foi a que menos sofreu na crise dos últimos anos, que a produção de armas proporcionou centenas de milhares de empregos que a corrida aos armamentos estimula o progresso científico-técnico.

E, porém, evidente que os resultados práticos são justamente os contrários. A aplicação de biliões na produção de meios de destruição significa que são subtraídos, todos os anos, à esfera do desenvolvimento geral da economia, recursos colossais — financeiros, materiais e de mão-de-obra. E isto, com um prejuízo total, porque as armas não são mercadorias de consumo nem meio de produção e não podem por conseguinte, permitir recuperar o dinheiro gasto nelas.

O Estado procura cobrir as despesas militares, sempre crescentes, aumentando os impostos, o que provoca dificuldades de escoamento de artigos no mercado interno, reduz o poder de compra e agrava as contradições entre a produção e o consumo. Este facto é pois reconhecido por numerosos economistas ocidentais. O professor americano K. Boulding defende que o desenvolvimento da «máquina de guerra» reduz entre 15% e 20% o poder de compra de uma família americana média.

A militarização da economia influencia igualmente a situação financeira geral dos países capitalistas, aumenta o défice orçamental e desequilibra o pagamento entre Estados. ●

A greve metalúrgica de São Paulo

■ Armando César

□ IPS

Rio de Janeiro — Novembro — Alguns dos vinte mil trabalhadores que se concentraram em frente do Sindicato dos Metalúrgicos em São Paulo, diziam referindo-se ao seu Sindicato: «Finalmente o gigante despertou».

Na verdade o Sindicato tinha passado os últimos 15 anos a hibernar. Tinha limitado as suas actividades ao cumprimento da legislação sindical brasileira, prestando assistência médica e recreativa dos seus 300 mil associados.

«O Gigante» despertou quando 148 mil trabalhadores entraram em greve exigindo aumentos salariais na ordem dos setenta por cento, mais vinte e sete por cento que a percentagem estabelecida pelo Governo. Um milhar de fábricas pararam as suas actividades durante setenta e duas horas.

Em menos de oito meses foi a terceira manifestação de força de um dos sectores mais influentes da economia brasileira.

A primeira, efectuou-se na região de São Bernardo do Campo e Diadema, no Estado de São Paulo, onde se encontram as grandes fábricas de automóveis. Esta movimentação de São Bernardo terminou com um aumento salarial de aproximadamente dezasseis por cento. A segunda greve do sector decorreu há semanas na cidade de Betim, Minas Gerais, em que paralisaram dez mil metalúrgicos durante três dias, tendo conseguido um aumento de dez por cento. Não se sabe se, entusiasmados com estes resultados ou pressionados pela perda do poder de compra os paulistas começaram também a sua luta reivindicativa. Fundamentaram as suas exigências num relatório elaborado pelo «Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sociais» (DIESSSE) que, além de denunciar a distribuição injusta do rendimento em São Paulo, comprovou a redução dos salários reais em cerca de trinta e oito por cento nos últimos cinco anos.

Outro facto que deve ter contribuído para que se iniciassem as greves de São Paulo foi, sem dúvida, o assassinato de um dos trabalhadores, Nelson Pereira de Jesus, às mãos do advogado Cassio Svaterna, proprietário da «Metalúrgica Alfa». Conhecido militante de organizações de e extrema-direita como o «CCC» (Comando Caça Comunistas) disparou o seu revólver calibre 38 contra Nelson, quando este exigia o pagamento

de 387 cruzeiros, aproximadamente vinte dólares.

Não contente com o seu crime, o patrão da Alfa orgulhava-se de ter disparado sobre Nelson e ameaçava os seus trabalhadores na fábrica no momento em que o corpo do operário era levado para a morgue: «Se mais alguém nesta empresa quiser reivindicar alguma coisa receberá o mesmo tratamento: Um tiro.»

Apesar da inexperiência neste tipo de movimentação reivindicativa (há pelo menos quinze anos que não se efectuava nenhuma greve na cidade de São Paulo), os metalúrgicos souberam resistir às provocações desse empresário. As negociações duraram cinco dias e depois de setenta e duas horas de paralisação, trabalhadores e empresários concordaram num aumento de cinquenta e oito por cento. Não chegaram aos setenta por cento reclamados, mas de qualquer maneira foi considerada uma vitória.

Paralelamente com as negociações, os trabalhadores metalúrgicos conseguiram ainda que os empresários reconhecessem que as leis sociais estão ultrapassadas.

Um dos dirigentes dos empresários, o industrial Luiz Eulálio de Buenos Vidigal, presidente da «Sindipeca» (Associação de Proprietários de Fábricas de Peças de Automóveis) confirmou: «Esta legislação há já muito tempo que não serve os trabalhadores e muito menos os proprietários que estão empenhados num novo capitalismo.»

O Governo, por sua vez, mudou de tática. Não acusou os grevistas de subversivos e perturbadores da ordem. Pelo contrário, manteve-se afastado da movimentação, permitindo que empregados e empresários negociassem.

«Faremos como os bombeiros, explicou o ministro do trabalho Arnaldo Prieto, só entraremos em cena quando o tordo do circo estiver a arder.»

Como as coisas nunca chegaram a ponto de haver incêndio, o ministro declarou através de uma rede de televisão, após concluído o acordo entre ambas as partes: «O Governo vai proceder a um estudo para reformar o sistema sindical brasileiro, dando inclusivamente uma nova redacção à actual lei da greve» que praticamente proíbe ou considera ilegal qualquer manifestação de trabalhadores.

Falta saber quando essas promessas serão concretizadas, já que é hábito do Governo tornar-se extremamente generoso em períodos pré-eleitorais como o actual. ●



KAREL CAPEK UM ESCRITOR CHECOSLOVACO

O relativismo definitivo diz, e tentem apreciar o alcance e a delicia desta verdade: há coisas que não são relativas.

(Karel Capek na sua meditação sobre a palavra «relativo»).

O escritor checo Karel Capek morreu a 25 de Dezembro de 1938 em Praga. Naquele dia foi publicado no Jornal Popular, com o qual colaborou durante longos anos, o seu artigo «Saudações». Nesse artigo — como se se despedisse — ele recorda os seus encontros com as pessoas em Inglaterra, França, Alemanha e Espanha. Lembra-se dos encontros que foram feitos de entendimento mútuo e que por isso servem para o escritor como a prova da possibilidade da coexistência das pessoas de diferentes idiomas, profissões e convicções, na base da confiança mútua. Nos momentos da pior decepção, nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, Karel Capek, antes de morrer, lança novamente um apelo à humanidade que existe nos seres humanos, expressa a sua profunda confiança nos homens, na qual se baseia toda a sua obra.

Os últimos meses da vida do mundialmente conhecido autor dos dramas e romances — que nas visões utópicas advertiram da ultrapassagem do mundo sobre a humanidade — tornaram-se a realização horrorosa desta ultrapassagem na prática. A noite de 29 a 30 de Setembro de 1938 quando os chefes dos governos da Grã-Bretanha, França, Itália e Alemanha assinaram o chamado tratado de Munique, que privou a Checoslováquia das suas regiões fronteiriças, constituiu um passo decisivo para a luta que Capek advertiu — a luta do nazismo pela dominação do mundo. O escritor que desconhecera qualquer histeria e revelação dos seus próprios sentimentos, comentou este tratado com ironia amarga numa das suas curtas fábulas: «Os acordos existem para serem cumpridos pelos mais fracos. Para a paz, nenhum sacrifício por parte dos outros é bastante grande».

Por cruel ironia do destino também a aldeia de Malé Svatonovice, Boémia do Nordeste, onde Karel Capek nasceu a 9 de Janeiro de 1890, encontrou-se na zona ocupada pela Alemanha. O escritor suportava isso com grande aflição. O meio ambiente familiar — o seu pai era médico — ofereceu a Karel Capek e a seu irmão Josef, que se tornou destacado pintor mais tarde (nascido em 1887 — morreu em 1945 num campo de concentração nazi), amplas possibilidades para o desenvolvimento cultural, e justamente a esta influência se deve o facto de que mais tarde se tornou inseparável da arte de Capek — o amor às pessoas simples e sofredoras; a admiração do trabalho bem executado que fez das suas obras o que elas são — o domínio perfeito da arte de escrever, como se reflectisse a admiração de uma criança que contempla a habilidade com que os artifices da região natal de Capek trabalhavam.

Assim, Karel Capek era fãtico pelo trabalho, pelo bom trabalho, quer o seu resultado fosse uma obra literária, ou uma mesa. Esta sua honestidade criadora existe em todas as coisas das quais se

ocupou, e não foram poucas. Ele foi principalmente um artista criador, escritor: isto significa poeta, prosador, autor dramático, tradutor e crítico. Foi encenador, dramaturgo, mas também filósofo, esteta, crítico e artista plástico — pelo menos com os seus próprios desenhos nos seus livros de viagens.

Foi também jornalista, um dos maiores que o jornalismo checo conheceu. Mas foi igualmente jardineiro, colecionador de tapetes, conhecedor do folclore municipal e da música exótica. Foi também o cidadão que exprimiu corajosamente a sua opinião relativa aos problemas públicos e que defendeu a humanidade, lá onde isso era necessário.

Destes factos ficou claro que num curto apontamento é impossível falar sobre todas as esferas da actividade humana que Karel Capek influenciou de modo relevante. É impossível mencionar toda a sua actividade literária — desde os contos de fadas, através de reportagens até aos contos policiais. Mas mencionemos, pelo menos, os pontos-chaves da sua criação literária. Depois dos primeiros livros escritos juntamente com seu irmão Josef, e depois dos ciclos dos contos publicados independentemente, Capek tornou-se de repente mundialmente famoso graças ao seu drama R.U.R., com o subtítulo «Rossum's Universal Robots» de 1920. Essa peça teatral passou verdadeiramente pelo mundo inteiro, sendo apresentada, somente nos anos de 1921 a 1928, na Alemanha, Polónia, Jugoslávia, Estados Unidos, Inglaterra, Áustria, Suíça, Hungria, França, Noruega, Suécia, Bélgica, Bulgária, Dinamarca, Estónia, Austrália, Lituânia, Espanha, Finlândia e Itália. Capek inventou a palavra «robot» que passou a ser usada em todos os idiomas; Capek sozinho tornou-se um dos pais da moderna «science-fiction».

Qual foi o sentido desse drama científico-fantástico sobre a rebelião dos «robots» que conseguiu tão grande sucesso? O próprio autor explicou-o em The Saturday Review, em 1923, ao responder à discussão sobre a peça teatral R.U.R. em St. Martin's Theatre em Londres, da qual participaram também G.K. Chesterton e G.B. Shaw: «A invenção do cérebro humano infelizmente escapou das mãos dos seres humanos».

Esta ideia angustiante passou a ser uma constante que influenciou toda a criação de Capek, conquistando os leitores de todo o mundo para as suas restantes obras. E não só pelo facto de Capek expressar a angústia do futuro, por exemplo nos romances «Fábrica do Absolutismo» (1922), «Krakati» (1924), ou a «Guerra das Salamandras». Todas essas obras não reflectiam somente o futuro, mas também a actualidade, representando, ao mesmo tempo, uma aguda sátira da situação social contemporânea e relações humanas (como por exemplo na peça de teatro «Da vida do insecto», escrita por ele e seu irmão Josef em 1921). Essas peças e outros livros mostraram o mundo com as suas contradições, que afinal o levaram para a Segunda Guerra Mundial e à primeira explosão da bomba atómica, sobre a qual Karel Capek já havia escrito em «Krakati» em

1924. O tema dos livros mencionados não representava a ameaça do progresso científico-fantástico, mas o problema moral — a responsabilidade do homem pela sua missão no mundo, a necessidade de impedir o mal, esforçar-se pela actividade prática para que o homem não perca o controlo sobre si mesmo.

Esse esforço recebe formas cada vez mais concretas perante a ameaça do fascismo, atingindo o auge nos dramas «Doença Branca» (1937) e «Mãe» (1938). Mas Capek não era o escritor que apenas adverte e alarma, as suas obras contêm também uma concreta solução da vida. Capek não era utilizador de grandes palavras, nem defensor fanático de uma verdade procurada. No seu pensamento sóbrio, mas sensível, sobre o mundo, convivia a filosofia do pragmatismo e o relativismo — resultando disso também o seu interesse pelo homem simples e pelo seu trabalho, aquilo que cria uma constância elementar mas positiva do olhar de Capek sobre o mundo, reflectindo-se entre outras obras igualmente nos seus «Contos de um e doutro bolso» (1929), na trilogia poética «Hordubal», «Meteor», «Vidas simples» (1933-1934) e no romance «Primeira Turma» (1937). «Pretendeste fazer grandes coisas mas vais fazer pequenas e assim será justo» — disse no romance «Krakati» o avô dos contos de fadas ao cientista Procópio. É precisamente neste humanismo activo, criador e prático, que Capek vê a missão humana. Não é preciso concordar com todas as opiniões filosóficas de Capek, mas a sua obra supera todos os pontos fracos da sua filosofia e o seu humanismo

21 de Novembro de 1978
EXCLUSIVO

■ Jiri Rulf

□ AGENCIA ORBIS



patético, que alarmava e ainda hoje alarma e adverte o mundo inteiro, é com certeza de grande importância.

Capek, homem esbelto e fraco, sofreu desde a sua infância de grave doença da coluna vertebral. Não era um modelo de herói nem de revolucionário. Os seus olhos, nas fotografias de então, não expressavam o entusiasmo de um combatente fervoroso, mas uma compreensão e profundo amor para com todo o ser humano. Pois, a pesar do pensamento interior de Capek estar mais próximo do entendimento relativista do mundo, existia algo mais não relativista, ou seja, o homem e a sua vida neste mundo. A 15 de Março de 1939, no dia da ocupação da Checoslováquia, os nazis tocaram a campanha da casa de Praga de Capek. Chegaram a detê-lo, não sabendo

nada sobre a sua morte, mas estando conscientes do grande perigo que este humanista e defensor da paz representava para eles enquanto estivesse vivo. No entanto, ele representou, também depois de morto, um grande perigo para eles. Julius Fucik ao referir-se à repercussão da morte de Capek, na nação checa, escreveu: «Milhares de cidadãos pragueenses passavam em redor da fresca sepultura de Karel Capek. Era um verdadeiro desfile de seres humanos em homenagem ao escritor morto. Milhares de pessoas de várias profissões — operários, funcionários, professores, estudantes, artesãos, num desfile silencioso, rodeavam a sepultura como se quisessem dizer algo a Capek morto, como se quisessem prometer-lhe algo, e, sozinho, ouvir algo dele. Sim, esse desfile silencioso falava.»

CIÊNCIA

UM VESTÍGIO DO NASCIMENTO DO NOSSO UNIVERSO

A descoberta, pelos americanos Penzias e Wilson (Prémios Nobel de Física, 1978), do «ruído de fundo de radiação cósmica» foi uma prova extremamente importante para a teoria do «big bang», pela primeira vez proposta por outro americano, George Gamov. Segundo essa teoria, o nosso universo nasceu há dez ou vinte bilhões de anos, de uma fantástica explosão de matéria.

Poder-se-ia dizer de uma explosão de energia. Um centésimo de segundo depois do «momento zero», a temperatura do universo era, segundo a referida teoria, da ordem dos 100 bilhões de graus. Se se admitir a hipótese de o universo ter acabado, ele teria uma circunferência de 125 bilhões de anos-luz: um centésimo de segundo depois do momento zero, essa circunferência seria de uns quatro anos-luz. O universo era então um caído indiferenciado de irradiação e matéria, porque em grande parte a matéria se transformava em irradiação e vice-versa.

Quando Penzias e Wilson inicia-

ram os seus trabalhos estavam longe de pensar que iam pôr em evidência aquilo que ainda hoje resta da irradiação original. Como dispusessem de uma antena de rádio que serviria para o estudo das telecomunicações com a ajuda do satélite Echo, resolveram utilizá-la para o estudo da intensidade das ondas de rádio emitidas pela nossa galáxia, a Via Láctea. Como essa intensidade era muito fraca era importante conseguir uma recepção muito pura, com o menor ruído de fundo possível.

Para sua grande surpresa, os dois investigadores da Bell encontraram-se às voltas com um ruído de fundo impossível de eliminar, e que, para mais, era sempre o mesmo fosse qual fosse a hora do dia, e sobretudo, fosse qual fosse a direcção em que a observação era feita, o que punha de parte a hipótese de se tratar de qualquer fenómeno devido à atmosfera terrestre.

Este ruído de fundo cósmico tem, para mais, características extremamente precisas: ele corresponde principalmente àquele que

seria emitido por um corpo fictício (os físicos chamam-lhe um «corpo negro») que teria uma temperatura de uns 3,5 graus acima do zero absoluto.

A notícia da descoberta tornou-se rapidamente conhecida no seio da comunidade científica. Um jovem teórico de Princeton, P.J.E. Peebles, tinha justamente calculado pouco antes que, se a teoria do «big bang» fosse válida, devia haver um ruído de fundo de ondas de rádio correspondente a uma «temperatura de corpo negro» de uns 10 graus absolutos. Este ruído seria o que resta da irradiação produzida pela brutal expansão original.

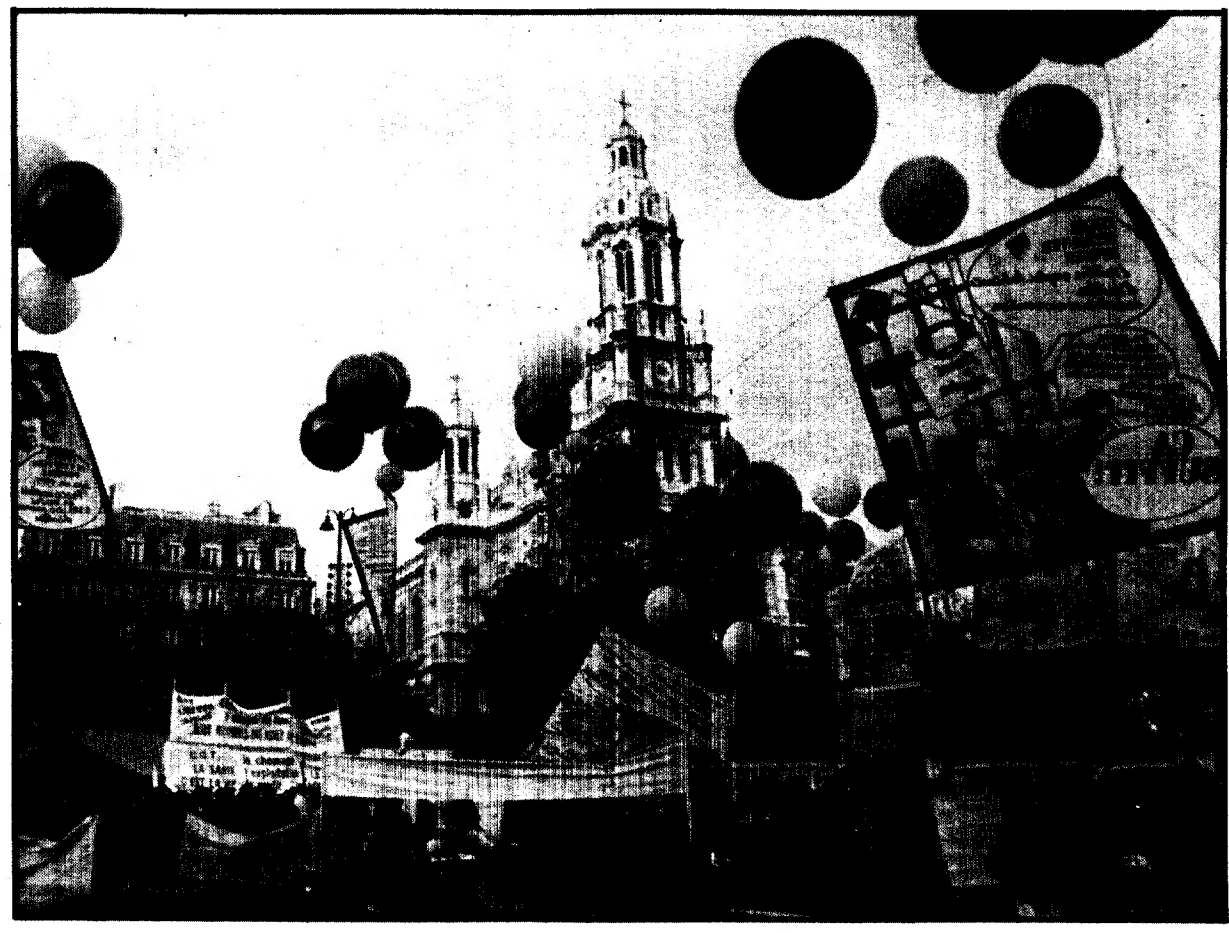
A experiência e a teoria não tardaram em concordar. Hoje admite-se em geral que o elo entre o ruído de fundo da rádio e o «big bang» está bem estabelecido. E os teóricos da cosmologia dispõem também de mais uma ferramenta para o conhecimento dos fenómenos complexos que tiveram lugar nos primeiros momentos do nosso universo. ●

PELO MUNDO

Dúvidas sobre o "bebé" proveta

A Fundação Barren (Instituto americano de investigações sobre a fertilidade), com sede em Nova Iorque, declarou num comunicado difundido pelo seu vice-presidente, que não entregará a medalha de ouro ao doutor Steptoe pelo «êxito do primeiro bebé-proveta». «Há uma grande preocupação no mundo médico com o bebé-proveta do doutor Steptoe», lê-se nessa declaração. «Ele não publicou nenhum relatório científico; violou a ética médica ao vender a sua história a um jornal, por 650 000 dólares, segundo consta, em lugar de ter publicado numa revista científica. Muitos de nós não estão convencidos de que se trate na verdade de um bebé-proveta. Para mais, é de deplorar que o doutor Steptoe tenha dado falsas esperanças a milhões de mulheres, visto não ter revelado o número dos seus fracassos, — que seria considerável — antes deste nascimento.»

As dúvidas cruamente expressas pelo comunicado da Fundação americana acerca das circunstâncias exactas do nascimento de Luísa Brown são secretamente partilhadas por uma parte importante da comunidade médica e científica internacional. Tais dúvidas não podem desaparecer antes de as técnicas utilizadas e o desenrolar dos acontecimentos da experiência serem descritos de um modo detalhado e controlável numa revista científica. É surpreendente que tal comunicação ainda não tenha sido publicada.



Pela segurança no trabalho

Parece uma festa, mas não é: este grupo de trabalhadores que vemos na foto da Keystone concentrou-se há dias na Praça da Trindade, em Paris, para exigir segurança no emprego. Na concentração participaram trabalhadores dos mais variados sectores da economia francesa e desempregados de Paris e de muitos pontos da província



O herdeiro tem 30 anos

O príncipe Carlos de Inglaterra completou no dia 14 o seu 30.º aniversário natalício. Aqui o vemos em pose oficial, nesse dia, fotografado com o castelo de Ralmoral como pano de fundo. (Foto FERIAQUE)

Semana Internacional dos Estudantes

No dia 17 de Novembro de 1939 milhares de jovens foram massacrados em Praga pelos nazis alemães. Em homenagem à memória desses mártires da luta antifascista, a União Internacional dos Estudantes propôs que essa data passasse a ser comemorada como o Dia Internacional do Estudante e que, todos os anos, de 17 a 24 de Novembro, se celebrasse a Semana Internacional Estudantil de Luta pela Paz e Independência Nacional.

A União Internacional de Estudantes, fundada em 1964 num primeiro Congresso Mundial, reúne hoje mais de 100 uniões e associações estudantis de todo o mundo e foi o resultado lógico da luta dos estudantes democráticos contra o fascismo, nos anos da Segunda Guerra Mundial.

As tradições de luta da UIE são bem conhecidas: foi ela uma das primeiras organizações a promover a campanha mundial de solidariedade com o povo do Vietname e os outros povos da Indochina vítimas da agressão americana.

A UIE encontra-se também na

primeira linha dos defensores dos países árabes e dos denunciadores dos crimes dos israelitas cometidos nos territórios ocupados. A UIE presta ajuda e apoio aos estudantes e jovens do Chile, Uruguai, Paraguai e outros países em luta contra regimes ditatoriais. Esta organização aplaudiu a formação dos Estados independentes nas antigas colónias portuguesas, e no seu activo, figuram a viagem de uma equipa internacional de médicos a Angola e a realização na Guiné-Bissau de um seminário dedicado a Amílcar Cabral.

Actualmente a UIE concede bolsas de estudo a jovens de países em desenvolvimento, a fim de fomentar quadros nacionais, e apoia as organizações estudantis desses países nas suas campanhas de combate ao analfabetismo.

A Semana Internacional dos Estudantes pela Paz e Independência Nacional surge como uma das iniciativas juvenis mais importantes a nível mundial e é pretexto de ampla participação de jovens em campanhas em prol do progresso.



Um almirante chinês em Paris

Uma delegação da Armada chinesa, dirigida pelo vice-almirante Shao Shen esteve recentemente em Paris. A foto da AFP mostra-nos a delegação a receber a guarda de honra à entrada do Ministério da Marinha de França. Esta viagem é mais uma das tantas que os chineses têm vindo a multiplicar aos países ocidentais, susceptíveis de lhes oferecerem uma mercadoria pela qual andam vivamente interessados: armamento

Chile: a Igreja combate pelos direitos humanos

A Igreja Católica chilena consagrou o ano de 1978 à luta pelos direitos humanos. A partir do dia 17 deste mês, iniciaram-se jornadas promovidas pela Igreja Católica no âmbito do programa anual.

No palácio episcopal de Santiago do Chile realizou-se já uma jornada nocturna na qual participaram mais de trinta poetas populares que cantaram em prol dos direitos humanos. De 22 a 25 deste mês, a Igreja promove um simpósio internacional sobre o mesmo tema, no qual participarão altas individualidades eclesiásticas, jurídicas e outras, idas não só de vários países como de vários organismos internacionais.

No âmbito deste Ano dos Direitos Humanos, a Igreja organizou diversas manifestações culturais, como concursos de pintura infantil

e adulta sobre o tema, exposições de livros e gravuras, além de encontros com trabalhadores e juristas especializados nos direitos fundamentais da pessoa humana.

EXCLUSIVO

N.º 47/78

